~~THEY WANT ME TO FORGET.~~
I WILL ALWAYS REMEMBER



DEFY ME

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF THE SHATTER ME SERIES

TAHEREH MAFI

DEFY ME

TAHEREH MAFI

HARPER
An Imprint of HarperCollinsPublishers

Conteúdo

Cover
Folha de rosto

1. Kenji
2. Warner
3. Kenji
4. Juliette
5. Kenji
6. Warner
7. Kenji
8. Juliette
9. Kenji
10. Warner
11. Kenji
12. Juliette
13. Kenji
14. Warner
15. Kenji
16. Ella
17. Kenji
18. Warner
19. Ella
20. Warner
21. Ella
22. Warner
23. Ella
24. Warner
25. Ella
26 Warner

27. Ella
28. Warner
29. Ella
30. Warner
31. Ella
32. Warner
33. Ella

Sobre a autora
Livros Por Tahereh Mafi

Tradução por Whitethornteca: Drive e Traduções.
Sigam nosso twitter @whitethornteca

Kenji

Ela está gritando.

Ela só está gritando palavras, eu penso. São só *palavras*. Mas ela está gritando, gritando com todo seu pulmão, com uma agonia que parece quase um exagero, e isso está causando uma devastação que eu nunca soube ser possível. É como se ela simplesmente… implodisse.

Não parece real.

Quero dizer, eu sabia que a Juliette era forte – e eu sabia que nós não descobrimos a profundidade de seus poderes mas eu nunca imaginei que ela fosse capaz disso.

Disso: O teto está se abrindo. Correntes sísmicas estão subindo pelas paredes, atravessando o chão, batendo nos meus dentes. O chão está roncando sob meus pés. As pessoas estão congeladas no lugar enquanto se agitam, a sala vibrando ao redor delas. Os candelabros balançam rápido demais e as luzes tremeluzem ameaçadoramente. E então, com uma última vibração, três dos enormes candelabros se soltam do teto e se estilhaçam no chão.

Cristal voa em todos os lugares. A sala perde metade de sua luz, banhando o espaço cavernoso com um brilho esquisito, e de repente é difícil ver o que está acontecendo. Olho para Juliette e a vejo encolhida, boquiaberta, congelada ao ver a devastação, e percebo que ela deve ter parado de gritar há um minuto. Ela não pode parar isso. Ela já colocou a energia no mundo e agora...

Tem que ir a algum lugar.

Os tremores ondulam com renovado fervor pelas tábuas do assoalho, rasgando paredes, assentos e pessoas.

Eu realmente não acredito até ver o sangue. Parece falso, por um segundo, todos os corpos flácidos nos assentos com o peito aberto. Parece encenado – como uma piada de mau gosto, como uma produção de teatro

ruim. Mas quando vejo o sangue, grosso e pesado, infiltrando-se nas roupas e estofados, pingando das mãos congeladas, sei que nunca vamos nos recuperar disso.

Juliette acabou de assassinar seiscentas pessoas ao mesmo tempo.

Não há como se recuperar disso.

Eu abro meu caminho através dos corpos quietos, atordoados e ainda respirando de meus amigos. Eu ouço os choramingos suaves e insistentes de Winston e a resposta firme e tranquilizadora de Brendan de que a ferida não é tão ruim quanto parece, que ele vai ficar bem, que ele passou por algo pior do que isso e sobreviveu...

E sei que minha prioridade agora precisa ser Juliette.

Quando chego a ela, a puxo para meus braços, e seu corpo frio e indiferente me lembra a vez em que a encontrei de pé sobre Anderson, uma arma apontada para o peito dele. Ela estava tão apavorada – *tão surpresa* – pelo que fizera que mal conseguia falar. Ela parecia ter desaparecido em algum lugar, como se tivesse encontrado uma pequena sala em seu cérebro e se trancado dentro dela. Demorou um minuto para convencê-la a sair de novo.

Ela nem matou ninguém naquele momento.

Eu tento alertar alguns dos seus sentidos, implorando a ela agora para voltar a si mesma, para voltar a sua mente, para o presente.

— Eu sei que tudo está maluco agora, mas eu preciso que você saia dessa, J. Acorde. Saia da sua cabeça. Temos que sair daqui.

Ela não pisca.

— Princesa, por favor — eu digo, sacudindo-a um pouco. — Nós temos de ir… *agora*.

E quando ela ainda não se move, eu acho que não tenho escolha senão movê-la eu mesmo. Eu começo a puxa-la para trás. Seu corpo flácido é mais pesado do que eu esperava, e ela faz um pequeno chiado que é quase como um soluço. O medo brilha nos meus nervos. Eu aceno para Castle e os outros para irem, para seguir em frente sem mim, mas quando olho em volta, procurando por Warner, percebo que não posso encontrá-lo em lugar nenhum.

O que acontece a seguir rouba o ar dos meus pulmões.

A sala se inclina. Minha visão escurece, clareia e escurece apenas nas

bordas em um momento vertiginoso que dura apenas um segundo. Eu me sinto fora do eixo. Eu tropeço.

E então, tudo de uma vez...

Juliette se foi.

Não figurativamente. Ela está literalmente desaparecida. Desaparecida. Em um segundo ela está em meus braços e no outro eu estou agarrando ao ar. Eu pisco e giro, convencido de que estou perdendo a cabeça, mas quando eu examino a sala, vejo os membros da audiência começarem a se mexer. Suas camisas estão rasgadas e seus rostos estão arranhados, mas ninguém parece estar morto.

Em vez disso, eles começam a ficar de pé, confusos, e assim que começam a se mexer, alguém me empurra com força. Eu olho para cima para ver Ian me xingar, me dizendo para me mexer enquanto ainda temos uma chance, e eu tento empurrar para trás, tentar dizer a ele que perdemos Juliette – que eu não vi Warner – e ele não me ouve, ele apenas me empurra para a frente, fora do palco, e quando o murmúrio da multidão cresce em um rugido, eu sei que não tenho escolha.

Eu tenho que ir.

Warner

— Eu vou matá-lo — diz ela, suas mãos pequenas formando punhos. — Eu vou matá-lo.

— Ella, não seja boba — eu digo, e vou embora.

— Um dia — diz ela, correndo atrás de mim, com os olhos brilhantes de lágrimas. — Se ele não parar de machucar você, eu juro que vou. Você vai ver.

Eu rio.

— Não é engraçado! — Ela chora.

Eu me viro para encará-la.

— Ninguém pode matar meu pai. Ele é impossível de matar.

— Ninguém é imortal — diz ela.

Eu a ignoro.

— Por que sua mãe não faz nada? — Ela diz, e ela agarra meu braço.

Quando encontro os olhos dela, ela parece diferente. Assustada.

— Por que ninguém o detém?

As feridas nas minhas costas não são mais frescas, mas, de alguma forma, ainda doem. Ella é a única pessoa que sabe sobre essas cicatrizes, sabe o que meu pai começou a fazer comigo no meu aniversário dois anos atrás. No ano passado, quando todas as famílias vieram nos visitar na Califórnia, Ella invadiu meu quarto, querendo saber para onde Emmaline e Nazeera tinham ido, e ela me pegou olhando para minhas costas no espelho.

Eu implorei para ela não dizer nada, não contar a ninguém o que ela viu, e ela começou a chorar e disse que tínhamos que contar a alguém, que ela ia contar para a mãe dela e eu disse: — Se você contar à sua mãe eu vou apenas entrar em mais problemas. Por favor, não diga nada, ok? Ele não vai fazer isso de novo.

Mas ele fez isso de novo. E desta vez ele ficou mais irritado. Ele me disse que eu tinha sete anos agora e que estava velho demais para chorar.

— Temos que fazer alguma coisa — diz ela, e sua voz treme um pouco. Outra lágrima roubada escorre pelo rosto dela e, rapidamente, ela a limpa. — Temos que contar a alguém.

— Pare — eu digo. — Eu não quero mais falar sobre isso.

— Mas...

— Ella. Por favor.

— Não, nós temos...

— Ella — eu digo, cortando-a. — Eu acho que há algo de errado com a minha mãe.

Seu rosto cai. Sua raiva desaparece.

— O que?

Eu fiquei apavorado, por semanas, para dizer as palavras em voz alta, para tornar meus medos reais. Mesmo agora, sinto meu coração acelerar.

— O que você quer dizer? — Ela diz. — O que há de errado com ela?

— Ela está... Doente.

Ella pisca para mim. Confusa.

— Se ela está doente, podemos consertá-la. Minha mãe e meu pai podem consertá-la. Eles são tão espertos; eles podem consertar qualquer coisa. Eu tenho certeza que eles podem consertar sua mãe também.

Eu estou balançando a cabeça, meu coração acelerado agora, batendo nos meus ouvidos.

— Não, Ella, você não entende… eu acho...

— O que? — Ela pega minha mão. Espreme. — O que é?

— Eu acho que meu pai está matando ela.

Kenji

Estamos todos correndo.

A base não está longe daqui e nossa melhor opção é ir a pé.

Mas assim que chegamos ao ar livre, o nosso grupo – eu, Castle, Winston, um Brendan ferido, Ian e Alia – ficamos invisíveis. Alguém grita um *obrigada* ofegante na minha direção, mas eu não sou quem está fazendo isso.

Meus punhos se apertam.

Nazeera; Estes últimos dois dias com ela estão fazendo minha cabeça girar. Eu nunca deveria ter confiado nela. Primeiro ela me odeia, então ela me odeia ainda mais, e então, de repente, ela decide que eu não sou um babaca e quer ser minha amiga? Eu não posso acreditar que me apaixonei por isso. Eu não posso acreditar que sou tão idiota. Ela tem jogado comigo esse tempo todo. Essa garota só aparece do nada, magicamente imita especificamente minha habilidade sobrenatural, e então – quando finge ser a melhor amiga de Juliette – somos emboscados no simpósio e Juliette meio que assassina seiscentas pessoas?

De jeito nenhum. Eu chamo isso de monte de merda.

De jeito nenhum isso foi uma grande coincidência.

Juliette participou desse simpósio porque *Nazeera* a incentivou a ir. Nazeera convenceu Juliette de que era a coisa certa a fazer. E então cinco segundos antes de Brendan ser baleado, Nazeera me diz para correr? Me diz que temos os mesmos poderes?

Besteira.

Eu não posso acreditar que me deixei distrair por um rosto bonito. Eu deveria ter confiado em Warner quando ele me disse que ela estava escondendo alguma coisa.

Warner.

Deus. Eu nem sei o que aconteceu com ele.

No minuto em que voltamos à base, nossa invisibilidade é suspensa. Não sei ao certo se isso significa que a Nazeera seguiu seu próprio caminho, mas não conseguimos desacelerar o tempo suficiente para descobrir. Rapidamente, eu projeto uma nova camada de invisibilidade sobre a nossa equipe, vou ter que manter o tempo suficiente para nos levar a um espaço seguro, e estar de volta à base não é garantia suficiente. Os soldados vão fazer perguntas e, no momento, eu não tenho as respostas de que precisam.

Eles vão ficar chateados.

Nós fazemos o nosso caminho, como um grupo, para o décimo quinto andar, para nossa casa na base do Setor 45. Warner acabou de construir essa coisa para nós. Ele limpou todo este ultimo andar para a nossa nova sede – nós nem sequer nos acomodamos – e as coisas já foram para merda. Eu não posso nem me permitir pensar nisso agora, ainda não.

Isso me faz meu estômago embrulhar.

Quando estamos reunidos em nossa maior sala comum, eu faço uma contagem. Todos os membros originais do Ponto Ômega restantes estão presentes. Adam e James aparecem para descobrir o que aconteceu, e Sonya e Sara ficam por perto o tempo suficiente para reunir informações antes de levar Brendan para a ala médica. Winston desaparece pelo corredor atrás deles.

Juliette e Warner nunca aparecem.

Rapidamente, compartilhamos nossas próprias versões do que vimos. Não demora muito para confirmar que todos nós testemunhamos basicamente a mesma coisa: sangue, caos, corpos assassinados, e então… uma versão um pouco menos sangrenta da mesma coisa.

Ninguém parece tão surpreso com a reviravolta distorcida dos acontecimentos quanto eu, porque, de acordo com Ian, “Merdas sobrenaturais estranhas acontecem por aqui o tempo todo, nem é tão estranho” mas, mais importante: Ninguém viu o que aconteceu com o Warner e a Juliette.

Ninguém além de mim.

Por alguns segundos, todos nos encaramos. Meu coração bate duro e pesado no meu peito. Eu sinto que posso estar em chamas, ardendo de indignação.

Negação.

Alia é a primeira a falar.

— Você não acha que eles estão mortos, não é?

Ian diz: — Provavelmente.

E eu pulo para os meus pés.

— PARE. Eles não estão mortos.

— Como você pode ter certeza? — Adam diz.

— Eu saberia se eles estivessem mortos.

— O que? Como...

— Eu apenas saberia, ok? — Eu o interrompi. — Eu saberia. E eles não estão mortos. — Eu respiro profundamente. — Nós não vamos surtar — eu digo com a maior calma possível. — Tem que haver uma explicação lógica. As pessoas simplesmente não desaparecem, certo?

Todos olham para mim.

— Você sabe o que quero dizer — eu digo, irritado. — Todos nós sabemos que Juliette e Warner não fugiriam juntos. Eles nem estavam se falando antes do simpósio. Então faz mais sentido que eles sejam sequestrados. — Eu paro. Olhe em volta novamente. — Certo?

— Ou mortos — diz Ian.

— Se você continuar falando assim, Sanchez, posso garantir que pelo menos uma pessoa *vai* morrer esta noite.

Ian suspira com força.

— Ouça, eu não estou tentando ser um idiota. Eu sei que você estava perto deles. Mas vamos ser realistas: eles não acabaram com o resto de nós. E talvez isso me faça investir menos em tudo isso, mas também me deixa mais equilibrado.

Ele espera, me dá uma chance de responder.

Eu não respondo.

Ian suspira novamente.

— Eu estou apenas dizendo que talvez você esteja deixando a emoção nublar seu melhor julgamento agora. Eu sei que você não *quer* que eles estejam mortos, mas a possibilidade de eles *estarem* mortos é muito alta. Warner era um traidor do Restabelecimento. Eu estou surpreso que eles não tentaram matá-lo mais cedo. E Juliette – quero dizer, é óbvio, certo? Ela assassinou Anderson e declarou-se governante da América do Norte. — Ele levanta as sobrancelhas em um gesto de conhecimento. — Esses dois têm alvos nas costas há meses.

Minha mandíbula aperta. Afrouxa. Aperta novamente.

— Então — Ian diz baixinho. — Temos que ser inteligentes sobre isso.

Se eles estão mortos, precisamos estar pensando em nossos próximos movimentos. Onde iremos?

— Espere, o que você quer dizer? — Adam diz, sentando-se para a frente. — O que vem a seguir? Você acha que temos que ir embora?

— Sem Warner e Juliette, eu não acho que estamos seguros aqui. — Lily pega a mão de Ian em uma demonstração de apoio emocional que me faz sentir violento. — Os soldados prestaram sua fidelidade aos dois – a Juliette em particular. Sem ela, não tenho certeza se eles seguiriam o resto de nós em qualquer lugar.

— E se O Restabelecimento tivesse Juliette assassinada — Ian acrescenta, — eles obviamente estão apenas começando. Eles virão reivindicar o Setor 45 a qualquer segundo agora. Nossa melhor chance de sobrevivência é considerar primeiro o que é melhor para nossa equipe. Já que somos os próximos alvos óbvios, acho que devemos desistir. Logo. — Uma pausa. — Talvez até hoje à noite.

— Mano, você está louco? — Eu caio na minha cadeira com muita força, sentindo que eu poderia gritar. — Nós não podemos apenas sair. Precisamos procurá-los. Precisamos planejar uma missão de resgate agora mesmo!

Todo mundo apenas olha para mim. Como se *eu* fosse a pessoa que perdeu a cabeça.

— Castle, senhor? — Eu digo, tentando e não conseguindo manter a borda afiada da minha voz. — Você quer falar algo?

Mas Castle afundou em sua cadeira. Ele está olhando para o teto, para nada. Ele parece atordoado.

Eu não tenho a chance de me debruçar sobre isso.

— Kenji — Alia diz baixinho. — Eu sinto muito, mas Ian está certo. Eu não acho que estamos mais seguros aqui.

— Não vamos sair — Adam e eu dizemos exatamente ao mesmo tempo. Eu giro, surpreso. Esperança dispara através de mim rápida e forte. Talvez Adam sinta mais por Juliette do que deixa transparecer.

Talvez Adam nos surpreenda a todos. Talvez ele finalmente pare de se esconder, pare de se esconder no fundo. *Talvez*, eu penso, Adam esteja de volta.

— *Obrigado* — eu digo, e aponto para ele em um gesto que diz a todos: *Vê? Isso é lealdade.*

— James e eu não estamos mais fugindo — Adam diz, seus olhos ficando

frios enquanto ele fala. — Eu entendo se o resto de vocês quiserem sair, mas James e eu vamos ficar aqui. Eu era um soldado do Setor 45. Eu vivi nessa base. Talvez eles me deem imunidade.

Eu franzi a testa.

— Mas...

— James e eu não estamos mais fugindo — diz Adam. Alto. Definitivo. — Vocês podem fazer seus planos sem nós. Temos que sair para a noite, de qualquer maneira. — Adam fica de pé, se vira para o irmão. — É hora de se arrumar para dormir.

James olha para o chão.

— James — diz Adam, um aviso gentil em sua voz.

— Eu quero ficar e ouvir — diz James, cruzando os braços. — Você pode ir para a cama sem mim.

— *James...*

— Mas eu tenho uma teoria — diz o menino de dez anos. Ele diz a palavra teoria e ela é novinha em folha para ele, como se fosse um som interessante em sua boca. — E eu quero compartilhá-la com Kenji.

Adam parece tão tenso que a tensão em seus ombros está *me* estressando. Acho que não prestei muita atenção a ele, porque não percebi até agora que Adam parece pior do que cansado. Ele parece maltrapilho. Como se ele pudesse desmoronar, quebrar ao meio, a qualquer momento.

James chama minha atenção do outro lado da sala, com os olhos redondos e ansiosos.

Eu suspiro.

— Qual é a sua teoria, homenzinho?

O rosto de James se ilumina.

— Eu estava apenas pensando: talvez toda essa coisa de matança falsa fosse uma distração.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Tipo, se alguém quisesse sequestrar Warner e Juliette — diz James. Você sabe? Como você disse antes. Causar uma cena como essa seria a distração perfeita, certo?

— Bem. Sim — eu digo e franzo a testa. — Eu acho. Mas por que O Restabelecimento precisa de uma distração? Quando eles já foram misteriosos sobre o que eles querem? Se um comandante supremo quisesse levar Juliette ou Warner, por exemplo, eles não apareceriam com a merda de

uma tonelada de soldados e pegam o que eles queriam?

— *Língua* — Adam diz, indignado.

— Foi mal. Risque a palavra *merda* do registro.

Adam balança a cabeça. Ele parece que ele pode me estrangular. Mas James está sorrindo, o que é tudo que realmente importa.

— Não. Eu não acho que eles se apressariam assim, não com tantos soldados — James diz, seus olhos azuis brilhando. — Não se eles tivessem algo a esconder.

— Você acha que eles teriam algo a esconder? — Lily canaliza. — De nós?

— Eu não sei — diz James. — Às vezes as pessoas escondem coisas. — Ele rouba uma olhada rápida em Adam enquanto ele diz isso, um olhar que faz meu pulso acelerar de medo, e eu estou prestes a responder quando Lily me bate.

— Quero dizer, é possível — diz ela. — Mas O Restabelecimento não tem uma longa história de preocupação com pretextos. Eles pararam de fingir que se importavam com a opinião do público há muito tempo. Eles cortaram as pessoas na rua só porque sentem vontade. Eu não acho que eles estejam preocupados em esconder as coisas de nós.

Castle ri, ri alto, e todos nós giramos para encará-lo. Estou aliviado por finalmente vê-lo reagir, mas ele ainda parece perdido em sua cabeça em algum lugar. Ele parece com raiva. Eu nunca vi Castle se irritar.

— Eles escondem muito de nós — diz ele bruscamente. — E um do outro. — Depois de uma longa e profunda respiração, ele finalmente se levanta. Sorrindo, com cautela, ao garoto dez anos de idade na sala. — James, você é sábio mesmo.

— Obrigado — diz James, piscando para ele.

— Castle, senhor? — Eu digo, minha voz saindo mais dura do que eu pretendia. — Você pode nos dizer o que diabos está acontecendo? Você sabe de alguma coisa?

Castelo suspira. Esfrega a barba no queixo com a palma da mão.

— Tudo bem, Nazeera — diz ele, virando-se para o nada, como se estivesse falando com um fantasma. — Continue.

Quando Nazeera aparece, como se estivesse fora do ar, eu não sou o único que está chateado. Ok, talvez eu seja o único que está chateado.

Mas todo mundo parece surpreso, pelo menos.

Eles estão olhando para ela, um para o outro, e então todos eles – *todos eles* – se viram para mim.

— Mano, você sabia disso? — Ian pergunta.

Eu franzo a testa.

Invisibilidade é *minha* coisa. Minha coisa, caramba.

Ninguém nunca disse que eu tinha que compartilhar isso com ninguém. Especialmente não com alguém como Nazeera, mentirosa, manipuladora...

Linda. Um ser humano lindo.

Merda.

Eu me viro, olho para a parede. Eu não posso mais me distrair com ela. Ela sabe que estou na dela – minha paixão é aparentemente óbvia para todos dentro de um raio de dezesseis quilômetros, de acordo com Castle – e ela claramente está usando minha idiotice para sua melhor vantagem.

Inteligente. Eu respeito a tática.

Mas isso também significa que tenho que manter minha guarda quando ela está por perto. Não mais olhando. Não mais sonhando com ela. Não mais pensando em como ela olhava para mim quando sorria. Ou a maneira como ela ria, como se ela quisesse dizer, na mesma noite em que ela gritou comigo por fazer perguntas razoáveis. Que, a propósito – eu não acho que eu estava louco por me perguntar em voz alta como a filha de um comandante supremo poderia se safar usando um lenço de cabeça ilegal. Ela me disse mais tarde que ela usa o lenço simbolicamente, de vez em quando, que ela não pode usá-lo o tempo todo porque é ilegal. Mas quando eu indiquei isso para ela, ela fez um inferno. E então ela jogou merda em mim por estar confuso.

Eu *ainda* estou confuso.

Ela não está cobrindo o cabelo agora também, mas ninguém mais parece ter registrado esse fato. Talvez eles já a tivessem visto assim. Talvez todos, menos eu, já tivessem tido essa conversa com ela, já ouviram sua história sobre usá-lo simbolicamente, ocasionalmente.

Ilegalmente, quando o pai dela não estava olhando.

— Kenji — diz ela, e sua voz é tão aguda que eu olho para cima, olho para ela, apesar de minhas próprias ordens muito explícitas para manter meus olhos na parede. Só é preciso dois segundos de contato visual e meu coração bate mais forte.

Aquela boca. Aqueles olhos.

— Sim? — Eu cruzo meus braços.

Ela parece surpresa, como se ela não estivesse esperando que eu ficasse chateado, e eu não me importo. Ela deve saber que estou chateado. Eu quero que ela saiba que a invisibilidade é a minha coisa. Que eu sei que sou insignificante e não me importo. E que, eu não confio nela. Além disso, o que há com essas crianças dos comandantes supremos sendo todos super bonitos? É quase como se eles fizessem de propósito, como eles fizeram essas crianças em tubos de ensaio ou alguma merda assim.

Eu balancei minha cabeça para limpá-la.

Com cuidado, Nazeera diz: — Eu realmente acho que você deveria se sentar para isso.

— Eu estou bem.

Ela franze a testa. Por um segundo ela parece quase machucada, mas antes que eu tenha uma chance de me sentir mal com isso, ela encolhe os ombros.

Retorna.

E o que ela diz a seguir quase me divide ao meio.

Juliette

Eu estou sentada em uma cadeira laranja no corredor de um prédio mal iluminado. A cadeira é feita de plástico barato, suas bordas são grosseiras e inacabadas. O chão é um linóleo brilhante que ocasionalmente adere às solas dos meus sapatos. Eu sei que tenho respirado muito alto mas não posso evitar. Eu sento em minhas mãos e balanço minhas pernas sob o meu assento.

Só então, um menino aparece. Seus movimentos são tão silenciosos que só noto quando ele para diretamente na minha frente. Ele se inclina contra a parede à minha frente, seus olhos focados em um ponto à distância.

Eu o estudo por um momento.

Ele parece ter mais ou menos a minha idade, mas ele está vestindo um terno. Há algo de estranho nele; ele é tão pálido e duro que parece estar quase morto.

— Oi — eu digo, e tento sorrir. — Você quer se sentar?

Ele não retorna meu sorriso. Ele nem sequer olha para mim.

— Eu preferiria ficar de pé — ele diz baixinho.

— Ok.

Estamos ambos em silêncio por algum tempo.

Finalmente, ele diz: — Você está nervosa.

Eu concordo. Meus olhos devem estar um pouco vermelhos de chorar, mas eu esperava que ninguém notasse.

— Você está aqui para ter uma nova família também?

— Não.

— Ah. — Eu olho para longe. Paro de balançar meus pés. Eu sinto meu lábio inferior tremer e eu o mordo, forte. — Então por que você está aqui?

Ele encolhe os ombros. Eu o vejo relance, brevemente, para as três cadeiras vazias ao meu lado, mas ele não faz nenhum esforço para se sentar.

— Meu pai me fez vir.

— Ele fez você vir aqui ?

— Sim.

— Por quê?

Ele olha para seus sapatos e franze a testa.

— Eu não sei.

— Você não deveria estar na escola?

E então, em vez de me responder, ele diz: — De onde você é?

— O que você quer dizer?

Ele olha para cima e encontra meus olhos pela primeira vez. Ele tem olhos tão incomuns. Eles são tão luminosos e verde-claros.

— Você tem um sotaque — diz ele.

— Ah — eu digo. — Sim — eu olho para o chão. — Eu nasci na Nova Zelândia. É onde eu morava até minha mãe e meu pai morrerem.

— Sinto muito por ouvir isso.

Eu concordo. Balanço minhas pernas novamente. Estou prestes a lhe fazer outra pergunta quando a porta do corredor finalmente se abre.

Um homem alto de terno azul-marinho sai. Ele está carregando uma maleta.

É o Sr. Anderson, meu assistente social.

Ele sorri para mim.

— Você está pronta. Sua nova família está morrendo de vontade de conhecê-la. Temos mais algumas coisas para fazer antes que você possa ir, mas não vai demorar muito...

Eu não posso mais segurar.

Eu começo a soluçar ali, por todo o vestido novo que ele me comprou. Batidas invadem meu corpo, lágrimas batendo na cadeira laranja, no chão pegajoso.

O Sr. Anderson abaixa a pasta e ri.

— Querida, não há por que chorar. Este é um grande dia! Você deveria estar feliz!

Mas eu não posso falar.

Eu me sinto presa, presa ao assento. Como se meus pulmões estivessem colados juntos. Consigo acalmar os soluços, mas estou de repente tremendo, lágrimas caindo suavemente pelas minhas bochechas.

— Eu quero… eu quero ir para casa...

— Você está indo para casa — diz ele, ainda sorrindo. — Esse é o todo o

ponto.

E depois...

— Pai.

Eu olho para o som de sua voz. Tão quieto e sério. É o garoto de olhos verdes. O Sr. Anderson, percebo, é o pai dele.

— Ela está com medo — diz o menino. E mesmo que ele esteja falando com seu pai, ele está olhando para mim. — Ela está realmente com medo.

— Assustada? — Sr. Anderson olha de mim para seu filho, depois de volta novamente. — O que há para ter medo?

Eu esfrego no meu rosto. Tento e não consigo parar as lágrimas.

— Qual é o nome dela? — Pergunta o menino. Ele ainda está olhando para mim e, desta vez, eu olho de volta. Há algo em seus olhos, algo que me faz sentir segura.

— Esta é Juliette — diz Anderson, e me observa. — Trágica — ele suspira, — assim como o homônimo dela.

Kenji

Nazeera estava certa. Eu deveria ter me sentado.

Estou olhando para as minhas mãos, observando um tremor percorrer meus dedos. Eu quase perco o controle sobre a pilha de fotos que estou segurando. As fotos. As fotos que Nazeera trouxe depois de nos contar que Juliette não é quem nós pensamos que ela é.

Eu não consigo parar de olhar as fotos.

Uma garotinha de pele marrom e uma garotinha branca correndo em um campo, as duas sorrindo sorrisos de dentes minúsculos, cabelos compridos voando ao vento, pequenos cestos cheios de morangos balançando nos cotovelos.

Nazeera e Emmaline colhendo morangos, lemos atrás.

A pequena Nazeera sendo abraçada, de ambos os lados, por duas menininhas brancas, as três rindo tanto que parecem que estão prestes a cair.

Ella e Emmaline e Nazeera, lemos.

Um close-up de uma menina sorrindo para a câmera, seus olhos enormes e azul-esverdeados, comprimentos de cabelo castanho macio emoldurando seu rosto.

Ella na manhã de Natal, dizia.

— *Ella Sommers* — diz Nazeera.

Ela diz que seu nome verdadeiro é Ella Sommers, irmã de Emmaline Sommers, filha de Maximillian e Evie Sommers.

— Algo está errado — diz Nazeera. — Algo está acontecendo — ela diz que acordou há seis semanas lembrando-se de Juliette… desculpe, Ella.

— *Lembrando* dela. Eu estava *lembrando* dela, o que significa que eu tinha esquecido dela. E quando me lembrei de Ella, lembrei de Emmaline

também. Lembrei de como todas crescemos juntas, como nossos pais costumavam ser amigos. Eu me lembrei, mas não entendi, não imediatamente. Eu pensei que talvez eu estivesse confundindo sonhos com memória. Na verdade, as lembranças voltaram para mim tão devagar que pensei, por um tempo, que talvez eu estivesse alucinando.

Ela diz que as alucinações, como ela as chamava, eram impossíveis de abalar, então ela começou a cavar, começou a procurar por informações.

— Eu aprendi a mesma coisa que vocês. Que duas meninas chamadas Ella e Emmaline foram doadas para O Reestabelecimento, e que apenas Ella foi tirada de sua custódia, então Ella recebeu um pseudônimo. Realocada. Adotada. Mas o que vocês não sabiam é que os pais que deram suas filhas eram também membros do Restabelecimento. Eles eram médicos e cientistas. Você não sabia que Ella – a garota que você conhece como Juliette – é filha de Evie Sommers, atual comandante suprema da Oceania. Ela e eu crescemos juntos. Ella, como o resto de nós, crianças, foi construída para servir ao Restabelecimento.

Ian xinga alto e Adam está tão atordoado que não reclama.

— Isso não pode ser possível — diz Adam. — Juliette… a garota com quem eu fui para a escola? Ela estava... — ele balança a cabeça — Eu conheci Juliette por anos. Ela não foi feita como você ou Warner. Ela era essa menina quieta, tímida e doce. Ela sempre foi tão *boa*. Ela nunca quis machucar ninguém. Tudo o que ela sempre quis foi se conectar com as pessoas. Ela estava tentando *ajudar* aquele garotinho na mercearia. Mas então tudo acabou, tudo acabou e ela foi sugada para toda essa bagunça e eu tentei — ele diz, parecendo repentinamente distraído. — Eu tentei ajudá-la, tentei mantê-la segura. Eu queria protegê-la disso. Eu queria t...

Ele se interrompe. Se restaura.

— Ela não era assim — diz ele, e ele está olhando para o chão agora. — Não até que ela começou a gastar todo esse tempo com Warner. Depois que ela o conheceu, ela apenas… eu não sei o que aconteceu. Ela se perdeu pouco a pouco. Eventualmente ela se tornou outra pessoa. — Ele olha para cima. — Mas ela não foi feita para ser assim, não como você. Não como Warner. Não tem como ela ser filha de um comandante supremo… ela não é uma assassina nata. Além disso — ele diz, respirando fundo. — Se ela fosse da Oceania, ela teria sotaque.

Nazeera inclina a cabeça para Adam.

— A garota que você conhecia sofreu um grave trauma físico e emocional — diz ela. — Ela teve suas memórias nativas removidas à força. Ela foi enviada para todo o mundo como um espécime e convencida a viver com pais adotivos abusivos que lhe tiraram a vida. — Nazeera balança a cabeça devagar. — O Restabelecimento – e Anderson, em particular – fez com que Ella nunca se lembrasse do motivo pelo qual ela estava sofrendo, mas só porque não se lembrava do que aconteceu com ela, não mudou o fato de que isso aconteceu. Seu corpo foi repetidamente usado e abusado por um elenco rotativo de monstros. E essa merda deixa sua marca.

Nazeera olha Adam diretamente nos olhos.

— Talvez você não entenda — diz ela. — Eu li todos os relatórios. Eu invadi todos os arquivos do meu pai. Eu encontrei tudo. O que eles fizeram com Ella ao longo de doze anos é indescritível. Então, sim, tenho certeza que você se lembra de uma pessoa muito diferente. Mas eu não acho que ela se tornou alguém que ela não era. Meu palpite é que ela finalmente reuniu forças para lembrar quem ela sempre foi. E se você não entende, fico feliz que as coisas não deram certo entre vocês dois.

Em um instante, a tensão na sala é quase sufocante.

Adam parece que ele pode estar em chamas. Como se fogo pudese literalmente sair de seus globos oculares. Como se pudesse ser sua nova superpotência.

Eu limpo minha garganta. Eu me forço a dizer alguma coisa – qualquer coisa – para quebrar o silêncio.

— Então vocês, uh, todos vocês sabiam sobre Adam e Juliette também, hein? Eu não sabia que você sabia disso. Hã. Interessante.

Nazeera leva um tempo se virando para me olhar nos olhos.

— Você está brincando? — Ela diz, olhando para mim como se eu fosse pior do que um idiota.

Eu acho que é melhor não pressionar o problema.

— Onde você conseguiu essas fotos? — Alia pergunta, mudando de assunto mais habilmente do que eu. — Como podemos confiar que elas são reais?

A princípio, Nazeera apenas olha para ela. E ela parece resignada quando diz: — Não sei como convencê-la de que as fotos são reais. Eu só posso dizer que elas são.

A sala fica em silêncio.

— Por que você se importa? — Diz Lily. — Por que devemos acreditar que você se importa com isso? Sobre Juliette… sobre Ella? O que você tem a ganhar ao nos ajudar? Por que você trairia seus pais?

Nazeera se senta em seu assento.

— Eu sei que todos vocês acham que os filhos dos comandantes supremos são um bando de psicopatas despreocupados e amorais, felizes por serem os robôs militares que nossos pais queriam que fôssemos, mas nada é tão direto assim. Nossos pais são maníacos homicidas decididos a governar o mundo; essa parte é verdadeira. Mas a coisa que ninguém parece entender é que nossos pais escolheram ser maníacos homicidas. Nós, por outro lado, fomos forçados a ser. E só porque fomos treinados para ser mercenários não significa que gostamos. Nenhum de nós tem que escolher esta vida. Nenhum de nós gostava de ser ensinado a torturar antes que pudéssemos dirigir. E não é loucura imaginar que às vezes até pessoas horríveis estão procurando uma saída para a própria escuridão.

Os olhos de Nazeera brilham com o sentimento enquanto ela fala, e suas palavras perfuram o colete salva-vidas ao redor do meu coração.

Emoção me afoga novamente.

Merda.

— É realmente tão louco pensar que eu poderia me importar com as garotas que amei uma vez como minhas próprias irmãs? — Ela está dizendo. — Ou sobre as mentiras que meus pais me forçaram a engolir, ou sobre as pessoas inocentes que eu vi assassinadas? Ou talvez até algo mais simples do que isso… que eu possa ter aberto meus olhos um dia e percebido que eu era parte integrante de um sistema que não apenas estava devastando o mundo, mas também massacrando todos nele?

Merda.

Eu posso sentir isso, posso sentir meu coração se enchendo, enchendo. Meu peito está apertado, como se estivesse inchado, como se meus pulmões não se encaixassem mais. Eu não quero me importar com Nazeera. Não quero sentir sua dor ou me sentir conectado a ela ou sentir qualquer coisa. Eu só quero manter uma cabeça nivelada. Ficar tranquilo.

Eu me forço a pensar em uma piada que James me contou outro dia, um trocadilho estúpido – algo a ver com bolinhos – uma piada tão idiota que quase chorei. Eu me concentro na memória, o jeito que James riu de sua própria claudicação, bufando com tanta força que um pouco de comida caiu

de sua boca. Eu sorrio e olho para James, que parece que ele pode estar dormindo em seu lugar.

Logo, o aperto no meu peito começa a diminuir.

Agora estou realmente sorrindo, imaginando se é estranho que eu ame piadas ruins mais do que boas, quando ouço o Ian dizer: — Não é que você pareça sem coração. É só que essas fotos parecem muito convenientes. Você as preparou para compartilhar — ele olha para a única foto que está segurando. — Essas crianças podem ser qualquer uma.

— Olhe de perto — diz Nazeera, levantando-se para ver melhor a imagem em suas mãos. — Quem você acha que é?

Eu me inclino – Ian não está longe de mim – e espio por cima do ombro dele. Não há mais nenhum ponto em negar isso; a semelhança é insana.

Juliette. *Ella*.

Ela é apenas uma criança, talvez com quatro ou cinco anos de idade, parada na frente da câmera, sorrindo. Ela está segurando um buquê de dentes-de-leão para o câmera, como se para oferecer-lhe um. E então, apenas para o lado, há outra figura. Um menino loiro. Tão loiro que o cabelo dele é branco. Ele está olhando intensamente para um único dente de leão em suas mãos.

Eu quase caio da minha cadeira. Juliette é uma coisa, mas isso...

— Isso é *Warner*? — Eu digo.

Adam olha para cima bruscamente. Ele olha de mim para Nazeera, depois sobe para olhar a foto. Suas sobrancelhas sobem a cabeça.

— De jeito nenhum — diz ele.

Nazeera encolhe os ombros.

— De jeito nenhum — Adam diz novamente. — De jeito nenhum. Isso é impossível. Não há como eles se conhecerem por tanto tempo. Warner não tinha ideia de quem era Juliette antes de vir para cá. — Quando Nazeera parece indiferente, Adam diz: — Estou falando sério. Eu sei que você acha que eu estou cheio de merda, mas eu não estou errado sobre isso. Eu estava lá. Warner literalmente me entrevistou para o trabalho de ser seu companheiro de cela no asilo. Ele não sabia quem ela era. Ele nunca a conheceu. Nunca viu seu rosto, nem de perto, de qualquer maneira. Metade do motivo pelo qual ele me escolheu para ser seu colega de quarto era porque ela e eu tínhamos história, porque ele achava isso útil. Ele me atormentava por horas sobre ela.

Nazeera suspira lentamente, como se ela estivesse cercada de idiotas.

— Quando eu encontrei essas fotos — ela diz para Adam, — eu não conseguia entender como eu as encontrava tão facilmente. Eu não entendi porque alguém iria manter provas como está bem debaixo do meu nariz ou torná-las tão fácil de encontrar. Mas agora sei que meus pais nunca esperaram que eu olhasse. Eles ficaram com preguiça. Eles acharam que, mesmo se eu encontrasse essas fotos, nunca saberia o que estava vendo. Dois meses atrás eu poderia ter visto essas fotos e assumido que essa garota — Ela arranca uma foto de si mesma, o que parece ser uma jovem Haider, e uma menina magra de cabelos castanhos com olhos azuis brilhantes, de uma pilha — Era um garota vizinha, alguém que eu costumava conhecer, mas que não me dou ao trabalho de lembrar.

— Mas eu me lembro — diz ela. — Eu me lembro de tudo isso. Eu me lembro do dia em que nossos pais nos disseram que Ella e Emmaline haviam se afogado. Eu me lembro de chorar até dormir todas as noites. Eu me lembro do dia em que nos levaram para um lugar que eu achava que era um hospital. Eu lembro da minha mãe me dizendo que eu me sentiria melhor em breve. E então, eu *lembro* de lembrar de nada. Como o tempo, no meu cérebro, apenas dobrado em si mesmo. — Ela levanta as sobrancelhas. — Você entende o que estou tentando dizer para você, Kent?

Ele olha para ela.

— Eu entendo que você acha que eu sou um idiota.

Ela sorri.

— Sim, eu entendi o que você está dizendo — diz ele, obviamente irritado. — Você está dizendo que todas as suas memórias foram apagadas. Você está dizendo que Warner nem sabe que eles se conheciam.

Ela levanta um dedo.

— Não sabia — diz ela. — Ele não sabia até pouco antes do simpósio. Eu tentei avisá-lo… e Castle — ela diz, olhando para Castle, que está olhando para a parede. — Eu tentei avisar a ambos que algo estava errado, que algo grande estava acontecendo e eu realmente não entendia o que ou por quê. Warner não acreditou em mim, claro. Eu não tenho certeza se Castle também. Mas eu não tive tempo para lhes dar provas.

— Espere, o que? — Eu digo, minhas sobrancelhas franzidas. — Você disse a Warner e Castle? *Antes* do simpósio? Você contou a eles tudo isso?

— Eu tentei — diz ela.

— Por que você não contou a Juliette? — Pergunta Lily.

— Você quer dizer Ella.

Lily revira os olhos.

— Certo. Ella. Tanto faz. Por que não avisá-la diretamente? Por que dizer a todos os outros?

— Eu não sabia como ela receberia as notícias — diz Nazeera. — Eu estava tentando tirar a temperatura dela desde o momento em que cheguei aqui, e nunca consegui descobrir como ela se sentia em relação a mim. Eu não achei que ela realmente confiasse em mim. E depois de tudo que aconteceu — ela hesita. — Nunca pareceu o momento certo. Ela levou um tiro, ela estava em recuperação, e então ela e Warner terminaram, e ela apenas... Eu não sei. Um espiral. Ela não estava com uma zona mental saudável. Ela já teve que suportar um monte de revelações e não parecia estar lidando bem com elas. Eu não tinha certeza se ela poderia aceitar muito mais, para ser honesta, e eu estava preocupada com o que ela poderia fazer.

— Assassinar seiscentas pessoas, talvez — Ian murmurou em voz baixa.

— Ei — eu estalo. — Ela não matou ninguém, ok? Isso foi algum tipo de truque de mágica.

— Foi uma distração — diz Nazeera com firmeza. — James foi o único que viu isso pelo que era. — Ela suspira. — Acho que essa coisa toda foi encenada para fazer Ella parecer volátil e desequilibrada. Essa cena no simpósio sem dúvida enfraquecerá sua posição aqui, no Setor 45, instilando medo nos soldados que prometeram sua lealdade a ela. Ela será descrita como instável. Irracional. Fraca. E então… facilmente capturada. Eu sabia que O Restabelecimento queria que Ella fosse embora, mas eu pensei que eles simplesmente queimariam todo o setor até o chão. Eu estava errada. Essa foi uma tática muito mais eficiente. Eles não precisaram matar um regimento de soldados perfeitamente bons e uma população de trabalhadores obedientes — diz Nazeera. — Tudo o que eles precisavam fazer era desacreditar Ella como seu líder.

— Então o que acontece agora? — Diz Lily.

Nazeera hesita. E então, com cuidado, ela diz: — Uma vez que eles puniram os cidadãos e completamente anularam qualquer esperança de rebelião, O Restabelecimento fará com que todos se voltem contra vocês. Colocar recompensas em suas cabeças, ou, pior, ameaçar matar seus entes queridos, se civis e soldados não entregarem vocês. Você estava certa — ela diz para Lily. — Os soldados e cidadãos pagaram lealdade a Ella, e com ela *e*

Warner longe, eles se sentirão abandonados. Eles não têm razão para confiar no resto de vocês — uma pausa. — Eu diria que você tem cerca de vinte e quatro horas antes de suas cabeças virarem um alvo.

O silêncio cai sobre o quarto. Por um momento, acho que todos realmente param de respirar.

— *Porra* — diz Ian, deixando cair a cabeça entre as mãos.

— A realocação imediata é o melhor rota de ação — diz Nazeera rapidamente, — mas não sei se posso ajudar muito nesse departamento. Onde vocês vão, ficará a seu critério.

— Então o que você está fazendo aqui? — Eu digo, irritado. Eu a entendo um pouco melhor agora – eu sei que ela está tentando ajudar – mas isso não muda o fato de que eu ainda me sinto uma merda. Ou que eu ainda não sei como sentir por ela. — Você apareceu apenas para nos dizer que todos nós vamos morrer e é isso? — Eu balancei minha cabeça. — Tão útil, obrigado.

— Kenji — Castle diz, finalmente quebrando seu silêncio. — Não há necessidade de atacar nossa convidada. — Sua voz é um som calmo e firme. Eu senti falta disso. — Ela realmente tentou falar comigo – para me avisar – enquanto estava aqui. Quanto a um plano de contingência — ele diz, falando para a sala. — Me dê um pouco de tempo. Eu tenho amigos. Nós não estamos sozinhos, como você bem sabe, em nossa resistência. Não há necessidade de entrar em pânico, ainda não.

— Ainda não? — Ian diz, incrédulo.

— Ainda não — diz Castle. Então: — Nazeera, e seu irmão? Você conseguiu convencê-lo?

Nazeera respira fundo, perdendo um pouco da tensão em seus ombros.

— Haider sabe — ela explica para o resto de nós. — Ele tem lembrado coisas sobre Ella também, mas suas memórias dela não são tão fortes quanto as minhas, e ele não entendeu o que estava acontecendo com ele até a noite passada quando eu decidi contar a ele o que eu havia descoberto.

— Uau... Espere — diz Ian. — Você confia nele?

— Eu confio nele o suficiente — diz ela. — Além disso, percebi que ele tinha o direito de saber; ele conhecia Ella e Emmaline também. Mas ele não estava totalmente convencido. Eu não sei o que ele decidirá fazer, ainda não, mas ele definitivamente pareceu abalado com isso, o que eu acho que é um bom sinal. Pedi-lhe que fizesse algumas escavações, para descobrir se alguma das outras crianças também estava começando a se lembrar das coisas, e ele

disse que sim. Agora, isso é tudo que tenho.

— Onde estão as outras crianças? — Winston pergunta, franzindo a testa. — Eles sabem que você ainda está aqui?

A expressão de Nazeera fica sombria.

— Todas as crianças deveriam reportar-se assim que o simpósio terminasse. Haider já deveria estar voltando para a Ásia. Eu tentei convencer meus pais que eu ficaria para trás para fazer mais reconhecimento, mas eu não acho que eles compraram isso. Tenho certeza de que vou ouvi-los em breve. Eu vou lidar com isso quando vier.

— Então... Espere... — Eu olho para ela e para Castle. — Você vai ficar com a gente?

— Esse não era realmente o meu plano.

— Ah — eu digo. — Bom. Isso é bom.

Ela levanta uma sobrancelha para mim.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu acho que sim — diz ela, e ela parece de repente irritada. — De qualquer forma, mesmo que não fosse o meu plano para ficar, eu acho que talvez precise.

Meus olhos se arregalam.

— O que? Por quê?

— Porque — ela diz — meus pais mentiram para mim desde que eu era criança – roubando minhas memórias e reescrevendo minha história – e quero saber por quê. Além disso — ela respira fundo. — Acho que sei onde Ella e Warner estão, e quero ajudar.

Warner

— Droga.

Eu ouço a raiva mal contida na voz do meu pai pouco antes de algo se chocar com força em outra coisa. Ele xinga novamente.

Eu hesito fora de sua porta.

E então, impaciente...

— O que você quer?

Sua voz é praticamente um grunhido. Eu luto contra o impulso de ser intimidado. Eu faço do meu rosto uma máscara. Neutralizo minhas emoções. E então, cuidadosamente, eu entro em seu escritório.

Meu pai está sentado à sua mesa, mas só vejo as costas da cadeira e o vidro inacabado de uísque na mão esquerda. Seus papéis estão em desordem. Eu noto o peso de papel no chão; o dano na parede.

Algo deu errado.

— Você queria me ver — eu digo.

— O quê? — Meu pai se vira na cadeira para me encarar. — Ver você para quê?

Não digo nada. Eu aprendi agora para nunca lembrá-lo quando ele esqueceu algo.

Finalmente, ele suspira. Diz: — Certo. Sim. — E então: — Teremos que discutir isso mais tarde.

— Mais tarde? — Desta vez, eu me esforço para esconder meus sentimentos. — Você disse que me daria uma resposta hoje...

— Algo veio para cima.

Raiva jorra no meu peito. Eu me esqueço de mim mesmo.

— Algo mais importante que sua esposa moribunda?

Meu pai não será iscado. Em vez disso, ele pega uma pilha de papéis em sua mesa e diz: — Vá embora.

Eu não me movo.

— Eu preciso saber o que vai acontecer — eu digo. — Eu não quero ir para a capital com você, eu quero ficar aqui, com a mamãe.

— Jesus — diz ele, batendo o copo na mesa. — Você se ouviu? — Ele olha para mim, enojado. — Esse comportamento não é saudável. É perturbador. Eu nunca soube que um garoto de dezesseis anos era tão obcecado por sua mãe.

Calor sobe no meu pescoço, e eu me odeio por isso. Odeio ele por me fazer odiar quando digo, baixinho: — Eu não estou obcecado por ela.

Anderson sacode a cabeça.

— Você é patético.

Eu levo o golpe emocional e enterro isso. Com algum esforço, consigo parecer indiferente quando digo: — Só quero saber o que vai acontecer.

Anderson se levanta, enfia as mãos nos bolsos. Ele olha pela janela enorme em seu escritório, na cidade um pouco além.

A visão é sombria.

Auto-estradas tornaram-se museus ao ar livre para os esqueletos de veículos esquecidos. Montanhas de forma de lixo variam ao longo do terreno. Aves mortas sujam as ruas, carcaças ainda caem ocasionalmente do céu. Incêndios indomáveis atingem a distância, ventos fortes atiçando suas chamas. Uma espessa camada de poluição permaneceu sobre a cidade, e as nuvens restantes são cinzas, cheias de chuva. Já começamos o processo de regular o que passa por grama habitável e inabitável, e seções inteiras da cidade foram desativadas. A maioria das áreas costeiras, por exemplo, foram evacuadas, as ruas e casas inundadas, os telhados desmoronando lentamente.

Em comparação, o interior do escritório do meu pai é um verdadeiro paraíso. Tudo ainda é novo aqui; a madeira ainda cheira a madeira, toda superfície brilha. O Restabelecimento foi votado no poder há apenas quatro meses, e meu pai é atualmente o comandante e regente de um dos nossos novos setores.

Número 45.

Uma súbita rajada de vento bate na janela e sinto o arrepio reverberar pela sala. As luzes piscam. Ele não recua. O mundo pode estar desmoronando, mas O Restabelecimento está se saindo melhor do que nunca. Seus planos se encaixaram mais rapidamente do que esperavam. E mesmo que meu pai já esteja sendo considerado para uma grande promoção – para

o supremo comandante da América do Norte – nenhum sucesso parece acalmá-lo. Ultimamente, ele tem sido mais volátil do que o habitual.

Finalmente, ele diz: — Eu não tenho ideia do que vai acontecer. Eu nem sei se eles vão me considerar mais para a promoção.

Eu não consigo esconder minha surpresa.

— Por que não?

Anderson sorri, infeliz, na janela.

— Um trabalho de babá deu errado.

— Eu não entendo.

— Eu não espero que você entenda.

— Então, não estamos mais nos mudando? Nós não vamos para a capital?

Anderson se vira de novo.

— Não soe tão animado. Eu disse que não sei ainda. Primeiro, tenho que descobrir como lidar com o problema.

Silenciosamente, eu digo: — Qual é o problema?

Anderson ri; seus olhos se enrugam e ele parece, por um momento, humano.

— É suficiente dizer que sua namorada está arruinando o meu maldito dia. Como sempre.

— Minha o quê? — Eu franzo a testa. — Pai, Lena não é minha namorada. Eu não me importo com o que ela está dizendo.

— Namorada diferente — diz Anderson, e suspira. Ele não vai encontrar meus olhos agora. Ele pega uma pasta de arquivo de sua mesa, abre e examina o conteúdo.

Eu não tenho a chance de fazer outra pergunta.

Há uma batida repentina e aguda na porta. Com o sinal do meu pai, Delalieu entra. Ele parece mais do que um pouco surpreso em me ver e, por um momento, não diz nada.

— Bem? — Meu pai parece impaciente. — Ela está aqui?

— Sim, senhor. — Delalieu pigarreia. Seus olhos voam para mim novamente. — Devo trazê-la, ou você prefere encontrá-la em outro lugar?

— Traga-a para cima.

Delalieu hesita.

— Você tem certeza, senhor?

Eu olho do meu pai para Delalieu. Algo está errado.

Meu pai encontra meus olhos quando ele diz: — Eu disse, traga-a para cima.

Delalieu concorda e desaparece.

Minha cabeça é uma pedra, pesada e inútil, meus olhos cimentados no meu crânio. Eu mantenho a consciência por apenas alguns segundos de cada vez. Sinto cheiro de metal, gosto de metal. Um ruído antigo e rugido cresce alto, depois suave, depois alto novamente.

Botas pesadas perto da minha cabeça.

Vozes, mas os sons são abafados, anos-luz de distância. Eu não posso me mexer. Eu sinto como se tivesse sido enterrado, deixado para apodrecer. Uma fraca luz laranja cintila por trás dos meus olhos e por apenas um segundo… apenas um segundo...

Não.

Nada.

Os dias parecem passar. Séculos. Eu só estou ciente o suficiente para saber que eu tenho sido fortemente sedado. Constantemente sedado. Estou de ressaca, desidratado ao ponto da dor. Eu mataria por água. Mataria por isso.

Quando me movem me sinto pesado, estranho para mim mesmo. Eu caio duro em um chão frio, a dor ricocheteando no meu corpo como se de longe. Eu sei que, muito cedo, essa dor me alcançará. Muito cedo, o sedativo vai passar e eu ficarei sozinho com meus ossos e com essa poeira na minha boca.

Um chute rápido e duro no intestino e meus olhos se abrem, a escuridão devorando minha boca aberta e ofegante, infiltrando-se nas órbitas dos meus olhos. Eu me sinto cego e sufocado imediatamente, e quando o choque finalmente desaparece, meus membros desistem.

Hesitam.

A faísca morre.

Kenji

— Você quer me dizer o que diabos está acontecendo?

Eu paro, congelado no lugar, ao som da voz de Nazeera. Eu estava voltando para o meu quarto para fechar os olhos por um minuto. Para tentar fazer algo sobre a enorme dor de cabeça tocando no meu crânio.

Finalmente, finalmente, fizemos uma pausa.

Um breve recesso depois de horas de conversas cansativas e estressantes sobre os próximos passos, planos e algo sobre roubar um avião. É muito. Até mesmo Nazeera, com toda a sua inteligência, não podia me dar nenhuma garantia real de que Juliette – desculpe, Ella – e Warner ainda estivessem vivos, e apenas a chance de alguém estar torturando eles até a morte é, tipo, mais que minha mente pode lidar agora. Hoje tem sido uma merda de merda. Um tornado de merda. Eu não aguento mais. Não sei se devo sentar e chorar ou atear fogo em alguma coisa.

Castle disse que ele se aventuraria até as cozinhas para ver como conseguir comida para nós, e essa foi a melhor notícia que eu ouvi o dia todo. Ele também disse que faria o melhor que pudesse para aplacar os soldados por um pouco mais – apenas o tempo suficiente para que descobríssemos exatamente o que faríamos a seguir – mas não tenho certeza de quanto ele pode fazer. Já era ruim o suficiente quando J levou um tiro. As horas que ela passou na ala médica também foram estressantes para o resto de nós. Eu realmente pensei que os soldados se revoltariam naquele momento. Eles ficavam me parando nos corredores, gritando sobre como eles achavam que ela deveria ser *invencível*, que esse não era o plano, que eles não decidiram arriscar suas vidas por uma garota *adolescente normal* que não podia levar uma bala e, porra, ela deveria ser um fenômeno sobrenatural, algo mais que humano.

Levou uma eternidade para acalmá-los.

Mas agora?

Eu só posso imaginar como eles vão reagir quando ouvirem o que aconteceu no simpósio. Vai ser motim, provavelmente.

Eu suspiro com força.

— Então você só vai me ignorar?

Nazeera está a centímetros de mim. Eu posso senti-la, pairando. Esperando. Eu ainda não disse nada. Ainda não me virei. Não é que eu não queira conversar – acho que gostaria de conversar. Talvez outro dia. Mas agora estou sem gasolina. Eu estou fora das piadas de James. Estou sem sorrisos falsos. No momento, eu não sou nada além de dor, exaustão e emoção crua, e não tenho a largura de banda para outra conversa séria. Eu realmente não quero fazer isso agora.

Eu quase fiz a minha fuga também. Eu estou bem aqui, bem na frente da minha porta. Minha mão está na maçaneta.

Eu poderia simplesmente ir embora, eu penso.

Eu poderia ser esse tipo de cara, um tipo de cara como Warner. Um tipo de cara idiota. Apenas vá embora sem uma palavra. Muito cansado, não, obrigado, não quero conversar.

Me deixe em paz.

Em vez disso, eu caio para frente, descanso minhas mãos e testa contra a porta do quarto fechada.

— Estou cansado, Nazeera.

— Eu não posso acreditar que você está chateado comigo.

Meus olhos se fecham. Meu nariz bate contra a madeira.

— Eu não estou chateado com você. Eu estou meio dormindo.

— Você está *bravo*. Você estava com raiva de mim por ter a mesma habilidade que você. Não é?

Eu gemo.

— Não é? — Ela diz de novo, desta vez com raiva.

Não digo nada.

— *Inacreditável*. Isso é o mais mesquinho, ridículo, *imaturo*...

— Sim, bem.

— Você sabe o quão difícil foi para eu te contar isso? Você tem alguma ideia? — Eu ouço seu bufar afiado e irritado. — Você vai pelo menos olhar para mim quando eu estou falando com você?

— Não posso.

— O que? — Ela soa assustada. — O que você quer dizer com você não

pode?

— Não posso olhar para você.

Ela hesita.

— Por que não?

— Bonita demais.

Ela ri, mas com raiva, como se pudesse me dar um soco no rosto.

— Kenji, estou tentando falar sério com você. Isso é importante para mim. Esta é a primeira vez em toda a minha vida que mostrei a outras pessoas o que posso fazer. É a primeira vez que eu interajo com outras pessoas como eu. Além disso — ela diz, — achei que decidimos que seríamos amigos. Talvez isso não seja um grande problema para você, mas é um grande problema para mim, porque eu não faço amigos facilmente. E agora você está me fazendo duvidar do meu próprio julgamento.

Eu suspiro tão forte que quase me machuco...

Eu empurro a porta, olho para a parede.

— Ouça — eu digo, engolindo em seco. — Sinto muito por ferir seus sentimentos. Eu só… Houve um minuto atrás, antes de você realmente começar a falar, quando eu pensei que você mentiu sobre as coisas. Eu não entendi o que estava acontecendo. Achei que você poderia nos preparar. Um monte de coisas parecia muito louco para ser uma coincidência. Mas nós temos conversado por horas agora, e eu não me sinto mais assim. Eu não estou mais bravo. Eu sinto muito. Posso ir agora?

— Claro — diz ela. — Eu só… — Ela se afasta, como se ela estivesse confusa, e então ela toca meu braço. Não, ela não toca no meu braço. Ela pega meu braço. Ela envolve a mão em volta do meu antebraço e puxa, gentilmente.

O contato é quente e imediato. Sua pele é macia. Meu cérebro parece sombrio. Tonto.

— Pare — eu digo.

Ela deixa cair a mão.

— Por que você não olha para mim? — Ela diz.

— Eu já lhe disse porque não vou olhar para você e você riu de mim.

Ela está quieta por tanto tempo Eu me pergunto se ela foi embora. Finalmente, ela diz: — Eu pensei que você estava brincando.

— Bem, eu não estava.

Mais silêncio.

Então:

— Você sempre diz exatamente o que está pensando?

— Na maioria das vezes, sim. — Gentilmente, eu bato minha cabeça contra a porta. Eu não entendo porque essa garota não me deixa chafurdar em paz.

— O que você está pensando agora? — Ela pergunta.

Jesus Cristo.

Eu olho para cima, para o teto, esperando por um buraco de minhoca ou um relâmpago ou talvez até um abdução alienígena – qualquer coisa para me tirar daqui, desse momento, dessa conversa implacável e exaustiva.

Na ausência de milagres, minha frustração aumenta.

— Estou pensando em ir dormir — eu digo com raiva. — Estou pensando que quero ficar sozinho. Eu acho que já te contei isso milhares de vezes, e você não vai me deixar embora eu tenha me desculpado por ferir seus sentimentos. Então eu acho que o que estou realmente pensando é que *não entendo o que você está fazendo aqui*. Por que você se importa tanto com o que eu penso?

— O quê? — Ela diz, surpresa. — Eu não...

Finalmente, eu me viro. Eu me sinto um pouco desequilibrado, como se meu cérebro estivesse inundado. Há muito acontecendo. Muito para sentir. Dor, medo, exaustão. Desejo.

Nazeera dá um passo para trás quando vê meu rosto.

Ela é perfeita. Aperfeiçoe tudo. Pernas longas e curvas. Seu rosto é insano. Rostos não devem ser assim. Olhos brilhantes e cor de mel e pele como o crepúsculo. Seu cabelo é tão marrom que é quase preto. Grosso, pesado, reto. Ela me lembra de algo, de um sentimento que eu nem sei descrever. E há algo sobre ela que me deixou estúpido. Bêbado, como eu poderia apenas olhar para ela e ser feliz, flutuar para sempre nesse sentimento. E então eu percebo, com um começo, que estou olhando para a boca dela novamente.

Eu nunca quis. Isso só acontece.

Ela está sempre tocando sua boca, batendo naquele maldito diamante perfurando seu lábio, e eu sou apenas burro, meus olhos seguindo cada movimento dela. Ela está em pé na minha frente com os braços cruzados, correndo o polegar distraidamente contra a borda do lábio inferior, e eu não consigo parar de olhar. Ela se assusta, de repente, quando ela percebe que

estou olhando. Solta as mãos para os lados e pisca para mim. Eu não tenho ideia do que ela está pensando.

— Eu fiz uma pergunta — eu digo, mas desta vez minha voz sai um pouco áspera, um pouco intensa demais. Eu sabia que deveria ter mantido meus olhos na parede.

Ainda assim, ela só olha para mim.

— Tudo bem. Esqueça isso — eu digo. — Você fica me implorando para falar, mas no minuto em que faço uma pergunta, você não diz nada. Isso é ótimo.

Eu me afasto de novo, alcanço a maçaneta da porta.

E então, ainda de frente para a porta, eu digo: — Sabe, estou ciente de que não fiz um bom trabalho em ser gentil com isso e talvez nunca seja esse tipo de pessoa. Mas eu não acho que você deveria me tratar assim, como se eu fosse um idiota, só porque eu não sei ser babaca.

— O que? Kenji, eu não...

— *Pare* — eu digo, me afastando dela. Ela continua tocando meu braço, me tocando como ela nem sabe que está fazendo isso. Está me deixando louco. — Não faça isso.

— Não fazer o que?

Finalmente, com raiva, eu giro ao redor. Estou respirando com dificuldade, meu peito subindo e descendo rápido demais.

— Pare de brincar comigo — eu digo. — Você não me conhece. Você não sabe nada sobre mim. Você diz que quer ser minha amiga, mas fala comigo como se eu fosse um idiota. Você me toca, constantemente, como se eu fosse uma criança, como se estivesse tentando me confortar, como se você não tivesse ideia de que eu sou um homem adulto que pode *sentir* alguma coisa quando você coloca suas mãos em mim assim. — Ela tenta falar e eu a interrompo. — Eu não ligo para o que você acha que sabe sobre mim – ou o quão estúpido você pensa que sou – mas agora estou exausto, ok? Terminei. Então, se você quiser um bom Kenji, talvez deva checar de manhã, porque agora tudo o que tenho é merda no caminho das amabilidades.

Nazeera parece congelada. Atordoada. Ela olha para mim, seus lábios entreabertos, e eu estou pensando que é isso, é assim que eu morro, ela vai puxar uma faca e me abrir, reorganizar meus órgãos, fazer um show de marionetes com meus intestinos. Que caminho a percorrer Mas quando ela finalmente fala, ela não parece zangada.

Ela parece um pouco sem fôlego.

Nervosa.

— Eu não acho que você é criança… — diz ela.

Eu não tenho ideia do que dizer sobre isso.

Ela dá um passo à frente, pressiona as mãos contra meu torso e eu me transformo em uma estátua. Suas mãos parecem queimar meu corpo, o calor pressionando entre nós, mesmo através da minha camisa.

Eu sinto que posso estar sonhando.

Ela passa as mãos pelo meu peito e esse movimento simples é tão bom que fico repentinamente apavorado. Eu me sinto magnetizado para ela, congelado no lugar. Com medo de acordar.

— O que você está fazendo? — Eu sussurro.

Ela ainda está olhando para o meu peito quando ela diz, novamente: — Eu não acho que você é uma criança.

— Nazeera.

Ela levanta a cabeça para encontrar meus olhos, e um lampejo de sentimento, quente e doloroso, corre pela minha espinha.

— E eu não acho que você é estúpido — diz ela.

Errado.

Eu sou definitivamente idiota.

Tão estúpido. Eu não consigo nem pensar agora.

— Ok — eu digo estupidamente. Eu não sei o que fazer com minhas mãos. Quer dizer, eu sei o que fazer com minhas mãos, só estou preocupado que, se eu a tocar, ela possa rir e, provavelmente, me matar.

Ela sorri então, sorri tão grande que sinto meu coração explodir, fazer uma bagunça dentro do meu peito.

— Então você não vai se mexer? — Ela diz, ainda sorrindo. — Eu pensei que você gostasse de mim. Eu pensei que isso era tudo sobre isso.

— *Gostar de você*? — Eu pisco para ela. — Eu nem te conheço.

— Ah — ela diz, e seu sorriso desaparece. Ela começa a se afastar e ela não pode encontrar meus olhos e então, eu não sei o que acontece comigo Eu pego sua mão, abro a porta do meu quarto e tranco nós dois para dentro.

Ela me beija primeiro.

Eu tenho um momento fora do corpo, como se eu não acreditasse que isso esteja realmente acontecendo comigo. Eu não entendo o que eu fiz para

tornar isso possível, porque de acordo com meus cálculos eu estraguei tudo isso em cem níveis diferentes e, na verdade, eu tinha certeza que ela estava puta comigo até cinco minutos atrás.

E então eu digo a mim mesmo para calar a boca.

Seu beijo é suave, suas mãos hesitantes contra meu peito, mas eu envolvo meus braços em volta de sua cintura e a beijo, realmente a beijo, e então de alguma forma estamos contra a parede e suas mãos estão em volta do meu pescoço e ela separa seus lábios por mim, suspira na minha boca, e aquele pequeno som de prazer me enlouquece, inunda meu corpo com calor e desejo tão intenso que mal posso suportar.

Nós nos separamos, respirando com dificuldade, e eu fico olhando para ela como um idiota, meu cérebro ainda muito entorpecido para descobrir exatamente como cheguei aqui. Então, novamente, quem se importa como eu cheguei aqui. Eu a beijo de novo e isso quase me mata. Ela é tão boa, tão suave. Perfeita. Ela é perfeita, se encaixa perfeitamente em meus braços, como se fôssemos feitos para isso, como já fizemos isso milhares de vezes antes, e ela cheira a xampu, como algo doce. Perfume, talvez. Eu não sei. Seja o que for, está na minha cabeça agora. Matando células cerebrais.

Quando nos separamos ela parece diferente, seus olhos mais escuros, mais profundos. Ela se afasta e quando ela se vira de novo, ela sorri para mim e, por um segundo, acho que podemos estar pensando a mesma coisa. Mas estou errado, claro, tão errado, porque eu estava pensando em como sou o cara mais sortudo do planeta e *ela*...

Ela coloca a mão no meu peito e diz baixinho: — Você realmente não é meu tipo.

Isso tira o vento de mim. Eu solto meus braços ao redor de sua cintura e dou um passo repentino e incerto para trás.

Ela se encolhe, cobre o rosto com as duas mãos.

— Eu não, uau, eu não quero dizer que você não é meu tipo. — Ela balança a cabeça com força. — Eu só quero dizer que eu normalmente não… eu normalmente não faço isso.

— Fazer o quê? — Eu digo, ainda ferido.

— Isso — diz ela, e gesticula entre nós. — Eu não… eu simplesmente não dou a volta beijando caras que mal conheço.

— Ok. — Eu franzo a testa. — Você quer ir embora?

— Não. — Seus olhos se arregalam.

— Então o que você quer?

— Eu não sei — diz ela, e seus olhos ficam macios novamente. — Eu meio que só quero olhar para você por um minuto. Eu quis dizer o que eu disse sobre o seu rosto — ela diz, e sorri. — Você tem um ótimo rosto.

De repente fico fraco nos joelhos. Eu literalmente tenho que sentar. Eu ando até a minha cama e desmorono para trás, minha cabeça batendo no travesseiro. Parece bom demais para ser horizontal. Se não houvesse uma mulher linda no meu quarto agora, eu já estaria dormindo.

— Só para você saber, isso não é um movimento — eu digo, principalmente para o teto. — Eu não estou tentando fazer você dormir comigo. Eu literalmente tive que deitar. Obrigado por apreciar meu rosto. Eu sempre achei que tinha um rosto subestimado.

Ela ri, e senta ao meu lado, oscilando na beira da cama, perto do meu braço.

— Você não é realmente o que eu esperava — diz ela.

Eu olho para ela.

— O que você estava esperando?

— Eu não sei. — Ela balança a cabeça. Sorri para mim. — Eu acho que eu não esperava gostar tanto de você.

Meu peito fica apertado. Muito apertado. Eu me forço a sentar, para encontrar seus olhos.

— Venha aqui — eu digo. — Você está muito longe.

Ela tira as botas e se aproxima, dobrando as pernas por baixo dela. Ela não diz uma palavra. Apenas olha para mim. E então, com cuidado, ela toca meu rosto, a linha do meu queixo. Meus olhos se fecham, minha mente nadando sem sentido. Eu me inclino para trás, descanso minha cabeça contra a parede atrás de nós. Eu sei que isso não significa muito para minha autoconfiança que estou tão surpreso que isso esteja acontecendo, mas eu não posso evitar.

Eu nunca pensei que teria essa sorte.

— Kenji — ela diz suavemente.

Eu abro meus olhos.

— Eu não posso ser sua namorada.

Eu pisco. Sento um pouco.

— Ah — eu digo.

Não me ocorreu até exatamente neste momento que eu poderia até querer

algo assim, mas agora que estou pensando nisso, sei que sim. Uma namorada é exatamente o que eu quero. Eu quero um relacionamento. Eu quero algo real.

— Isso nunca iria funcionar, você sabe? — Ela inclina a cabeça, olha para mim como é óbvio, como eu sei tão bem quanto ela, porque as coisas nunca funcionariam entre nós. — Nós não estamos… — Ela faz movimentos entre nossos corpos para indicar algo que eu não entendo. — Somos tão diferentes, certo? Além disso, eu nem moro aqui.

— Certo — eu digo, mas minha boca parece subitamente entorpecida. Meu rosto todo parece entorpecido. — Você nem mora aqui.

E então, enquanto estou tentando descobrir como recuperar os pedaços das minhas esperanças e sonhos destruídos, ela sobe no meu colo. De zero a sessenta. Meu corpo está com defeito. Superaquece.

Ela aperta o rosto na minha bochecha e me beija, suavemente, logo abaixo da minha mandíbula, e eu me sinto derretendo na parede, no ar.

Eu não entendo mais o que está acontecendo. Ela gosta de mim, mas ela não quer ficar comigo. Ela não vai estar comigo, mas ela vai se sentar no meu colo e me beijar no esquecimento.

Certo. OK.

Eu deixo ela me tocar do jeito que ela quer, deixo ela colocar as mãos no meu corpo e me beijar onde quer que ela queira. Ela me toca de forma proprietária, como se eu já pertencesse a ela, e eu não me importo. Eu meio que amo isso. E deixei que ela assumisse a liderança enquanto eu pudesse suportar. Ela está puxando minha camisa, passando as mãos pela minha pele nua e me dizendo o quanto ela gosta do meu corpo, e eu realmente sinto como se eu não pudesse respirar. Eu me sinto muito quente. Delirante, mas aguçado, ciente desse momento de um modo quase primitivo.

Ela me ajuda a tirar minha camisa e então ela apenas olha para mim, primeiro no meu rosto e depois no meu peito, e ela passa as mãos pelos meus ombros, pelos meus braços.

— Uau — ela diz baixinho. — Você é tão deslumbrante.

Isso é tudo para mim.

Eu a pego do colo e a coloco de costas, e ela engasga, olha para mim como se estivesse surpresa. E então, profunda, seus olhos ficam profundos e escuros, e ela está olhando para minha boca, mas eu decido beijar seu pescoço, a curva de seu ombro.

— Nazeera — eu sussurro, dificilmente reconhecendo o som da minha própria voz. — Eu quero tanto você que pode me matar.

De repente, alguém está batendo na minha porta.

— Mano, onde diabos você foi? — Ian grita. — Castle trouxe o jantar, tipo, dez minutos atrás.

Eu me sento muito rápido. Eu quase desloco um músculo. Nazeera ri alto, e mesmo que ela coloque a mão sobre a boca para abafar o som, ela não é rápida o suficiente.

— Uh… Olá? — Ian novamente. — Kenji?

— Eu vou estar lá — eu grito de volta.

Eu o ouço hesitar – seus passos são incertos – e então ele se foi. Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos. De repente, tudo vem correndo de volta para mim. Por alguns minutos, este momento com Nazeera parecia o mundo inteiro, um alívio bem-vindo de toda a guerra e morte e luta. Mas agora, com um pouco de oxigênio no cérebro, me sinto idiota. Eu não sei o que eu estava pensando.

Juliette pode estar *morta*.

Eu fico de pé. Eu puxo minha camisa rapidamente, com cuidado para não encontrar seus olhos. Por alguma razão, não consigo olhar para a Nazeera. Não me arrependo de tê-la beijado – é só que também me sinto subitamente culpado, como se estivesse fazendo algo errado. Algo egoísta e inadequado.

— Eu sinto muito — eu digo. — Eu não sei o que deu em mim.

Nazeera está puxando suas botas. Ela olha para cima, surpresa.

— O que você quer dizer?

— O que nós apenas… — eu suspiro, forte — Eu não sei. Eu esqueci, por um momento, tudo que temos que fazer. O fato de que Juliette pode estar lá fora, em algum lugar, sendo torturada até a morte. Warner pode estar morto. Teremos que fazer as malas e fugir, deixar esse lugar para trás. Deus, há tanta coisa acontecendo e eu apenas… minha cabeça estava no lugar errado. Eu sinto muito.

Nazeera está de pé agora. Ela parece chateada.

— Por que você continua se desculpando comigo? Pare de se desculpar comigo.

— Você está certo. Me desculpe. — Eu estremeço. — Quero dizer… você sabe o que quero dizer. De qualquer forma, devemos ir.

— Kenji...

— Escute, você disse que não queria um relacionamento, certo? Você não queria ser minha namorada? Você não acha que isso... — Eu imito o que ela fez antes, apontando entre nós. — Poderia funcionar? Bem, então... — Eu respiro. Passo a mão pelo meu cabelo. — Isto é o que não ser minha namorada parece. OK? Existem apenas algumas pessoas na minha vida que realmente se importam comigo, e neste momento minha melhor amiga provavelmente está sendo assassinada por um bando de psicopatas, e eu deveria estar lá fora, fazendo alguma coisa.

— Eu não sabia que você e Warner eram tão próximos — ela diz baixinho.

— O quê? — Eu franzo a testa. — Não, eu estou falando sobre Juliette — eu digo. — Ella. Tanto faz.

As sobrancelhas de Nazeera ficam altas.

— De qualquer forma, sinto muito. Nós provavelmente devemos apenas manter isso profissional, certo? Você não está procurando nada sério, e eu não sei como ter relacionamentos casuais de qualquer maneira. Eu sempre acabo me importando demais, para ser honesto, então isso provavelmente não foi uma boa ideia.

— Ah.

— Certo? — Eu olho para ela, esperando, de repente, que houvesse algo que eu perdi, algo mais do que a distância legal em seus olhos. — Você não acabou de me dizer que somos diferentes demais? Que você nem mora aqui?

Ela se afasta.

— Sim.

— E você mudou de ideia nos últimos trinta segundos? Sobre ser minha namorada?

Ela ainda está olhando para a parede quando ela diz: — Não.

A dor sobe na minha espinha, se acumula no meu peito.

— Ok, então — eu digo, e aceno. — Obrigado pela sua honestidade. Eu tenho que ir.

Ela passa por mim e sai pela porta.

— Estou indo também.

Juliette

Eu estou sentada na parte de trás de um carro da polícia por mais de uma hora. Eu não consegui chorar, ainda não. E eu não sei o que estou esperando, mas sei o que fiz, e tenho certeza de que sei o que acontece a seguir.

Eu matei um garotinho.

Eu não sei como eu fiz isso. Eu não sei porque aconteceu. Eu só sei que fui eu, minhas mãos, eu. Eu fiz isso. Eu.

Eu me pergunto se meus pais aparecerão.

Em vez disso, três homens em uniformes militares marcham até a minha janela. Um deles abre a porta e aponta uma metralhadora no meu peito.

—Saia — ele late. — Com as mãos para cima.

Meu coração está acelerado, o terror me impulsionando para fora do carro tão rápido que eu tropeço, batendo meu joelho no chão. Eu não preciso checar para saber que estou sangrando; a dor da ferida recente já está queimando. Eu mordo meu lábio para não gritar, forçar as lágrimas para trás.

Ninguém me ajuda.

Quero dizer a eles que tenho apenas catorze anos, que não sei muito sobre muitas coisas, mas sei o suficiente. Eu assisti programas de TV sobre esse tipo de coisa. Eu sei que eles não podem me acusar como um adulto. Eu sei que eles não deveriam estar me tratando assim.

Mas então lembro que o mundo é diferente agora. Temos um novo governo agora, um que não se importa como costumávamos fazer as coisas. Talvez nada disso importe mais.

Meu coração bate mais rápido.

Eu estou empurrada para o banco de trás de um carro preto, e antes que eu perceba, eu estou em algum lugar novo: em algum lugar que parece um prédio de escritórios comum. É alto. Aço cinza. Parece velho e decrépito –

algumas de suas janelas estão rachadas – e a coisa toda parece triste.

Mas quando ando por dentro, fico atordoado ao descobrir um interior ofuscante e reluzente. Olho em volta, observando o chão de mármore, os ricos tapetes e móveis. Os tetos são altos, a arquitetura moderna, mas elegante. É tudo de vidro e mármore e aço inoxidável.

Eu nunca estive em lugar nenhum tão bonito.

E eu não tive nem um momento para absorver tudo antes de ser cumprimentado por um homem magro e mais velho com cabelos castanhos ainda mais finos.

Os soldados me flanqueando dão um passo para trás enquanto ele avança.

— Senhorita. Ferrars? — Ele diz.

— Sim?

— Você está vindo comigo.

Eu hesito.

— Quem é Você?

Ele me estuda um momento e depois parece tomar uma decisão.

— Você pode me chamar de Delalieu.

— Ok — eu digo, a palavra desaparecendo em um sussurro.

Eu sigo Delalieu em um elevador de vidro e vejo-o usar um cartão-chave para autorizar o elevador. Quando estamos em movimento, encontro coragem para falar.

— Onde eu estou? — Eu pergunto. — O que está acontecendo?

Sua resposta vem automaticamente.

— Você está na sede do Setor 45. Você está aqui para ter uma reunião com o chefe comandante e regente do Setor 45. — Ele não olha para mim quando fala, mas não há nada em seu tom que pareça ameaçador. Então eu faço outra pergunta.

— Por quê?

As portas do elevador pingam quando se abrem. Delalieu finalmente se vira para me olhar.

— Você vai descobrir daqui a pouco.

Eu sigo Delalieu por um corredor e espero, silenciosamente, do lado de fora de uma porta, enquanto ele bate. Ele espreita a cabeça para dentro quando a porta se abre, anuncia sua presença e, em seguida, faz sinal para eu segui-lo.

Quando faço isso, estou surpresa.

Há um homem bonito em uniforme militar – suponho que ele seja o comandante – parado em frente a uma mesa grande de madeira, com os braços cruzados no peito. Ele está me olhando diretamente nos olhos, e de repente estou tão sobrecarregada que me sinto corar.

Eu nunca vi ninguém tão bonito antes.

Eu olho para baixo, envergonhado e estudo os cadarços dos meus tênis. Eu sou grato pelo meu cabelo comprido. Ela serve como uma cortina escura e pesada, protegendo meu rosto de vista.

— Olhe para mim.

O comando é nítido e claro. Eu olho para cima, nervosamente, para encontrar seus olhos. Ele tem cabelos castanhos escuros e grossos. Olhos como uma tempestade. Ele olha para mim por tanto tempo que sinto arrepios ao longo da minha pele. Ele não vai desviar o olhar e eu me sinto mais apavorada no momento. Os olhos deste homem estão cheios de raiva. Trevas. Há algo genuinamente assustador nele e meu coração começa a martelar.

— Você está crescendo rapidamente — diz ele.

Eu olho para ele, confusa, mas ele ainda está estudando meu rosto.

— Quatorze anos de idade — ele diz baixinho. — É uma idade tão complicada para uma menina. — Finalmente, ele suspira. Olha para longe. — Sempre parte meu coração quebrar coisas lindas.

— Eu não… eu não entendo — eu digo, me sentindo subitamente doente.

Ele olha de novo.

— Você está ciente do que fez hoje?

Eu congelo. Palavras se acumulam na minha garganta, morrem na minha boca.

— Sim ou não? — Ele exige.

— Sim — eu digo rapidamente. — Sim.

— E você sabe por que você fez isso? Você sabe como você fez isso?

Eu balancei minha cabeça, meus olhos se enchendo de lágrimas.

— Foi um acidente — eu sussurro. — Eu não sabia… eu não sabia que isso...

— Alguém mais sabe sobre sua doença?

— Não. — Eu olho para ele, meus olhos arregalados, mesmo quando as lágrimas borram minha visão. — Quero dizer, não… não, na verdade… apenas meus pais… mas ninguém realmente entende o que há de errado

comigo. Eu nem entendo...

— Você quer dizer que você não planejou isso? Não foi sua intenção assassinar o garotinho?

— Não! — Eu grito e, em seguida, bato as duas mãos sobre a minha boca. — Não — eu digo, baixinho agora. — Eu estava tentando ajudá-lo. Ele caiu no chão e eu… eu não sabia. Eu juro que não sabia.

— Mentirosa.

Eu ainda estou balançando a cabeça, enxugando as lágrimas com as mãos trêmulas.

— Foi um acidente. Eu juro, eu não queria... eu não...

— Senhor — é Delalieu. A voz dele.

Eu não percebi que ele ainda estava no quarto.

Eu fungo, enxugo rapidamente meu rosto, mas minhas mãos ainda estão tremendo. Eu tento novamente engolir as lágrimas. Para me recompor.

— Senhor — Delalieu diz com mais firmeza. — Talvez devêssemos conduzir essa entrevista em outro lugar.

— Eu não vejo por que isso é necessário.

— Eu não quero parecer impertinente, senhor, mas eu realmente sinto que você poderia ser mais bem servido conduzindo esta entrevista em particular.

Eu me atrevo a virar para olhar para ele. E é quando percebo a terceira pessoa na sala.

Um menino.

Minha respiração fica presa na minha garganta com um suspiro quase audível. Uma única lágrima escapa pela minha bochecha e eu a limpo, mesmo quando olho para ele. Eu não posso ajudar, não posso desviar o olhar. Ele tem o tipo de cara que eu nunca vi na vida real. Ele é mais bonito que o comandante. Mais bonito. Ainda assim, há algo desconcertante sobre ele, algo frio e estranho em seu rosto que o torna difícil de olhar. Ele é quase perfeito demais. Ele tem um queixo afiado e maçãs do rosto afiadas e um nariz pontudo e reto. Tudo sobre ele me lembra uma lâmina. Seu rosto está pálido. Seus olhos são de um verde deslumbrante e claro, e ele tem um rico cabelo dourado. E ele está olhando para mim, seus olhos arregalados com uma emoção que não consigo decifrar.

Uma garganta limpa.

O feitiço está quebrado.

Calor inunda meu rosto e eu desvio meus olhos, mortificado Eu não desviei o olhar mais cedo.

Eu ouço o comandante resmungar com raiva em voz baixa.

— Inacreditável — diz ele. — Sempre a mesma coisa.

Eu olho para cima.

— Aaron — diz ele bruscamente. — Saia.

O garoto – seu nome deve ser Aaron – se *assusta. Ele olha para o comandante por um segundo e depois olha para a porta. Mas ele não se move.*

— Delalieu, por favor, escolte meu filho do quarto, pois ele parece incapaz de lembrar como mover as pernas.

O filho dele.

Uau. Isso explica o rosto.

— Sim, senhor, claro, senhor.

A expressão de Aaron é impossível de ler. Eu o pego olhando para mim, só mais uma vez, e quando ele me vê encarando, ele franze a testa. Não é um olhar indelicado.

Ainda assim, eu me afasto.

Ele e Delalieu passam por mim quando saem e eu finjo não notar quando o ouço sussurrar...

— Quem é ela?

… quando eles se afastam.

— Ella? Você está bem?

Eu pisco, lentamente limpando a teia de escuridão obscurecendo minha visão. Estrelas explodem e desaparecem por trás dos meus olhos e eu tento me levantar, o tapete pressionando impressões de pipoca em minhas palmas, metal cavando em minha carne. Eu estou usando algemas, punhos brilhantes que emitem uma luz azul suave que tira a vida da minha pele, faz minhas próprias mãos parecerem sinistras.

A mulher na minha porta está olhando para mim. Ela sorri.

— Seu pai e eu achamos que você pode estar com fome — diz ela. — Nós fizemos o jantar.

Eu não posso me mexer. Meus pés parecem aparafusados no lugar, os rosas e roxos das paredes e pisos me agredindo de todos os cantos. Estou no meio do bizarro museu do que provavelmente foi meu quarto de infância –

olhando para o que poderia ser minha mãe biológica – e sinto que posso vomitar. As luzes são de repente muito brilhantes, as vozes muito altas. Alguém caminha na minha direção e o movimento parece exagerado, os passos batendo forte e rápido em meus ouvidos. Minha visão entra e sai e as paredes parecem tremer. O chão se desloca, se inclina para trás.

Eu caio com força no chão.

Por um minuto, eu não ouço nada além do meu batimento cardíaco. Alto, tão alto, pressionando-me, me agredindo com uma cacofonia de som tão perturbador que me dobrei, pressionei meu rosto no tapete e gritei.

Eu sou histérica, meus ossos tremem em minha pele, e a mulher me pega, me enrola e eu rasgo, ainda gritando...

— Onde está todo mundo? — Eu grito. — O que está acontecendo comigo? — Eu grito. — Onde estou? Onde estão Warner e Kenji e ah meu Deus, ah meu Deus, todas essas pessoas, todas aquelas pessoas que eu matei...

O vômito sobe pela minha garganta, me sufocando, e eu tento reprimir as imagens, as horríveis imagens aterrorizantes de corpos abertos, sangue serpenteando por cordas de carne mal rasgada e algo perfura minha mente, algo agudo e ofuscante e de repente eu Estou de joelhos, levantando o conteúdo escasso do meu estômago em uma cesta rosa.

Eu mal posso respirar.

Meus pulmões estão sobrecarregados, meu estômago ainda está ameaçando me trair, e eu estou ofegante, minhas mãos tremendo enquanto tento me levantar. Eu giro ao redor, a sala se movendo mais rápido do que eu, e vejo apenas flashes de rosa, flashes de roxo.

Eu balanço

Alguém me pega de novo, desta vez novos braços, e o homem que me chama de filha me segura como se eu fosse sua filha e ele diz: — Querida, você não precisa mais pensar neles. Você está segura agora.

— Segura? — Eu volto, olhos selvagens. — Quem é Você...?

A mulher pega minha mão. Aperta meus dedos enquanto me liberto de seu aperto.

— Eu sou sua mãe — diz ela. — E eu decidi que é hora de você voltar para casa.

— O que… — eu pego dois punhados de sua camisa. — O que você fez com meus amigos? — Eu grito. E então eu a sacudo, sacudo ela com tanta

força que ela realmente parece assustada por um segundo, e então eu tento pegá-la e jogá-la na parede, mas lembro, com um começo, que meus poderes foram cortados, que eu tenho confiar na mera raiva e adrenalina e eu me viro, de repente furiosa, sentindo-me mais segura no segundo em que comecei a ter alucinações, alucinações, quando inesperadamente

ela me dá um tapa na cara.

Duro.

Eu pisco, atordoado, mas consigo ficar de pé.

— Ella Sommers — ela diz bruscamente. — Você vai se recompor. — Seus olhos brilham enquanto ela me avalia. — O que é esse comportamento ridículo e dramático? Preocupada com seus amigos? Essas pessoas não são seus amigos.

Minha bochecha queima e metade da minha boca parece dormente, mas eu digo: — Sim, sim, eles são meus...

Ela me bate de novo.

Meus olhos se fecham. Reabro. Sinto-me subitamente tonta.

— Nós somos seus pais — diz ela em um sussurro áspero. — Seu pai e eu te trouxemos para casa. Você deveria ser grata.

Eu sinto sangue. Eu alcanço, toco meu lábio. Meus dedos saem vermelhos.

— Onde está Emmaline? — Sangue está acumulando na minha boca e eu cuspo, no chão. — Você também a sequestrou? Ela sabe o que você fez? Que você nos doou para o restabelecimento? Vendeu nossos corpos para o mundo?

Um terceiro tapa rápida.

Eu sinto isso tocar no meu crânio.

— *Como você se atreve*. — O rosto da minha mãe fica vermelho. — Como você se *atreve*… Você não tem ideia do que nós construímos, todos esses anos – Os sacrifícios que fizemos para o nosso futuro...

— Agora, Evie — meu pai diz, e coloca uma mão calmante em seu ombro. — Tudo vai ficar bem. Ella só precisa de um pouco de tempo para se estabelecer, isso é tudo. Ele olha para mim. — Não é verdade, Ella?

Isso me atinge então, naquele momento. Tudo. Isso me atinge de repente, com uma força assustadora e desestabilizadora...

Fui raptada por um par de malucos e talvez nunca mais veja meus amigos. Na verdade, meus amigos podem estar mortos. Meus pais podem tê-

los matado. Todos eles.

A realização é como sufocamento.

Lágrimas enchem minha garganta, minha boca, meus olhos.

— Onde — eu digo, meu peito arfando. — Está Warner? O que você fez com ele?

A expressão de Evie é repentinamente assassina.

— Você e aquele maldito garoto. Se eu tiver que ouvir o nome dele mais uma vez...

— *Onde está Warner*? — Estou gritando de novo. — Onde ele está? Onde está o Kenji? O que você fez com eles?

Evie parece subitamente esgotada. Ela aperta a ponte do nariz entre o polegar e o indicador.

— Querido — ela diz, mas ela não está olhando para mim, ela está olhando para o meu pai. — Você vai lidar com isso, por favor?

Eu tenho uma dor de cabeça terrível e vários telefonemas urgentes para retornar.

— Claro, meu amor. — E ele puxa uma seringa do bolso e esfaqueia-a, rapidamente, no meu pescoço.

Kenji

A sala comum está realmente crescendo em mim.

Eu costumava passar o tempo todo, e me pergunto por que a Warner pensou que precisávamos de uma sala comum desse tamanho. Há toneladas de assentos e muito espaço para se espalhar, mas eu sempre achei que era um desperdício de espaço. Eu secretamente desejei que Warner tivesse usado a metragem quadrada de nossos quartos.

Agora eu entendi.

Quando Nazeera e eu entramos, dez minutos atrasados para a festa da pizza improvisada, todo mundo está aqui. *Brendan* está aqui. Ele está sentado em um canto sendo fustigado por Castle e Alia, e eu quase o enfrento. Não, claro, porque é óbvio que ele ainda está em recuperação, mas fico aliviado ao descobrir que ele está bem. Na maioria das vezes ele parece torcido, mas ele não está usando uma tipóia nem nada, então eu acho que as garotas não tiveram nenhum problema quando estavam remendando ele. Isso é um ótimo sinal.

Eu vejo Winston andando pela sala e eu o alcanço, bato nas costas dele.

— Ei — eu digo, quando ele se vira. — Você está bem?

Ele está equilibrando um par de pratos de papel, os quais já estão cedendo sob o peso de muita pizza, e ele sorri com todo o seu rosto quando diz: — Eu odeio hoje. Hoje é um incêndio de lixo. Eu odeio tudo sobre hoje, exceto pelo fato de que Brendan está bem e temos pizza. Fora isso, hoje pode ir direto para o inferno.

— Sim. Eu sinto muito isso. — E então, depois de uma pausa, eu digo baixinho: — Então, eu estou supondo que você nunca teve essa conversa com Brendan, hein?

Winston fica de repente rosa.

— Eu disse que estava esperando o momento certo. Este parece ser o momento certo para você?

— Bom ponto. — Eu suspiro. — Eu acho que estava apenas esperando que você tivesse boas notícias. Todos nós poderíamos usar algumas boas notícias agora mesmo.

Winston me lança um olhar simpático.

— Nenhuma palavra sobre Juliette?

Eu sacudo minha cabeça. Sinto-me subitamente doente.

— Alguém lhe disse que seu nome verdadeiro é Ella?

— Eu ouvi — diz Winston, levantando as sobrancelhas. — Essa história toda é besteira.

— Sim — eu digo. — Hoje é o pior.

— Foda-se hoje — diz Winston.

— Não se esqueça do amanhã — eu digo. — Amanhã vai ser horrível também.

— O que? Por quê? — Os pratos de papel nas mãos de Winston estão ficando translúcidas com graxa de pizza. — O que está acontecendo amanhã?

— A última vez que ouvi que estaríamos pulando do navio — eu digo. — Correndo por nossas vidas. Eu estou supondo que vai ser terrível.

— *Merda*. — Winston quase deixa cair seus pratos. — Sério? Brendan precisa de mais tempo para descansar. — Então, depois de uma pausa: — Para onde estamos indo?

— Para o outro lado do continente, aparentemente — diz Ian enquanto se aproxima.

Ele me entrega um prato de pizza. Eu murmuro um rápido agradecimento e olho para a pizza, me perguntando se eu seria capaz de enfiar a coisa toda na minha boca de uma só vez. Provavelmente não.

— Você sabe de alguma coisa que não sabemos? — Diz Winston a Ian, com os óculos escorregando pela ponta do nariz. Winston tenta, sem sucesso, empurrá-los de volta com o antebraço, e Ian se aproxima para fazer isso por ele.

— Eu sei muitas coisas que você não sabe — diz Ian. — A primeira delas é que Kenji estava definitivamente se conectando com Nazeera, cinco segundos atrás.

Minha boca quase se abre antes que eu me lembre de que há comida nela. Eu engulo muito rápido e engasgo. Ainda tusso enquanto olho em volta, em pânico de que a Nazeera possa estar ao alcance da voz. Só quando a vejo do outro lado da sala falando com Sonya e Sara eu finalmente relaxo.

Eu olho para Ian.

— Que diabos tem de errado com você?

Winston, pelo menos, tem a decência de sussurrar quando ele diz: — Você estava ficando com a Nazeera? Nós só saímos algumas horas!

— Eu não fiquei com Nazeera — eu minto.

Ian dá uma mordida na pizza.

— Seja como for, mano. Nenhum julgamento. O mundo está em chamas. Se divirta.

— Nós não... — eu suspiro, olho para longe. — Não foi assim. é nem nada. Nós estávamos apenas, tipo… — Faço um gesto aleatório com a mão que significa exatamente nada.

Ian levanta as sobrancelhas.

— Ok — diz Winston, atirando-me um olhar. — Nós vamos falar sobre a coisa da Nazeera mais tarde. — Ele se vira para Ian. — O que está acontecendo amanhã?

— Nós saímos — diz Ian. — Esteja pronto para ir de madrugada.

— Certo, ouvi essa parte — diz Winston, — mas para onde estamos indo?

Ian encolhe os ombros.

— Castle tem a notícia — diz ele. — Isso é tudo que eu ouvi. Ele estava esperando que Kenji e Nazeera colocassem suas roupas de volta antes de contar a todos os detalhes.

Eu inclino minha cabeça para Ian, ameaçando-o com um único olhar.

— Nada está acontecendo comigo e Nazeera — eu digo. — Esqueça.

— Tudo bem — diz ele, pegando sua pizza. — Faz sentido. Quer dizer, ela nem é tão bonita assim.

Meu prato cai da minha mão. Pizza bate no chão. Sinto uma necessidade súbita e indesejada de dar um soco no rosto de Ian.

— Você está… você está fora de si? Nem mesmo… ela é a mulher mais linda que eu já vi na minha *vida*, e você está aqui dizendo que ela *nem é tão bonita*? Você já...

— Veja o que estou dizendo? — Ian me interrompe. Ele está olhando para Winston.

— Uau — diz Winston, olhando solenemente para a pizza no chão. — Sim, Kenji é definitivamente cheio de merda.

Eu arrasto a mão pelo meu rosto.

— Eu odeio vocês.

— De qualquer forma — diz Ian, — ouvi dizer que as notícias de Castle têm algo a ver com Nouria.

Minha cabeça se levanta de novo.

Nouria.

Eu quase esqueci. Esta manhã, pouco antes do simpósio, as gêmeas me disseram que haviam descoberto algo – algo a ver com o veneno nas balas que Juliette tinha levado – que as levaram de volta a Nouria.

Mas muita coisa aconteceu hoje e eu nunca tive a chance de acompanhar. Descobrir o que aconteceu.

— Você ouviu sobre isso? — Ian me pergunta, levantando uma sobrancelha. — Ela enviou uma mensagem, aparentemente. É o que as garotas estão dizendo.

— Sim — eu digo e franzo a testa. — Eu ouvi.

Eu honestamente não tenho ideia de como isso pode ser resolvido.

Faz pelo menos dez anos desde a última vez em que Castle viu sua filha, Nouria. Darrence e Jabari, seus dois filhos, foram assassinados por policiais quando se recusaram a deixar os homens entrarem em suas casas sem um mandado. Isso foi antes que O Restabelecimento assumisse.

Castle não estava em casa naquele dia, mas Nouria estava.

Ela assistiu isso acontecer. Castle disse que sentiu como se tivesse perdido três filhos naquele dia. Nouria nunca se recuperou. Em vez disso, ela se destacou. Apática. Ela parou de chegar em casa no horário normal e então – um dia – ela desapareceu. O Restabelecimento sempre escolhia crianças da rua e as despachava onde quer que sentissem necessidade de encher. Nouria foi coletada contra sua vontade; pega e empacotada para outro setor. Castle sabia com certeza que isso aconteceu, porque O Restabelecimento lhe enviou um recibo para sua filha. Um recibo de merda.

Todos do Ponto conheciam a história de Castle. Ele sempre fez um esforço para ser honesto, para compartilhar as memórias mais difíceis e dolorosas de sua vida, para que o resto de nós não sentisse que estávamos sofrendo sozinhos.

Castle achou que nunca mais veria Nouria.

Então, se ela está chegando agora...

Só então, Castle me chama a atenção. Ele olha para mim e depois para Nazeera. Uma sugestão de um sorriso toca seus lábios e então se vai, sua

espinha reta enquanto ele se dirige ao quarto. Ele parece bem, eu percebo. Ele parece brilhante, vivo como eu não o vejo há anos. Seus bloqueios são puxados para trás, amarrados na base de seu pescoço. Seu desbotado blazer azul ainda lhe cabe perfeitamente, mesmo depois de todos esses anos.

— Eu tenho novidades — diz ele.

Mas tenho certeza que sei o que vem a seguir.

Nouria vive no Setor 241, a milhares de quilômetros de distância, e a comunicação intersetorial é quase inédita. Apenas os grupos rebeldes são corajosos o suficiente para arriscar o envio de mensagens codificadas pelo continente. Ian e Winston sabem disso. Eu sei isso.

Todo mundo sabe disso.

O que significa que Castle provavelmente está aqui para nos dizer que Nouria foi desonesta.

Ha.

Tal pai, tal filha.

Warner

— Oi — eu digo.

Ela se vira ao som da minha voz e se assusta quando ela vê meu rosto. Seus olhos se arregalam. E eu sinto isso imediatamente quando as emoções dela mudam.

Ela é atraída por mim.

Ela é atraída por mim e a revelação me deixa feliz. Eu não sei porque. Não é novidade. Eu aprendi, há muito tempo, que muitas pessoas me acham atraente. Homens. Mulheres. Especialmente mulheres mais velhas, um fenômeno que eu ainda não entendo. Mas isso...

Isto me faz feliz. Ela me acha atraente.

— Oi — ela diz, mas ela não olha para mim.

Eu percebo que ela está corando. Estou surpreso. Há algo doce nela, algo gentil e doce que eu não estava realmente esperando.

— Você está indo bem? — Eu pergunto.

É uma pergunta estúpida. A garota está claramente em uma posição horrível. Agora ela está apenas sob nossa custódia enquanto for preciso para que meu pai decida o que fazer com ela. Ela está atualmente em uma instalação de alojamento bastante confortável aqui na base, mas ela provavelmente acabará em um centro de detenção juvenil. Não tenho certeza. Eu ouvi meu pai falar sobre fazer mais testes nela primeiro. Seus pais são aparentemente histéricos, desesperados por nós a aceitarmos e lidarmos com ela. Oferecer um diagnóstico. Eles acham que ela matou o menino de propósito. Eles acham que a filha deles é louca.

Eu acho que ela parece bem.

Melhor que bem.

Eu não consigo parar de olhar para ela. Meus olhos percorrem seu rosto mais de uma vez, estudando seus traços com cuidado. Ela parece tão familiar para mim, como se eu pudesse tê-la visto antes. Talvez em um sonho.

Eu estou ciente, mesmo quando penso, que meus pensamentos são ridículos.

Mas eu fui atraído para cá, magnetizado para ela por algo além do meu controle. Eu sei que não deveria ter vindo. Eu não tenho nenhum negócio falando com ela, e se meu pai me encontrasse aqui, ele provavelmente iria me matar. Mas eu tentei, por dias, esquecer o rosto dela, e não consegui. Eu tento dormir à noite e sua semelhança se materializa na escuridão. Eu precisava vê-la novamente.

Eu não sei como defender isso.

Finalmente, ela fala e eu me liberto do meu devaneio. Eu me lembro de ter feito uma pergunta a ela.

— Sim, obrigada — diz ela, com os olhos no chão. — Eu estou bem.

Ela está mentindo.

Eu quero que ela olhe para cima, para encontrar meus olhos. Ela não faz, e eu acho isso frustrante.

— Você vai olhar para mim? — Eu digo.

Isso funciona bem o suficiente.

Mas quando ela me olha diretamente nos olhos, sinto meu coração ir de repente, terrivelmente imóvel. Uma batida pulada. Um momento de morte.

E depois...

Rápido. Meu coração está acelerado demais.

Eu nunca entendi a minha capacidade de estar ciente dos outros, mas muitas vezes me serviu bem. Na maioria dos casos, isso me oferece uma vantagem. Neste caso, é nada menos que esmagador.

Agora, tudo está me atingindo duas vezes mais. Sinto dois conjuntos de emoções… as dela e as minhas, as duas entrelaçadas. Parece que estamos sentindo as mesmas coisas ao mesmo tempo. É desorientador, tão inebriante que mal consigo recuperar o fôlego. Sinto um desejo surpreendente de tocá-la. Eu quero...

— Por quê? — Ela diz.

Eu pisco.

— O que?

— Por que você quer que eu olhe para você?

Eu respiro. Limpo minha cabeça, considero minhas opções. Eu poderia dizer a verdade. Eu poderia dizer uma mentira. Eu poderia ser evasivo, mudar de assunto.

Finalmente, eu digo: — Eu te conheço?

Ela ri e olha para longe.

— Não — diz ela. — Definitivamente não.

Ela morde o lábio e eu sinto seu nervosismo repentino, ouço o pico de sua respiração. Eu me aproximo dela quase sem perceber.

Ela olha para mim e percebo, com uma emoção, o quão perto estamos. Há um calor palpável entre nossos corpos, e seus olhos são grandes e bonitos, verde azulados. Como o globo, eu acho. Como o mundo inteiro.

Ela está olhando para mim e de repente me sinto desequilibrado.

— O que há de errado? — Ela diz.

Eu tenho que me afastar dela.

— Eu não… — Eu olho para ela novamente. — Tem certeza de que não te conheço?

E ela sorri. Sorri para mim e meu coração se despedaça.

— Confie em mim — diz ela. — Eu me lembraria de você.

Kenji

Delalieu.

Não acredito que nos esquecemos de Delalieu.

Eu pensei que as notícias de Castle seriam sobre Nouria. Eu pensei que ele ia nos dizer que ela estendeu a mão para dizer que ela era uma líder de resistência sofisticada agora, que seríamos bem-vindos para ficar em sua casa por um tempo. Em vez disso, as notícias de Castle era...

Delalieu.

Ele entra em cena.

Castle fica de lado e permite que o tenente entre na sala, e embora pareça rígido e fora de lugar, Delalieu parece genuinamente chateado. Eu sinto isso, como um soco no estômago, no momento em que vejo seu rosto. *Luto*.

Ele limpa a garganta duas ou três vezes.

Quando ele finalmente fala, sua voz é mais firme do que eu já ouvi.

— Eu vim para tranquilizá-los — diz ele. — Em pessoa, que vou garantir que o seu grupo permaneça seguro aqui, pelo tempo que eu conseguir. — Uma pausa. — Eu não sei ainda exatamente o que está acontecendo agora, mas sei que não pode ser bom. Estou preocupado que não acabe bem se vocês ficarem, e eu estou comprometido em ajudá-los enquanto vocês planejam sua fuga.

Todo mundo está quieto.

— Hm, obrigado — eu digo, quebrando o silêncio. Eu olho ao redor da sala quando digo: — Nós realmente apreciamos isso. Mas quanto tempo nós temos?

Delalieu balança a cabeça.

— Receio não poder garantir sua segurança por mais de uma semana. Mas espero que o descanso de alguns dias lhe dê o tempo necessário para descobrir seus próximos passos. Encontrar um lugar seguro para ir. Enquanto isso, fornecerei a assistência que puder.

— Ok — diz Ian, mas ele parece cético. — Isso é realmente... generoso.

Delalieu pigarreia novamente.

— Deve ser difícil saber se você deve confiar em mim. Eu entendo suas preocupações. Mas temo que fiquei em silêncio por muito tempo — diz ele, sua voz perdendo sua firmeza. — E agora, com... com o que aconteceu com Warner e com a senhorita Ferrars… — Ele para, com a voz quebrando na última palavra. Ele olha para cima, me olha nos olhos. — Eu tenho certeza que Warner nunca disse a nenhum de vocês que eu sou seu avô.

Meu queixo cai aberto. De verdade, cai aberto.

Castle é a única pessoa na sala que não parece chocada.

— Você é o avô de Warner? — Adam diz, ficando de pé. O olhar aterrorizado em seus olhos quebra meu coração.

— Sim — diz Delalieu em voz baixa. — Do lado de sua mãe. — Ele encontra os olhos de Adam, reconhecendo, silenciosamente, que ele sabe. Sabe que Adam é filho ilegítimo de Anderson. Que ele sabe tudo.

Adam se senta de novo, um alívio aparente em seu rosto.

— Eu só posso imaginar a vida infeliz que você deve ter tido — diz Brendan. Eu me viro para olhá-lo, surpreso ao ouvir sua voz. Ele está tão quieto todo esse tempo. Mas então, claro, Brendan seria compassivo. Mesmo para alguém como Delalieu, que se afastou e não disse nada enquanto Anderson incendiava o mundo. — Mas agradeço, todos somos gratos — diz Brendan, — pela sua ajuda hoje.

Delalieu consegue sorrir.

— É o mínimo que posso fazer — diz ele, e se vira para ir.

— Você a conhece? — Lily diz, sua voz aguda. — Como Ella?

Delalieu congela no lugar, ainda meio virado para a saída.

— Porque se você é avô de Warner — diz Lily, — e você tem trabalhado com Anderson por tanto tempo, você deve tê-la conhecido.

Lentamente, muito devagar, Delalieu se vira para nos encarar. Ele parece tenso, nervoso como se nunca vi. Ele não diz nada, mas a resposta está escrita em todo o seu rosto. A contração nas mãos dele.

Jesus.

— Quanto tempo? — Eu digo, raiva crescendo dentro de mim. — Quanto tempo você a conhece e não disse nada?

— Eu não.. eu n… não...

— *Quanto tempo*? — Eu digo, minha mão já alcançando a arma enfiada

no cós da minha calça.

Delalieu dá um passo brusco para trás.

— Por favor, não — diz ele, com os olhos selvagens. — Por favor, não peça isso de mim. Eu posso te dar ajuda. Eu posso te fornecer armas e transporte – qualquer coisa que você precise… mas eu não posso… você não entende...

— *Covarde* — diz Nazeera, levantando-se. Ela parece impressionante, alta, forte e firme. Eu amo assistir aquela garota se mexer. Conversar. Respirar. Tanto faz. — Você assistiu e não disse nada enquanto Anderson torturava seus próprios filhos. Não foi?

— Não — Delalieu diz desesperadamente, seu rosto corando com emoção que eu nunca vi nele antes. — Não, isso não é...

Castle pega uma cadeira com um único movimento da mão e a joga sem a menor cerimônia na frente de Delalieu.

— Sente-se — ele diz, uma raiva violenta e desprevenida piscando em seus olhos.

Delalieu obedece.

— *Quanto tempo?* — Eu digo novamente. — Há quanto tempo você a conhece como Ella?

— Eu… eu tenho… — Dalelieu hesita, olha em volta — Eu conheço Ella… desde que ela era uma criança — ele diz finalmente.

Eu sinto o sangue deixar meu corpo.

Sua confissão clara e explícita é demais. Isso significa muito. Eu corto sob o peso disso – as mentiras, as conspirações. Eu afundo de volta na minha cadeira e meu coração se despedaça por Juliette, por tudo que ela sofreu nas mãos das pessoas destinadas a protegê-la. Eu não posso formar as palavras que preciso dizer a Delalieu que ele é um pedaço de merda sem valor. É Nazeera que ainda tem a presença de espírito para lançá-lo.

Sua voz é suave – letal – quando fala.

— Você conhece Ella desde criança — diz Nazeera. — Você esteve aqui, trabalhando aqui, ajudando Anderson desde que Ella era *criança*. Isso significa que você ajudou Anderson a colocá-la sob a custódia de pais adotivos abusivos e você ficou ao lado enquanto a torturavam, enquanto Anderson a torturava repetidamente...

— Não — exclama Delalieu. — Eu não aceitei nada disso. Ella deveria crescer em um ambiente doméstico normal. Ela deveria ter pais carinhosos e

uma educação estável. Esses foram os termos que todos concordaram...

— Besteira — diz Nazeera, com os olhos piscando. — Você sabe tão bem quanto eu que seus pais adotivos eram monstros...

— *Paris mudou os termos do acordo* — grita Delalieu com raiva.

Nazeera levanta uma sobrancelha, indiferente.

Mas algo parece ter soltado a língua de Delalieu, algo como medo ou culpa ou raiva acumulada, porque de repente as palavras saem correndo dele.

— Paris voltou a sua palavra assim que Ella estava sob sua custódia — diz ele. — Ele achou que ninguém descobriria. Naquela época, ele e eu éramos os mesmos, no que diz respeito à posição, no Restabelecimento. Muitas vezes trabalhamos juntos por causa de nossos laços familiares e, como resultado, ficamos a par das escolhas que ele fez.

Delalieu balança a cabeça.

— Mas descobri tarde demais que ele propositadamente escolheu pais adotivos que exibiam comportamento abusivo e perigoso. Quando o confrontei, ele argumentou que qualquer abuso que Ella sofresse nas mãos de seus pais substitutos só encorajaria seus poderes a se manifestarem, e ele tinha as estatísticas para apoiar sua reivindicação. Tentei expressar minhas preocupações – relatei a ele; eu disse ao conselho de comandantes que ele estava machucando-a, quebrando-a – mas ele fez minhas preocupações soarem como o desesperado histrionismo de alguém que não estava disposto a fazer o que era necessário para a causa.

Eu posso ver a cor subindo pelo pescoço de Delalieu, sua raiva mal contida.

— Eu fui repetidamente rejeitado. Rebaixado. Fui punido por questionar suas táticas. Mas eu sabia que Paris estava errado — diz ele em voz baixa. — Ella murchou. Quando a conheci ela era uma garota forte com um espírito alegre. Ela foi infalivelmente gentil e otimista. — Ele hesita. — Não demorou muito para que ela ficasse fria e fechada. Retirada Paris subiu na posição rapidamente, e logo fui relegado a pouco mais que a mão direita. Fui eu quem ele enviou para verificar ela em casa, na escola. Recebi ordens para monitorar seu comportamento, escrever os relatórios descrevendo seu progresso. Mas não houve resultados. Seu espírito havia sido quebrado. Eu implorei a Paris para colocá-la em outro lugar – para, no mínimo, devolvê-la a uma instalação regular, que eu poderia supervisionar pessoalmente – e ainda insistia, repetidamente, que o abuso que ela sofreria estimularia

resultados. — Delalieu está de pé agora, andando de um lado para o outro. — Ele esperava impressionar o conselho, esperando que seus esforços fossem recompensados com mais uma promoção. Logo se tornou sua tarefa única de esperar, para que eu assistisse Ella de perto, por desenvolvimentos, por qualquer sinal de que ela tivesse mudado. Evoluído. — Ele para no lugar. Engole, duro. — Mas Paris foi descuidado.

Delalieu deixa cair a cabeça nas mãos.

A sala ao nosso redor ficou tão quieta que quase posso ouvir os segundos passarem. Estamos todos esperando que ele continue, mas ele não levanta a cabeça. Eu estou estudando ele – suas mãos trêmulas, o tremor em suas pernas, sua perda geral de compostura – e meu coração martela no meu peito. Eu sinto que ele está prestes a quebrar. Como se ele estivesse perto de nos contar algo importante.

— O que você quer dizer? — Eu digo em voz baixa. — Descuidado como?

Delalieu olha para cima, com os olhos avermelhados e selvagens.

— Quero dizer que *era o seu único trabalho* — diz ele, batendo com o punho contra a parede. Ele bate com força, os nós dos dedos quebrando o gesso e, por um momento, estou genuinamente atordoado. Eu não achava que Delalieu tinha isso nele. — Você não entende — diz ele, perdendo o fogo. Ele tropeça para trás e afunda-se contra a parede. — Meu maior arrependimento na vida foi ver essas crianças sofrerem e não fazerem nada a respeito.

— Espere — diz Winston. — Quais crianças? De quem você está falando?

Mas Delalieu não parece ouvi-lo. Ele só balança a cabeça.

— Paris nunca levou a tarefa de Ella a sério. Foi culpa dele que ela perdeu o controle. Era culpa dele que ela não soubesse mais, era culpa dele não ter sido preparada, treinada ou mantida adequadamente. Foi culpa dele que ela matou aquele garotinho — ele diz, agora tão quebrado que sua voz está tremendo. — O que ela fez naquele dia quase a destruiu. Quase arruinou toda a operação. Quase nos expôs ao mundo.

Ele fecha os olhos e pressiona os dedos nas têmporas. E então ele afunda em sua cadeira. Ele parece desimpedido.

Castle e eu compartilhamos um olhar conhecedor do outro lado da sala. Algo está acontecendo. Algo está prestes a acontecer.

Delalieu é um recurso que nunca percebemos que tínhamos. E, apesar de todos os seus protestos, parece que ele quer conversar. Talvez Delalieu seja a chave. Talvez ele possa nos dizer o que precisamos saber… sobre tudo. Sobre Juliette, sobre Anderson, sobre O Restabelecimento. É óbvio que uma represa se rompeu em Delalieu. Eu só espero que possamos mantê-lo falando.

É Adam quem diz: — Se você odiava tanto Anderson, por que você não o impediu quando teve a chance?

— Você não entende? — Delalieu diz, seus olhos grandes e redondos e tristes. — Eu *nunca* tive a chance. Eu não tinha autoridade e só fomos votados no poder. Leila – minha filha – estava mais doente a cada dia e eu estava… eu não era eu mesmo. Eu estava me desfazendo. Eu suspeitava de um crime em sua doença, mas não tinha provas. Passei minhas horas de trabalho supervisionando a saúde mental e física de uma jovem inocente, e passei minhas horas livres vendo minha filha morrer.

— Essas são desculpas — diz Nazeera friamente. — Você era um covarde.

Ele olha para cima.

— Sim — diz ele. — Isso é verdade. Eu era um covarde. — Ele balança a cabeça e se afasta. — Eu não disse nada, nem mesmo quando Paris transformou a tragédia de Ella em uma vitória. Ele disse a todos que o que Ella fez com aquele menino foi uma bênção disfarçada. Isso, na verdade, era exatamente o que ele estava trabalhando. Ele argumentou que o que ela fez naquele dia, independentemente das consequências, foi a manifestação exata de seus poderes que ele esperava o tempo todo. — Delalieu parece subitamente doente. — Ele fugiu com tudo. Tudo o que ele sempre quis, o foi dado. E ele sempre foi imprudente. Ele fez um trabalho preguiçoso, o tempo todo usando Ella como um peão para satisfazer seus próprios desejos sádicos.

— Por favor, seja mais específico — Castle diz friamente. — Anderson tinha muitos desejos sádicos. A que você está se referindo?

Delalieu fica pálido. Sua voz é mais baixa, mais fraca, quando ele diz: — Paris sempre foi perversamente afeiçoado a destruir seu próprio filho. Eu nunca entendi isso. Eu nunca entendi sua necessidade de quebrar aquele garoto. Ele o torturou de mil maneiras diferentes, mas quando Paris descobriu a profundidade da ligação emocional de Aaron com Ella, ele usou para levar aquele garoto para perto da loucura.

— É por isso que ele atirou nela — eu digo, lembrando o que Juliette –

Ella – me disse depois que o Ponto Ômega foi bombardeado. — Anderson queria matá-la para ensinar uma lição à Warner. Certo?

Mas algo muda no rosto de Delalieu. Transforma ele, afunda ele. E então ele ri – uma risada triste e quebrada.

— Você não entende, você não entende, *você não entende* — ele chora, balançando a cabeça. — Você acha que esses eventos recentes são tudo. Você acha que Aaron se apaixonou por sua amiga há alguns meses, uma garota rebelde chamada Juliette. Você não sabe. Você não sabe. Você não sabe que Aaron está apaixonado por Ella pela maior parte de sua vida inteira. Eles se conhecem desde a infância.

Adam faz um som. Um som atordoado de descrença.

— Ok, eu tenho que ser honesto… eu não entendo — diz Ian. Ele rouba um olhar cauteloso para Nazeera antes de dizer: — Nazeera disse que Anderson está limpando suas memórias. Se isso é verdade, então como Warner poderia estar apaixonado por ela por tanto tempo? Por que Anderson limparia suas memórias, contaria a todos sobre como eles se conheciam e então apagaria suas memórias de novo?

Delalieu está balançando a cabeça. Um sorriso estranho começa a se formar em seu rosto, o tipo de sorriso trêmulo e aterrorizado que não é um sorriso.

— Não. Não. Você não… — Ele suspira, olha para o lado. — Paris nunca contou a nenhum deles sobre sua história compartilhada. A razão pela qual ele tinha que continuar limpando suas memórias era porque não importava quantas vezes ele redefiniu a história ou refez as apresentações… Aaron sempre se apaixonou por ela. Toda vez. No começo, Paris achou que era um acaso. Ele achou quase engraçado. Divertido. Mas quanto mais aconteceu, mais começou a enlouquecer Paris. Ele pensou que havia algo errado com Aaron… que havia algo errado com ele em um nível genético, que ele tinha sido atormentado por uma doença. Ele queria esmagar o que ele via como uma fraqueza.

— Espere — Adam diz, levantando as mãos. — O que você quer dizer, *quanto mais aconteceu?* Quantas vezes isso aconteceu?

— Pelo menos várias vezes.

Adam parece em estado de choque.

— Eles se conheceram e se apaixonaram *várias* vezes?

Delalieu respira fundo.

— Eu não sei se eles sempre se apaixonaram, exatamente.

Paris raramente os deixa passar tanto tempo sozinhos. Mas eles sempre foram atraídos juntos. Era óbvio que, toda vez que ele os colocava na mesma sala, eles ficavam tipo… — Delalieu junta as mãos — ...ímãs.

Delalieu balança a cabeça para Adam.

— Sinto muito por ser o único a lhe dizer tudo isso. Tenho certeza que é doloroso ouvir, especialmente considerando sua história com Ella. Não é justo que você tenha entrado nos jogos de Paris. Ele nunca deveria ter...

— Whoa, whoa… espere. Que jogos? — Adam diz, atordoado. — Do que você está falando?

Delalieu passa a mão pela testa suada. Parece que ele está derretendo, desmoronando sob pressão. Talvez alguém devesse pegar um pouco de água.

— Há muito — diz ele, cansado. — Muito para contar. Muito para explicar. — Ele balança a cabeça. — Me desculpe eu...

— Eu preciso que você tente — Adam diz, seus olhos brilhando. — Você está dizendo que nosso relacionamento era falso? Que tudo o que ela disse… tudo o que ela sentia era falso?

— Não — Delalieu diz rapidamente, mesmo quando ele usa a manga da camisa para limpar o suor do rosto. — Não. Tanto quanto sei, os sentimentos dela por você eram tão reais quanto qualquer outra coisa. Você entrou em sua vida em um momento particularmente difícil, e sua gentileza e afeto, sem dúvida, significaram muito para ela. — Ele suspira. — Eu só quero dizer que não foi coincidência que ambos os garotos de Paris se apaixonaram pela mesma garota. Paris gostava de brincar com as coisas. Ele gostava de abrir as coisas para estudá-las. Ele gostava de experimentos. E Paris coloca você e Warner um contra o outro de *propósito.*

— Ele plantou o soldado em sua mesa de almoço que deixou escapar que Warner estava monitorando uma garota com um toque letal. Ele enviou outro para falar com você, para perguntar sobre sua história com ela, para apelar à sua natureza protetora, discutindo os planos de Aaron para ela – você se lembra? Você foi persuadido, de todos os ângulos, a se candidatar à posição. Quando você o fez, Paris retirou seu pedido da pilha e incentivou Aaron a entrevistá-lo. Ele então deixou claro que você deveria ser escolhido como companheiro de cela dela. Deixou Aaron pensar que estava tomando todas as suas próprias decisões como CCR do Setor 45 – mas Paris estava sempre lá, manipulando tudo. Eu assisti isso acontecer.

Adam parece tão atordoado que leva um momento para falar.

— Então... ele sabia? Meu pai sempre soube de mim? Sabia onde eu estava, o que eu estava fazendo?

— Sabia? — Delalieu franze a testa. — Paris *orquestrou* suas vidas. Esse foi o plano, desde o começo. — Ele olha para Nazeera. — Todos os filhos dos comandantes supremos deveriam se tornar estudos de caso. Você foi projetado para ser soldado. Você e James — ele diz para Adam, — foram inesperados, mas ele fez planos para vocês também.

— O que? — Adam fica branco. — Qual é o plano dele para mim e James?

— Isso, eu sinceramente não sei.

Adam senta na cadeira, parecendo de repente doente.

— Onde está Ella agora? — Diz Winston bruscamente. — Você sabe onde eles estão mantendo ela?

Delalieu balança a cabeça.

— Tudo o que sei é que ela não pode estar morta.

— O que você quer dizer com ela *não pode* estar morta? — Eu pergunto. — Por que não?

— Os poderes de Ella e Emmaline são críticos para o regime — diz ele. — Críticos à continuação de tudo em que trabalhamos. O Restabelecimento foi construído com a promessa de Ella e Emmaline. Sem elas, a Operação Síntese não significa nada.

Castle se ergue. Seus olhos estão arregalados.

— Operação Síntese — diz ele sem fôlego, — tem a ver com *Ella*?

— O Arquiteto e o Executor — diz Delalieu. — Isto...

Delalieu recua com um pequeno e surpreso suspiro, a cabeça batendo nas costas da cadeira. Tudo, de repente, parece desacelerar.

Eu sinto meu ritmo cardíaco lento. Eu sinto o mundo lento. Eu me sinto formado a partir da água, observando a cena se desenrolar em câmera lenta, quadro a quadro.

Uma bala entre os olhos.

Sangue escorrendo pela testa.

Um grito curto e agudo.

— Seu filho da puta traidor — diz alguém.

Eu estou vendo, mas eu não acredito.

Anderson está aqui.

Juliette

Não tenho explicações.

Meu pai não me convida para jantar, como Evie prometeu. Ele não senta comigo para me oferecer longas histórias sobre a minha presença ou a dele; ele não revela informações inovadoras sobre a minha vida ou sobre os outros comandantes supremos, ou mesmo sobre as quase seiscentas pessoas que acabei de assassinar. Ele e Evie estão agindo como se os horrores dos últimos dezessete anos nunca tivessem acontecido. Como se *nada* de estranho tivesse acontecido, como se eu nunca tivesse deixado de ser sua filha – não da maneira que importa, de qualquer forma.

Eu não sei o que estava nessa seringa, mas os efeitos são diferentes de tudo que eu já experimentei. Eu me sinto acordada e adormecida, como se estivesse girando no lugar, como se houvesse muita gordura girando as rodas no meu cérebro e eu tento falar e percebo que meus lábios não se movem mais no comando. Meu pai carrega meu corpo flácido para uma sala incrivelmente prata, me apoia em uma cadeira, me prende, e o pânico entra em mim, quente e aterrorizante, inundando minha mente. Eu tento gritar. Falho. Meu cérebro está lentamente se desconectando do meu corpo, como se eu estivesse sendo removida de mim mesmo. Apenas funções básicas e instintivas parecem funcionar. Engolir. Respirar..

Chorar.

Lágrimas caem baixinho pelo meu rosto e meu pai assobia uma melodia, seus movimentos leves e fáceis, mesmo quando ele faz um gotejamento intravenoso. Ele se move com uma eficiência tão surpreendente que nem percebo que ele removeu minhas algemas até ver o bisturi.

Um flash de prata.

A lâmina é tão afiada que ele não encontra resistência enquanto corta linhas limpas em meus antebraços e sangue, sangue, pesado e quente, derrama nos meus pulsos e nas minhas palmas abertas e não parece real, nem

mesmo quando ele apunhala várias fios na minha carne exposta.

A dor chega apenas alguns segundos depois.

Dor.

Começa aos meus pés, floresce nas minhas pernas, se desenrola no meu estômago e sobe pela minha garganta apenas para explodir atrás dos meus olhos, *dentro do meu cérebro*, e eu grito, mas só na minha mente, minhas mãos inúteis ainda frouxas nos apoios de braços, e tenho tanta certeza de que ele vai me matar...

mas então ele sorri.

E então ele se foi.

Eu deito em agonia pelo que parecem horas.

Eu assisto, através de uma névoa delirante, como o sangue escorre das pontas dos meus dedos, cada gota alimentando as piscinas vermelhas que crescem nas dobras das minhas calças. Visões me assaltam, memórias de uma garota que eu poderia ter sido, cenas com pessoas que eu poderia conhecer. Eu quero acreditar que elas são alucinações, mas eu não posso ter mais certeza de nada. Eu não sei se Max e Evie estão plantando coisas na minha mente. Eu não sei se posso confiar em qualquer coisa que eu já acreditei em mim.

Eu não consigo parar de pensar em Emmaline.

Estou à deriva, suspensa em uma piscina de insensatez, mas alguma coisa nela continua puxando, despertando meus nervos, correntes errantes me empurrando para a superfície de alguma coisa – uma revelação emocional – que treme para existir apenas para evaporar, segundos depois, como se pudesse estar com medo de existir.

Isso continua e continua e continua e continua Anos luz.

Eternidades.

de novo e

de novo sussurros de clareza s u s p i r o s d e o x i g ê n i o e eu sou jogada de volta ao mar.

Brilhantes luzes brancas piscam acima da minha cabeça, zumbindo em uníssono com o zumbido baixo e constante de motores e unidades de resfriamento. Tudo cheira bem, como antisséptico. A náusea faz minha

cabeça nadar. Eu fecho meus olhos, o único comando que meu corpo vai obedecer.

Eu e Emmaline no zoológico Eu e Emmaline, primeira viagem em um avião Eu e Emmaline, aprendendo a nadar Eu e Emmaline, cortando o cabelo Imagens de Emmaline preenchem minha mente, momentos dos primeiros anos de nossas vidas, detalhes de seu rosto que eu nunca soube que poderia evocar. Eu não entendo isso. Eu não sei de onde eles estão vindo. Eu só posso imaginar que Evie colocou essas imagens aqui, mas por que Evie quer que eu veja *isso*, eu não entendo. Cenas tocam na minha cabeça como se eu estivesse folheando um álbum de fotos, e elas me fazem sentir falta da minha irmã. Eles me fazem lembrar de Evie como minha mãe. Fazem-me lembrar que eu tinha uma família.

Talvez Evie queira que eu relembre.

Meu sangue bate no chão. Eu ouço isto, o gotejamento familiar, o som como uma torneira quebrada, o lento *toque toque* de líquido tépido na telha.

Emmaline e eu demos as mãos em todos os lugares que fomos, muitas vezes vestindo roupas combinando. Nós tínhamos o mesmo cabelo castanho longo, mas os olhos dela eram puro azul, e ela era alguns centímetros mais alta que eu. Tínhamos apenas um anos de diferença, mas ela parecia muito mais velha. Mesmo assim, havia algo em seus olhos que parecia duro. Sério. Ela segurou minha mão como se estivesse tentando me proteger. Como se talvez ela soubesse mais do que eu.

Onde está você? Eu me pergunto. *O que eles fizeram com você?*

Eu não tenho ideia de onde estou. Não faço ideia do que eles fizeram comigo. Nenhuma ideia da hora ou do dia e dor em todo lugar. Eu me sinto como um fio vivo, como se meus nervos tivessem sido grampeados para o lado de fora do meu corpo, sensíveis a cada mudança de minuto no ambiente. Eu exalo e isso dói. Mexo e tira o meu fôlego.

E então, em um flash de movimento, minha mãe retorna.

A porta se abre e o movimento força uma suave corrente de ar para dentro do quarto, um sussurro de uma brisa suave, mesmo enquanto roça minha pele, e de alguma forma a sensação é tão insuportável que tenho certeza que vou gritar.

Eu não grito.

— Está se sentindo melhor? — Ela diz.

Evie está segurando uma caixa de prata. Eu tento olhar mais de perto, mas a dor está em meus olhos agora. Cauterizando.

— Você deve estar se perguntando por que você está aqui — diz ela suavemente. Eu a ouço trabalhando em algo, vidro e metal tocando juntos, desmoronando, tocando juntos, desmoronando. — Mas você deve ser paciente, passarinho. Você pode nem conseguir ficar.

Eu fecho meus olhos.

Eu sinto seus dedos frios e finos no meu rosto apenas alguns segundos antes de ela puxar minhas pálpebras para cima. Rapidamente, ela substitui seus dedos com afiados grampos de aço, e eu consigo apenas um som baixo e gutural de agonia.

— Mantenha seus olhos abertos, Ella. Agora não é hora de adormecer.

Mesmo assim, naquele momento doloroso e aterrorizante, as palavras soam familiares. Estranho e familiar. Eu não consigo descobrir o porquê.

— Antes de fazermos planos concretos para mantê-la aqui, preciso ter certeza… — ela puxa um par de luvas de látex. — …Que você ainda é viável. Ver como você resistiu depois de todos esses anos.

Suas palavras enviam ondas de medo correndo por mim.

Nada mudou.

Nada mudou.

Eu ainda não sou mais que um receptáculo. Meu corpo troca mãos troca mãos em troca do que...

Minha mãe não tem amor por mim.

O que ela fez com a minha irmã?

— Onde está Emmaline? — Eu tento gritar, mas as palavras não saem da minha boca. Elas se expandem em minha cabeça, explosivas e raivosas, pressionando contra os cumes da minha mente, mesmo quando meus lábios se recusam a me obedecer.

Morrendo.

A palavra me ocorre de repente, como se fosse algo que eu acabei de lembrar, a resposta para uma pergunta que eu esqueci existia.

Eu não entendo isso.

Evie está na minha frente novamente.

Ela toca meu cabelo, vasculha os fios curtos e grosseiros como se

estivesse procurando ouro. O contato físico é excruciante.

— Inaceitável — diz ela. — Isso é inaceitável.

Ela se afasta, faz anotações em um tablet que ela tira do jaleco. Aproximadamente, ela pega meu queixo na mão, levanta meu rosto para o dela.

Evie conta meus dentes. Corre a ponta de um dedo ao longo das minhas gengivas. Ela examina o interior das minhas bochechas, a parte inferior da minha língua. Satisfeita, ela rasga as luvas, o látex faz sons duros que colidem e ecoam, quebrando o ar ao meu redor.

Um ronronar mecânico enche meus ouvidos e percebo que Evie está ajustando minha cadeira. Eu estava anteriormente em uma posição reclinada, agora estou deitada de costas. Ela leva um par de tesouras para minhas roupas, cortando direto minhas calças, minha camisa, minhas mangas.

O medo ameaça rasgar meu peito, mas só me deito ali, um vegetal perfeito, enquanto ela me desnuda.

Finalmente, Evie recua.

Eu não vejo o que está acontecendo. O zumbido de um motor se transforma em um rugido. Soa como tesoura, cortando o ar. E então: Folhas de vidro se materializam nas bordas da minha visão, movem-se para mim de todos os lados. Eles se encaixam facilmente, costuras fechadas com um som de *clique* legal.

Estou sendo queimada viva.

Calor como nunca soube, fogo que não consigo ver nem parar. Eu não sei como isso está acontecendo, mas eu sinto isso. Eu *sinto* o cheiro. O cheiro de carne queimada enche meu nariz, ameaça derrubar o conteúdo do meu estômago. A camada superior da pele está sendo lentamente queimada do meu corpo. Grânulos de sangue ao longo do meu corpo como o orvalho da manhã, e uma fina névoa segue o calor, limpeza e resfriamento. O vapor enevoa o vidro ao meu redor e, em seguida, quando eu penso que posso morrer de dor, as fissuras de vidro se abrem com um suspiro repentino.

Eu gostaria que ela simplesmente me matasse.

Em vez disso, Evie é meticulosa. Ela cataloga todos os meus detalhes físicos, fazendo anotações, constantemente, em seu tablet de bolso. Na maioria das vezes, ela parece frustrada com sua avaliação. Meus braços e pernas estão muito fracos, ela diz. Meus ombros muito tensos, meu cabelo muito curto, minhas mãos muito cicatrizadas, minhas unhas também

lascadas, meus lábios também rachados, meu torso longo demais.

— Nós fizemos você muito bonita — diz ela, balançando a cabeça para o meu corpo nu. Ela cutuca meus quadris, as solas dos meus pés. — A beleza pode ser uma arma aterrorizante, se você souber usá-la. Mas tudo isso parece profundamente desnecessário agora. — Ela faz outra anotação.

Quando ela olha para mim de novo, ela parece pensativa.

— Eu dei isso para você — diz ela. — Você entende? Este contêiner em que você vive. Eu formei, modelei. Você pertence a mim. Sua vida pertence a mim. É muito importante que você entenda isso.

Raiva, afiada e quente, queima meu peito.

Com cuidado, Evie abre a caixa de prata. Dentro há dezenas de cilindros de vidro finos.

— Você sabe o que são? — Diz ela, levantando alguns frascos de líquido branco brilhante. — Claro que você não sabe.

Evie me estuda por um tempo.

— Nós fizemos errado na primeira vez — ela finalmente diz. — Não esperávamos que a saúde emocional substituísse o físico de maneira tão dramática. Nós esperávamos mentes mais fortes, de vocês duas. É claro que… — Evie hesita. — Ela era o espécime superior, sua irmã. Infinitamente superior. Você sempre foi um pouco de olhos de criança. Um pouco mais lunar do que eu gostaria. Emmaline, por outro lado, era puro fogo. Nós nunca sonhamos que ela se deterioraria tão rapidamente. Seus fracassos foram uma grande decepção pessoal.

Eu inalo agudamente e engasgo com algo quente e molhado na minha garganta. Sangue. Tanto sangue.

— Mas então — Evie diz com um suspiro, — essa é a situação. Nós devemos ser adaptáveis ao inesperado. Receptivos para mudar quando necessário.

Evie aperta um botão e algo se apaga dentro de mim. Eu sinto minha espinha endireitar, meu queixo fica frouxo. O sangue agora está borbulhando na minha garganta de verdade, e eu não sei se vou desistir ou engoli-lo. Eu tusso violentamente e sangue espirra no meu rosto. Meus braços. Pinga meu peito, minha pele rosa fresca.

Minha mãe se agacha. Ela pega meu queixo na mão e me força a olhar para ela.

— Você está muito cheia de emoção — diz ela suavemente. — Você

sente muito por este mundo. Você chama as pessoas de seus amigos. Você se imagina apaixonada. — Ela balança a cabeça devagar. — Esse nunca foi o plano para você, passarinho. Você foi feita para uma existência solitária. Nós a colocamos em isolamento de propósito. — Ela pisca. — Você entende?

Mal estou respirando. Minha língua parece áspera e pesada, estranha na minha boca. Eu engulo meu próprio sangue e é revoltante, grosso e morno, gelatinoso com saliva.

— Se Aaron fosse filho de outra pessoa — ela diz, — eu o teria executado. Eu o teria executado agora, se pudesse. Infelizmente, eu não tenho autoridade.

Uma força de sentimento agarra meu corpo.

Eu sou meio horror, meio alegria. Eu não sabia que tinha alguma esperança de que Warner estivesse vivo até esse momento.

O sentimento é explosivo.

Ele se enraíza dentro de mim. A esperança pega fogo no meu sangue, um sentimento mais poderoso que essas drogas, mais poderoso que eu. Agarro-me a ela de todo o coração e, de repente, sinto as minhas mãos. Eu não sei porque ou como, mas sinto uma força silenciosa subir pela minha espinha.

Evie não percebe.

— Eu lamento nossos erros — ela está dizendo. — Eu lamento os descuidos que parecem tão óbvios agora. Nós não poderíamos saber há tantos anos que as coisas acabariam assim. Nós não esperamos ser surpreendidos por algo tão frágil quanto suas emoções. Nós não poderíamos saber, no início, que as coisas aumentariam dessa forma. Paris — ela diz, — convenceu a todos de que trazer você para a base do setor 45 seria benéfico para todos nós, que ele seria capaz de monitorar você em um novo ambiente repleto de experiências que motivariam seus poderes a evoluir. Seu pai e eu pensamos que era um plano estúpido, ainda mais estúpido para colocá-lo sob a supervisão direta de um garoto de 19 anos com quem sua história era... complicada. — Ela olha para longe. Sacode a cabeça. — Mas Anderson entregou resultados. Com Aaron, você progrediu em um ritmo com o qual nós apenas sonhamos, e fomos forçados a deixar isso acontecer. Ainda assim, — ela diz. — Isso saiu pela culatra.

Seus olhos permanecem, por um momento, na minha cabeça raspada.

— Há poucas pessoas, mesmo em nosso círculo interno, que realmente entendem o que estamos fazendo aqui. Seu pai entende. Ibrahim entende.

Mas Paris, por razões de segurança, nunca contamos a ele tudo sobre você. Ele ainda não era um comandante supremo quando lhe demos o emprego e decidimos mantê-lo informado de acordo com a necessidade de saber. Outro erro. — Evie diz, sua voz triste e aterrorizante.

Ela pressiona as costas da mão na testa.

— Seis meses e tudo desmorona. Você foge. Você se junta a alguma gangue ridícula. Você arrasta Aaron para tudo isso e Paris, o tolo alheio, tenta matar você. Duas vezes. Eu quase cortei sua garganta por sua idiotice, mas minha misericórdia pode muito bem ter sido por nada, com sua tentativa de assassiná-lo. Ah, Ella, — ela diz e suspira. — Você me causou muitos problemas este ano. A papelada sozinha. — Ela fecha os olhos. — Eu tive a mesma dor de cabeça por seis meses.

Ela abre os olhos. Olha para mim há muito tempo.

— E agora — ela diz, apontando para mim com o tablet na mão. — Tem isso. Emmaline precisa ser substituída, e não temos certeza se você é uma substituta adequada. Seu corpo está operando com talvez sessenta e cinco por cento de eficiência, e sua mente é um desastre completo. — Ela para. Uma veia salta na testa dela. — Talvez seja impossível para você entender como estou me sentindo agora. Talvez você não se importe em saber a profundidade das minhas decepções. Mas você e Emmaline são o trabalho da minha vida. Fui eu quem encontrou uma maneira de isolar o gene que estava causando transformações generalizadas na população. Fui eu quem conseguiu recriar a transformação. Fui eu quem reescreveu seu código genético. — Ela franze a testa para mim, parecendo, pela primeira vez, como uma pessoa real. Sua voz suaviza. — Eu *refiz* você, Ella. Você e sua irmã foram as maiores realizações da minha carreira. Seus fracassos — ela sussurra, tocando as pontas dos dedos no meu rosto. — São meus fracassos.

Eu faço um som áspero e involuntário.

Ela se levanta.

— Isso vai ser desconfortável para você. Eu não vou fingir de outra forma. Mas temo que não temos escolha. Se isso funcionar, precisarei que você tenha uma mente saudável e não poluída. Temos que começar de novo. Quando terminarmos, você não se lembrará de nada além do que eu digo para você lembrar. Você entende?

Meu coração aperta e ouço suas batidas erráticas e selvagens amplificadas em um monitor próximo. Os sons ecoam pela sala como uma sirene.

— Sua temperatura está aumentando — diz Evie bruscamente. — Não há necessidade de pânico. Essa é a opção misericordiosa. Paris ainda está clamando para matar você, afinal. Mas Paris… — ela hesita, — Paris pode ser melodramático. Todos nós sabemos o quanto ele te odeia pelo seu efeito em Aaron. Ele culpa você, você sabe. — Evie inclina a cabeça para mim. — Ele acha que você faz parte do motivo pelo qual Aaron é tão fraco. Honestamente, às vezes me pergunto se ele está certo.

Meu coração está batendo rápido demais agora. Meus pulmões estão prontos para explodir. As luzes brilhantes acima da minha cabeça sangra nos meus olhos, no meu cérebro...

— Agora. Vou fazer o download desta informação — ouço ela tocar na caixa de prata. — Diretamente na sua mente. São muitos dados para processar e seu corpo precisará de algum tempo para aceitar tudo. — Uma longa pausa. — Sua mente pode tentar rejeitar isso, mas cabe a você deixar as coisas seguirem o seu curso, entendeu? Não queremos arriscar emendar o passado e o presente. É doloroso nas primeiras horas, mas se você conseguir sobreviver a essas primeiras horas, seus receptores de dor começarão a falhar, e o restante dos dados deverá ser enviado sem incidentes.

Eu quero gritar.

Em vez disso, eu faço um som fraco e asfixiante. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e minha mãe está lá, com os dedos pequenos e estranhos no meu rosto, e eu vejo, mas não consigo sentir, a agulha enorme entrando na carne macia da minha têmpora. Ela esvazia e reabastece a seringa o que parece mil vezes, e cada vez é como estar submergido debaixo d'água, como se eu estivesse me afogando lentamente, sufocando uma e outra vez e nunca me permitindo morrer. Eu me deito ali, indefesa e muda, pega em uma agonia tão insuportável que eu não respiro mais, mas grosa, quando ela se inclina sobre mim para assistir.

— Você está certa — ela diz suavemente. — Talvez isso seja cruel. Talvez teria sido mais gentil simplesmente deixar você morrer. Mas isso não é sobre você, Ella. Isso é sobre mim. E agora — ela diz, acariciando meu cabelo. — É disso que eu preciso.

Kenji

A coisa toda acontece tão rapidamente que me leva um segundo para registrar exatamente o que aconteceu.

Delalieu está morto.

Delalieu está morto e Anderson está vivo.

Anderson está de volta dos mortos.

Quero dizer, agora ele está no chão, enterrado sob o peso de cada peça de mobília nesta sala. Castle olha, atentamente, do outro lado do espaço, e quando ouço Anderson ofegando, percebo que Castle não está tentando matá-lo; ele está apenas usando os móveis para contê-lo.

Eu me aproximo da multidão formando em torno da figura ofegante de Anderson. E então noto, com um sobressalto, que Adam está encostado na parede como uma estátua, o rosto congelado de horror.

Meu coração se parte por ele.

Estou tão feliz por Adam ter arrastado James para a cama horas atrás. Tão feliz que o garoto não precisa ver nada disso agora.

Castle finalmente atravessa a sala. Ele está parado a poucos metros de distância da figura de Anderson quando ele faz a pergunta que todos estamos pensando:

— Como você ainda está vivo?

Anderson tenta um sorriso. Sai torto. Louco.

— Você sabe o que sempre foi tão bom em você, Castle? — Ele diz o nome de Castle como se fosse engraçado, como se ele estivesse dizendo em voz alta pela primeira vez. Ele toma um fôlego apertado e desigual. — Você é tão previsível. Você gosta de coletar animais perdidos. Você ama uma boa história triste.

Anderson grita com uma exalação súbita e áspera, e percebo que Castle provavelmente aumentou a pressão. Quando Anderson recupera o fôlego, ele diz:

— Você é um idiota. Você é um idiota por confiar tão facilmente.

Outro suspiro duro e doloroso.

— Quem você acha que me chamou aqui? — Ele diz, lutando para falar agora. — Quem você acha que me manteve informado... — outra respiração tensa. — De todas as coisas que você tem discutido?

Eu congelo.

Uma sensação horrível e doentia se acumula no meu peito.

Nós todos nos voltamos, como um grupo, para encarar a Nazeera. Ela está se destacando de todos os outros, a personificação da intensidade calma e coletada. Ela não tem expressão no rosto. Ela olha para mim como se eu fosse uma parede.

Por uma fração de segundo eu me sinto tão tonto que acho que posso desmaiar de verdade.

Pensamento desejoso;

É isso… é isso que faz. Uma sala cheia de pessoas extremamente poderosas e, no entanto, é este momento, este breve momento de choque, que acaba com todos nós. Eu sinto a agulha no meu pescoço antes mesmo de registrar o que está acontecendo, e tenho apenas alguns segundos para examinar o quarto – vislumbrando o horror nos rostos dos meus amigos – antes que eu caia.

Warner

Estou sentado no meu escritório ouvindo um disco antigo quando recebo a ligação. Eu me preocupo, a princípio, que possa ser Lena, implorando para eu voltar para ela, mas meu sentimento de repulsa rapidamente se transforma em ódio quando ouço a voz na linha. Meu pai. Ele me quer lá embaixo.

O simples som de sua voz me enche de uma sensação tão violenta que me leva um minuto para me controlar.

Dois anos atrás.

Dois anos se tornando o monstro que meu pai sempre quis que eu fosse. Eu olho no espelho, me odeio com uma intensidade nova e profunda que eu nunca tinha experimentado antes. Toda manhã eu acordo esperando apenas morrer. Para acabar com esta vida, com estes dias.

Ele sabia, quando ele fez esse acordo, o que ele estava me pedindo para fazer. Eu não sabia. Eu tinha dezesseis anos, ainda jovem o suficiente para acreditar na esperança, e ele se aproveitou da minha ingenuidade. Ele sabia o que isso faria comigo. Ele sabia que iria me quebrar. E foi tudo que ele sempre quis.

Minha alma.

Eu vendi minha alma por alguns anos com minha mãe, e agora, depois de tudo, eu nem sei se valerá a pena. Eu não sei se vou conseguir salvá-la. Eu estive longe por muito tempo. Eu senti muita falta. Minha mãe está pior agora e nenhum médico conseguiu ajudá-la. Nada ajudou. Meus esforços foram piores do que fúteis.

Eu desisti de tudo… por nada.

Eu gostaria de saber como esses dois anos me mudariam. Eu gostaria de saber o quão difícil seria viver comigo mesmo, olhar no espelho. Ninguém me avisou sobre os pesadelos, os ataques de pânico ou os pensamentos sombrios e destrutivos que se seguiriam. Ninguém me explicou como a

escuridão funciona, como se banqueteia ou como se agita. Eu mal me reconheço ultimamente. Tornar-se um instrumento de tortura destruiu o que restou da minha mente.

E agora, isso: me sinto esgotado o tempo todo. Esvaziado.

Além da redenção.

Eu não queria voltar aqui. Eu queria andar diretamente para o oceano. Eu queria desaparecer no horizonte. Eu queria desaparecer.

Claro, ele nunca deixaria isso acontecer.

Ele me arrastou de volta até aqui e me deu um título. Eu fui recompensado por ser um animal. Comemorado pelos meus esforços como um monstro. Não importa o fato de eu acordar no meio de toda noite estrangulado por medos irracionais e um súbito desejo violento de derrubar o conteúdo do meu estômago.

Não importa que eu não consiga tirar essas imagens da minha cabeça.

Eu olho para a cara garrafa de uísque que meu pai deixou para mim no meu quarto e me sinto subitamente enojado. Eu não quero ser como ele. Eu não quero o seu ópio, sua forma preferida de esquecimento.

Pelo menos, em breve, meu pai vai embora. Qualquer dia, ele terá desaparecido e esse setor se tornará meu domínio. Eu finalmente estarei sozinho.

Ou algo próximo disso.

Relutantemente, pego meu blazer e desço o elevador.

Quando eu finalmente chego em seus aposentos, como ele pediu, ele me poupa apenas o mais breve olhar.

— Bom — diz ele. — Você veio.

Não digo nada.

Ele sorri.

— Onde estão suas maneiras? Você não vai cumprimentar nossa convidada?

Confuso, sigo sua linha de visão. Há uma jovem sentada em uma cadeira no canto mais distante da sala e, a princípio, eu não a reconheço.

Quando eu faço, o sangue drena do meu rosto.

Meu pai ri.

— Vocês crianças lembram um do outro, certo?

Ela estava sentada tão quieta, tão imóvel e pequena que eu quase não a

notei. Meu coração morto salta com a visão de sua pequena estrutura, uma centelha de vida tentando, desesperadamente, acender.

— Juliette — eu sussurro.

Minha última lembrança dela foi de dois anos atrás, pouco antes de eu sair de casa para a tarefa doentia e sádica de meu pai. Ele a puxou para longe de mim. Literalmente a arrancou dos meus braços. Eu nunca vi esse tipo de raiva em seus olhos, não desse jeito, não sobre algo tão inocente.

Mas ele era selvagem.

Fora de sua mente.

Ela e eu não tínhamos feito mais do que conversar um com o outro. Eu comecei a invadir seu quarto sempre que podia sair e enganar os feeds da câmera para nos dar privacidade. Nós conversávamos, às vezes por horas. Ela se tornou minha amiga.

Eu nunca toquei nela.

Ela disse que depois do que aconteceu com o menino, ela teve medo de tocar em alguém. Ela disse que não entendia o que estava acontecendo com ela e não confiava mais em si mesma. Eu perguntei se ela queria me tocar, testar e ver se alguma coisa aconteceria, e ela parecia assustada e eu disse para ela não se preocupar. Eu prometi que tudo ficaria bem. E quando eu peguei a mão dela, hesitante, esperando pelo desastre...

Nada aconteceu.

Nada aconteceu, exceto que ela começou a chorar. Ela se jogou em meus braços e chorou e me disse que estava com medo de que havia algo errado com ela, que ela se transformou em um monstro.

Nós só tivemos um mês, no total.

Mas havia algo nela que parecia certo para mim desde o começo. Eu confiei nela. Ela parecia sentia familiar, como se eu sempre a conhecesse. Mas eu também sabia que parecia um tipo dramático de pensamento, então guardei para mim mesmo.

Ela me contou sobre sua vida. Seus pais horríveis. Ela compartilhou seus medos comigo, então eu compartilhei os meus. Eu contei a ela sobre a minha mãe, como eu não sabia o que estava acontecendo com ela, como eu estava preocupado que ela iria morrer.

Juliette se importava comigo. Me escutou do jeito que ninguém mais fez.

Foi o relacionamento mais inocente que eu já tive, mas significou mais para mim do que qualquer coisa. Pela primeira vez em anos, me senti menos

sozinho.

No dia em que descobri que ela estava finalmente sendo transferida, eu a puxei para perto. Eu pressionei meu rosto em seu cabelo e a respirei e ela chorou. Ela me disse que estava com medo e eu prometi que tentaria fazer alguma coisa – prometi conversar com meu pai mesmo sabendo que ele não ligaria.

E então, de repente, ele estava lá.

Ele arrancou-a dos meus braços, e notei então que ele estava usando luvas.

— Que diabos você está fazendo? — Ele gritou. — Você perdeu a cabeça? Você se perdeu completamente?

— Pai — eu disse, entrando em pânico. — Nada aconteceu. Eu estava dizendo adeus para ela.

Seus olhos se arregalaram, redondos de choque. E quando ele falou, suas palavras eram sussurros.

— Você estava apenas… Você estava dizendo adeus a ela?

— Ela está indo embora — eu disse estupidamente.

— Você acha que eu não sei disso?

Eu engoli em seco.

— Jesus — disse ele, passando a mão pela boca. — Há quanto tempo você vem fazendo isso? Há quanto tempo você vem aqui?

Meu coração estava acelerado. Medo pulsou através de mim. Eu estava balançando a cabeça, incapaz de falar.

— O que você fez? — Meu pai exigiu, seus olhos piscando. — Você tocou nela?

— Não. — A raiva surgiu através de mim, me devolvendo a minha voz, mesmo quando meu rosto ficou vermelho de vergonha. — Não, claro que não.

— Você tem certeza?

— Pai, por que você está… — eu balancei a cabeça, confuso. — Eu não entendo porque você está tão chateado. Você tem me pressionado junto a Lena há meses, embora eu tenha dito cem vezes que não gosto dela, mas agora, quando na verdade... — Hesitei, olhando para Juliette, o rosto meio escondido atrás do meu pai. — Eu estava apenas começando a conhecê-la. Isso é tudo.

— Você estava apenas começando a conhecê-la? — Ele olhou para mim,

enojado. — De todas as garotas do mundo, você se apaixona por essa? A assassina de crianças a caminho da prisão? O provável teste insano do tubo de ensaio? O que há de errado com você?

— Pai, por favor… nada aconteceu. Nós somos apenas amigos. Nós apenas conversamos às vezes.

— Apenas amigos — disse ele, e riu. O som estava demente. — Você sabe o que? Eu vou deixar você levar isso com você. Vou deixar você ficar com esta enquanto você estiver fora. Deixar ficar com você. Deixar isto te ensinar uma lição.

— O que? Levar o que comigo?

— Um aviso. — Ele nivelou-me com um olhar letal. — Tente algo assim novamente, — ele disse. — E eu vou matá-la. E vou me certificar de que você possa assistir.

Eu olhei para ele, meu coração batendo no meu peito. Isso foi insano. Nós nem tínhamos feito nada. Eu sabia que meu pai provavelmente estaria com raiva, mas nunca pensei que ele ameaçaria matá-la. Se eu soubesse, nunca arriscaria. E agora...

Minha cabeça estava girando. Eu não entendi. Ele estava arrastando-a pelo corredor e eu não entendi.

De repente, ela gritou.

Ela gritou e eu fiquei lá, indefeso enquanto ele a arrastava para longe. Ela chamou meu nome – gritou por mim – e ele a sacudiu, disse para ela calar a boca, e eu senti algo dentro de mim morrer. Eu senti isso como aconteceu. Senti algo se quebrando dentro de mim enquanto eu a observava ir.

Eu nunca me odiei tanto. Eu nunca fui tão covarde.

E agora aqui estamos.

Esse dia parece uma vida inteira atrás. Eu nunca pensei que a veria novamente.

Juliette olha para mim agora, e ela parece diferente. Seus olhos estão vidrados de lágrimas. Sua pele perdeu sua palidez; o cabelo dela perdeu o brilho. Ela parece mais magra. Ela me lembra de mim mesmo.

Oca.

— Oi — eu sussurro.

Lágrimas escorrem silenciosamente por suas bochechas.

Eu tenho que me forçar a permanecer calmo. Eu tenho que me forçar a não perder a cabeça. Minha mãe me alertou, anos atrás, para esconder meu coração do meu pai, e toda vez que eu escorregava – toda vez que eu deixava que ele não fosse um monstro – ele me punia impiedosamente.

Eu não ia deixar que ele fizesse isso comigo de novo. Eu não queria que ele soubesse o quanto doía vê-la assim. Como foi doloroso sentar-me ao lado dela e não dizer nada. Fazer nada.

— O que ela está fazendo aqui? — Eu pergunto, dificilmente reconhecendo minha própria voz.

— Ela está aqui — ele diz, — porque eu a recolhi para nós.

— Recolheu para quê? Você disse...

— Eu sei o que eu disse. — Ele encolhe os ombros. — Mas eu queria ver esse momento. Seu encontro. Eu estou sempre interessado em seus encontros. Eu acho a dinâmica do seu relacionamento fascinante.

Eu olho para ele, sinto meu peito explodir de raiva e de alguma forma, luto de volta.

— Você a trouxe de volta aqui apenas para me torturar?

— Você se ilude, filho.

— Então o que?

— Eu tenho a primeira tarefa para você — diz ele, empurrando uma pilha de arquivos em sua mesa. — Sua primeira verdadeira missão como comandante chefe e regente deste setor.

Meus lábios se separam, surpresos.

— O que isso tem a ver com ela?

Os olhos do meu pai se iluminam.

— Tudo.

Não digo nada.

— Eu tenho um plano — diz ele. — Um que vai exigir sua ajuda. Esses arquivos, — ele acena para a pilha na minha frente. — É tudo que você precisa saber sobre sua doença. Todo relatório médico, todo rastro de papel. Eu quero que você faça a reforma da garota. Reabilite-a. E então eu quero que você arme suas habilidades para nosso próprio uso.

Eu encontro seus olhos, não escondendo meu horror com a sugestão.

— Por quê? Por que você viria a mim com isso? Por que você me pede para fazer algo assim, quando conhece a nossa história?

— Você é singularmente adequado para o trabalho. Parece bobo

desperdiçar meu tempo explicando isso para você agora, já que você não vai se lembrar da maior parte dessa conversa amanhã...

— O quê? — Eu franzo a testa. — Por que eu não faria isso?

— ...Mas vocês dois parecem ter algum tipo de conexão imutável, que pode, espero, inspirar suas habilidades a se desenvolverem mais plenamente. Mais rapidamente.

— Isso não faz qualquer sentido.

Ele me ignora. Olha para Juliette. Seus olhos estão fechados, a cabeça apoiada na parede atrás dela. Ela parece quase adormecida, exceto pelas lágrimas que ainda correm suavemente pelo rosto.

Me mata só de olhar para ela.

— Como você pode ver — diz meu pai. — Ela está um pouco fora de si agora. Fortemente sedada. Ela passou por muito nesses dois últimos anos. Não tivemos escolha a não ser transformá-la em uma espécie de cobaia. Tenho certeza de que você pode imaginar como isso acontece.

Ele olha para mim com um leve sorriso no rosto. Eu sei que ele está esperando por algo. Uma reação. Minha raiva.

Eu me recuso a dar a ele.

Seu sorriso se alarga.

— De qualquer forma — ele diz alegremente. — Eu vou colocá-la de volta em isolamento pelos próximos seis meses – talvez um ano, dependendo de como as coisas se desenvolvem. Você pode usar essa oportunidade para se preparar. Observá-la.

Mas ainda estou lutando contra minha raiva. Eu não consigo falar.

— Há algum problema? — Ele diz.

— Não.

— Você se lembra, claro, do aviso que lhe dei na última vez que esteve aqui.

— Claro — eu digo, minha voz plana. Morta.

E então, como se do nada: — Como está a Lena, a propósito? Espero que ela esteja bem.

— Eu não saberia.

Está quase lá, mas percebo a súbita mudança na voz dele. A raiva quando ele diz: — E por que isso?

— Eu terminei as coisas com ela na semana passada.

— E você não pensou em me dizer?

Finalmente, encontro seus olhos.

— Eu nunca entendi porque você queria que ficássemos juntos. Ela não é certa para mim. Ela nunca foi.

— Você não a ama, você quer dizer.

— Eu não posso imaginar como alguém amaria.

— Isso — diz ele. — É exatamente o motivo pelo qual ela é perfeita para você.

Eu pisco para ele, pego de surpresa. Por um momento, quase soou como se meu pai se importasse comigo. Como se ele estivesse tentando me proteger de algum jeito perverso e idiota.

Eventualmente, ele suspira.

Ele pega uma caneta e um bloco de papel e começa a escrever alguma coisa.

— Verei o que posso fazer para reparar o dano que você causou. A mãe de Lena deve estar histérica. Até lá, comece a trabalhar. — Ele acena para a pilha de arquivos que ele colocou diante de mim.

Relutantemente, eu escolho uma pasta do topo.

Eu olho através dos documentos, examinando o esboço geral da missão, e então eu olho para ele, atordoado.

— Por que a papelada faz parecer que esta foi a minha ideia?

Ele hesita. Abaixa sua caneta.

— Porque você não confia em mim.

Eu olho para ele, lutando para entender.

Ele inclina a cabeça.

— Se você soubesse que essa era a minha ideia, você nunca confiaria nela, não é? Você procuraria muito de perto por buracos. Conspirações. Você nunca seguiria o caminho que eu quero que você faça. Além disso — ele diz, pegando a caneta novamente. — Dois pássaros. Uma pedra. É hora de finalmente quebrar o ciclo.

Eu substituo a pasta na pilha. Tenho o cuidado de moderar o tom da minha voz quando digo: — Não faço ideia do que você está falando.

— Eu estou falando sobre o seu novo experimento — diz ele friamente. — Sua pequena tragédia. Isso — ele diz, gesticulando entre mim e Juliette. — Isso precisa acabar. E é improvável que ela retorne sua afeição quando ela acordar e descobrir que você não é seu amigo, mas sim seu opressor. Não é?

E eu não posso mais manter a fúria ou a histeria fora da minha voz

quando eu digo: — Por que você está fazendo isso comigo? Por que você está propositadamente me torturando?

— É tão louco imaginar que eu poderia estar tentando te fazer um favor? — Meu pai sorri. — Olhe mais de perto para esses arquivos, filho. Se você já quis ter uma chance de salvar sua mãe, pode ser isso.

Eu me tornei obcecado com o tempo.

Ainda assim, eu só posso adivinhar quanto tempo eu estive aqui, encarando essas paredes sem descanso. Nenhuma voz, apenas os ocasionais sons distorcidos de fala distante. Sem rostos, nem uma única pessoa para me dizer onde estou ou o que me espera. Eu observei as sombras perseguirem a luz dentro e fora da minha cela por semanas, seus movimentos através da pequena janela minha única esperança para marcar os dias.

Uma fenda fina e retangular na minha porta se abre com uma força súbita e surpreendente, a abertura é disparada com o que parece ser luz artificial do outro lado.

Eu faço uma anotação mental.

Um único pão de forma fumegante – sem bandeja, sem papel alumínio, sem utensílios – é empurrado pela fenda e meus reflexos ainda são rápidos o suficiente para pegar o pão antes que ele toque o chão imundo. Tenho o bom senso de entender que a pouca comida que me dão todos os dias é envenenada. Não o suficiente para me matar. Apenas o suficiente para me atrasar. Pequenos tremores balançam meu corpo, mas eu forço meus olhos a ficarem abertos quando eu viro o pão macio ao redor da minha mão, procurando por sua pele escamosa por informações. Não é marcado. Extraordinário. Isso não pode significar nada.

Não há como ter certeza.

Este ritual acontece exatamente duas vezes ao dia. Eu sou alimentado com uma porção insignificante e insípida de comida duas vezes ao dia. Por horas a fio meus pensamentos se agitam; minha mente nada e alucina. Eu estou lento. Lerdo.

Na maioria dos dias, eu jejuo.

Para limpar minha mente, limpar meu corpo do veneno e coletar informações. Preciso sair daqui antes que seja tarde demais.

Algumas noites, quando estou mais fraco, minha imaginação corre solta; minha mente é atormentada por visões horríveis do que poderia ter

acontecido com ela. É uma tortura não saber o que eles fizeram com ela. Não sabendo onde ela está, sem saber como ela está, sem saber se alguém a está machucando.

Mas os pesadelos são talvez os mais desconcertantes.

Pelo menos, acho que são pesadelos. É difícil separar fato da ficção, sonhos da realidade; Eu gasto muito tempo com veneno correndo pelas minhas veias. Mas as palavras de Nazeera para mim antes do simpósio – o aviso dela de que Juliette era outra pessoa, que Max e Evie são seus verdadeiros pais biológicos...

Eu não queria acreditar então.

Parecia uma possibilidade perversa demais para ser real. Até meu pai tinha linhas que ele não atravessaria, eu disse a mim mesmo. Até mesmo O Restabelecimento tinha algum senso de moralidade inventada, eu disse a mim mesmo.

Mas eu os vi quando fui levado embora – vi os rostos familiares de Evie e Maximillian Sommers – a comandante suprema da Oceania e seu marido. E eu tenho pensado neles desde então.

Eles eram os principais cientistas do nosso grupo, os cérebros quietos do Restabelecimento. Eles eram militares, sim, mas eram médicos. A dupla costumava se manter. Eu tive poucas lembranças deles até muito recentemente.

Até que *Ella* apareceu em minha mente.

Mas eu não sei como ter certeza de que o que estou vendo é real. Não tenho como saber que isso não é simplesmente outra parte da tortura. É impossível saber. É agonia, aborrecendo um buraco através de mim. Eu sinto que estou sendo agredido dos dois lados – mental e físico – e não sei onde ou como começar a lutar. Eu comecei a cerrar os dentes com tanta força que está me causando enxaqueca. Exaustão se banha lentamente em minha mente. Tenho certeza de que tenho pelo menos duas costelas fraturadas e minhas únicas horas de descanso são conseguidas em pé, a posição única que facilita a dor no meu torso. Seria fácil ceder. Desistir. Mas eu não posso me perder para esses jogos mentais.

Eu não vou.

Então eu compilo dados.

Passei toda a minha vida me preparando para momentos como esse por pessoas assim e eles vão tirar o máximo proveito desse conhecimento. Eu sei

que eles vão esperar que eu prove que eu mereço sobreviver, e – inesperadamente – saber disso me traz uma sensação muito necessária de calma. Não sinto nada da minha habitual ansiedade aqui, sendo cuidadosamente envenenado até a morte.

Em vez disso, me sinto em casa. Familiar.

Fortificado pela adrenalina.

Sob quaisquer outras circunstâncias, eu presumo que minhas refeições foram oferecidas uma vez pela manhã e uma à noite—mas eu sei que não devo assumir mais nada. Eu tenho mapeado as sombras por tempo suficiente para saber que nunca fui alimentado em horários regulares e que o cronograma errático é intencional. Deve haver uma mensagem aqui: uma sequência de números, um padrão de informação, algo que não estou entendendo—porque sei que isso, como tudo o mais, é um teste.

Eu estou sob custódia de um comandante supremo.

Não pode haver acidentes.

Eu me forço a comer o pão quente e sem sabor, odiando a maneira como o pão gomoso, excessivamente processado, gruda no céu da boca. Isso me faz desejar uma escova de dentes. Eles me deram minha própria pia e vaso sanitário, mas eu tenho pouco mais para manter meus padrões de higiene intactos, o que é possivelmente a maior indignidade aqui. Eu luto contra uma onda de náusea enquanto engulo a última mordida de pão e um calor súbito e espinhento inunda meu corpo. Gotas de suor rolam pelas minhas costas e cerro os punhos para não sucumbir muito rapidamente às drogas.

Eu preciso de um pouco mais de tempo.

Há uma mensagem aqui, em algum lugar, mas ainda não decidi onde. Talvez esteja nos movimentos das sombras. Ou no número de vezes que a fresta abre e fecha. Pode ser nos nomes dos alimentos que eu sou forçado a comer, ou no número exato de passos que ouço todos os dias – ou talvez seja ocasionalmente, uma batida na minha porta que acompanha o silêncio.

Há algo aqui, algo que eles estão tentando me dizer, algo que eu deveria decifrar – eu suspiro, estendo a mão cegamente quando um choque de dor passa através do meu intestino...

Eu posso descobrir isso, penso, mesmo quando a droga me arrasta para baixo. Eu caio para trás, para os cotovelos. Meus olhos se abrem e fecham e minha mente se afoga enquanto conto os sons do lado de fora da minha porta...

um passo difícil dois passos arrastados um passo difícil E há algo lá, algo deliberado no movimento que fala comigo. Eu sei isso. Eu conheço essa língua, sei o nome dela, está bem na ponta da minha língua, mas parece que não consigo entender.

Já me esqueci do que estava tentando fazer.

Meus braços desistem. Minha cabeça bate no chão com um baque surdo. Meus pensamentos se dissolvem na escuridão.

Os pesadelos me levam pela garganta.

Kenji

Eu pensei que tinha passado um tempo em alguns lugares bem difíceis da minha vida, mas essa merda é como nada mais. Escuridão perfeita. Não há sons a não ser os gritos torturados e distantes de outros prisioneiros. Comida é uma nojenta poça empurrada através de uma fresta na porta. Não há banheiros, exceto que eles abrem as portas uma vez por dia, apenas o tempo suficiente para você se matar tentando encontrar os chuveiros e banheiros nojentos. Eu sei o que é isso. Eu lembro quando Juliette...

Ella. *Ella.*

Ella costumava me contar sobre esse lugar.

Algumas noites nós ficávamos acordados por horas falando sobre isso. Eu queria saber. Eu queria saber tudo. E essas conversas são a única razão pela qual eu sabia o que a porta aberta significa.

Eu realmente não sei há quanto tempo estou aqui – uma semana? Talvez duas? Eu não entendo porque eles não me matam. Eu tento dizer a mim mesmo, a cada minuto de cada maldito dia, que eles estão apenas fazendo isso para mexer com nossas cabeças, que a mente torturada é um destino pior do que uma bala no cérebro, mas eu não posso mentir. Este lugar está começando a chegar a mim.

Eu me sinto começando a ficar estranho.

Estou começando a ouvir coisas. Ver as coisas. Estou começando a surtar com o que poderia ter acontecido com meus amigos ou se eu nunca vou sair daqui.

Eu tento não pensar em Nazeera.

Quando penso em Nazeera, quero me dar um soco no rosto. Eu quero atirar na minha garganta.

Quando penso em Nazeera, sinto uma raiva tão aguda que, de fato, estou convencido, por um minuto, que talvez eu consiga me libertar dessas algemas de néon com nada além de força bruta. Mas isso nunca acontece. Essas coisas

são inquebráveis, mesmo enquanto tiram meus poderes. E emitem um brilho azul suave e pulsante, a única luz que vejo.

J me disse que sua cela tinha uma janela. A minha não.

Um som áspero de zumbido enche minha cela. Eu ouço um clique suave na porta de metal pesado. Eu pulo para os meus pés.

A porta se abre.

Sinto meu caminho pelo corredor gotejante, a luz fraca e pulsante de meus punhos fazendo pouco para guiar meu caminho.

O chuveiro é rápido e frio. Horrível em todos os sentidos. Não há toalhas neste buraco, então eu estou sempre congelando até que eu possa voltar para o meu quarto e me envolver no cobertor puído. Estou pensando nesse cobertor agora, tentando manter meus pensamentos focados e meus dentes batendo enquanto eu desço pelos túneis escuros.

Eu não vejo o que acontece a seguir.

Alguém vem em cima de mim por trás e me estrangula, me sufocando com uma técnica tão perfeita que eu nem sei se vale a pena lutar. Eu estou definitivamente prestes a morrer.

Super estranho caminho a percorrer, mas é isso. Terminei.

Merda.

Juliette Ella

O Sr. Anderson disse que posso almoçar em sua casa antes de conhecer minha nova família. Não foi ideia dele, mas quando Aaron, seu filho – esse era o nome do garoto – sugeriu, o Sr. Anderson parecia bem com isso.

Sou grata.

Eu não estou pronta para ir viver com um monte de estranhos ainda. Estou com medo, nervosa e preocupada com tantas coisas, nem sei por onde começar. Principalmente, sinto raiva. Estou com raiva dos meus pais por morrerem. Irritada com eles por me deixar para trás.

Eu sou uma órfã agora.

Mas talvez eu tenha um novo amigo. Aaron disse que ele tinha oito anos de idade, cerca de dois anos mais velho do que eu, então não há nenhuma chance de estarmos no mesmo ano, mas quando eu disse que provavelmente iríamos para a mesma escola de qualquer maneira, ele disse que não, nós não iríamos. Ele disse que não frequentava escola pública. Ele disse que seu pai era muito particular sobre esse tipo de coisa e que ele estudou em casa com tutores particulares a vida toda.

Estamos sentados um ao lado do outro na viagem de carro até a casa dele quando ele diz baixinho: — Meu pai nunca me deixa convidar pessoas para a nossa casa. Ele deve gostar de você.

Eu sorrio, secretamente aliviada. Eu realmente espero que isso signifique que eu tenha um novo amigo. Eu estava com tanto medo de me mudar para cá, com tanto medo de estar em algum lugar novo e estar sozinha, mas agora, sentado ao lado desse garoto loiro e estranho com olhos verdes claros, estou começando a sentir que as coisas podem estar bem.

Pelo menos agora, mesmo que eu não goste dos meus novos pais, eu sei que não estou completamente sozinha. O pensamento me faz feliz e triste.

Eu olho para Aaron e sorrio. Ele sorri de volta.

Quando chegamos à casa dele, aproveito para admirá-la do lado de fora.

É uma casa velha grande e bonita, pintada com o azul mais bonito. Tem grandes persianas brancas nas janelas e uma cerca branca em torno do jardim da frente. Flores cor-de-rosa estão crescendo em torno das bordas, espreitando através das ripas de madeira da cerca, e a coisa toda parece tão tranquila e encantadora que eu me sinto imediatamente em casa.

Minhas preocupações desaparecem.

Eu sou muito grata pela ajuda do Sr. Anderson. Tão grata por ter conhecido seu filho. Percebo, então, que o Sr. Anderson poderia ter trazido seu filho para a minha reunião hoje apenas para me apresentar a alguém da minha idade. Talvez ele estivesse tentando me fazer sentir em casa.

Uma bela dama loira atende a porta da frente. Ela sorri para mim, brilhante e gentil, e nem sequer diz olá para mim antes de me puxar para seus braços. Ela me abraça como se ela me conhecesse desde sempre, e há algo tão confortável em seus braços em volta de mim que eu envergonho todo mundo explodindo em lágrimas.

Eu não posso nem olhar para ninguém depois que eu me afasto dela. Ela me disse que seu nome era Sra. Anderson, mas que eu poderia chamá-la de Leila, se eu quisesse. E limpei minhas lágrimas, envergonhada da minha reação exagerada.

A Sra. Anderson diz a Aaron para me levar para o quarto, enquanto ela faz alguns petiscos antes do almoço.

Ainda fungando, eu o sigo pelas escadas.

Seu quarto é legal. Sento-me na cama dele e olho para as suas coisas. Principalmente, é bem limpo, exceto que há uma luva de beisebol na mesinha de cabeceira e há duas bolas de beisebol sujas no chão. Aaron me pega olhando e pega-as imediatamente. Ele parece envergonhado quando ele as enfia no armário, e eu não entendo o porquê. Eu nunca fui muito arrumada. Meu quarto sempre foi...

Eu hesito.

Eu tento lembrar como meu antigo quarto parecia, mas, por algum motivo, eu não consigo. Eu franzo a testa. Tento novamente.

Nada.

E então percebo que não consigo me lembrar do rosto dos meus pais.

O terror me atravessa.

— O que há de errado?

A voz de Aaron é tão aguda, tão intensa que eu olho para cima, surpresa.

Ele está me encarando do outro lado da sala, o medo em seu rosto refletido nos espelhos em suas portas do armário.

— O que há de errado? — ele diz de novo. — Você está bem?

— Eu... eu não… — Eu vacilei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. Eu odeio que eu continue chorando. Odeio que eu não consigo parar de chorar. — Eu não consigo lembrar dos meus pais — eu digo. — Isso é normal?

Aaron se aproxima, senta ao meu lado em sua cama.

— Eu não sei — diz ele.

Nós dois estamos quietos por um tempo. De alguma forma, isso ajuda. De alguma forma, apenas sentar ao lado dele me faz sentir menos sozinha. Menos aterrorizada.

Eventualmente, meu coração para de correr.

Depois de enxugar minhas lágrimas, digo: — Você não fica sozinho, sendo educado em casa o tempo todo?

Ele concorda.

— Por que seu pai não deixa você ir para uma escola normal?

— Eu não sei.

— E as festas de aniversário? — eu pergunto. — Quem você convida para suas festas de aniversário?

Aaron encolhe os ombros. Ele está olhando em suas mãos quando ele diz: — Eu nunca tive uma festa de aniversário.

— O que? Sério? — Eu me viro para encará-lo mais completamente. — Mas as festas de aniversário são tão divertidas. Eu costumava... — eu pisco, me cortando.

Não me lembro do que estava prestes a dizer.

Eu franzo a testa, tentando lembrar de algo, algo sobre a minha antiga vida, mas quando as memórias não se materializam, eu balanço a cabeça para limpá-la. Talvez eu me lembre mais tarde.

— De qualquer forma — eu digo, respirando rapidamente. — Você tem que ter uma festa de aniversário. Todo mundo tem festas de aniversário. Quando é seu aniversário?

Lentamente, Aaron olha para mim. Seu rosto está vazio mesmo quando ele diz: — Vinte e quatro de abril.

— Vinte e quatro de abril — eu digo, sorrindo. — Isso é ótimo. Nós podemos fazer um bolo.

Os dias passam em pânico abafado, um crescendo excruciante em direção à loucura. As mãos do relógio parecem se fechar em torno da minha garganta e, ainda assim, eu não digo nada, não faço nada.

Eu espero.

Faço de conta.

Eu estou paralisada aqui há duas semanas, presa na prisão desse ardil, esse composto. Evie não sabe que seu plano para branquear minha mente falhou. Ela me trata como um objeto estranho, distante mas não indelicado. Ela me instruiu a chamá-la de Evie, disse que era minha médica e depois mentiu detalhadamente sobre como sofri um acidente terrível, que sofria de amnésia, que precisava ficar de cama, a fim de me recuperar.

Ela não sabe que meu corpo não vai parar de tremer, que minha pele está escorregadia de suor toda manhã, que minha garganta queima com o retorno constante da bílis. Ela não sabe o que está acontecendo comigo. Ela nunca poderia entender a doença que assola meu coração. Ela não poderia entender essa agonia.

Lembrando.

Os ataques são implacáveis.

Lembranças me assaltam enquanto durmo, me sacolejando, meu peito se contorcendo de pânico repetidas vezes até que, finalmente, encontro a madrugada no chão do banheiro, o cheiro de vômito agarrado ao meu cabelo, ao interior da minha boca. Só posso me arrastar de volta para a cama todas as manhãs e forçar meu rosto a sorrir quando Evie me examina ao nascer do sol.

Tudo parece errado.

O mundo parece estranho. Cheiros me confundem. Palavras não parecem mais certas na minha boca. O som do meu próprio nome parece ao mesmo tempo familiar e estranho. Minhas lembranças de pessoas e lugares parecem distorcidas, fios desgastantes se juntando para formar uma tapeçaria irregular.

Menos Evie. *Minha mãe*.

Eu me lembro dela.

— Evie?

Eu estalo minha cabeça para fora do banheiro, segurando um roupão no meu corpo molhado. Eu procuro no meu quarto pelo rosto dela.

— Evie, você está aí?

— Sim? — Eu ouço sua voz apenas alguns segundos antes de ela estar de pé diante de mim, segurando um conjunto de lençóis frescos em suas mãos. Ela está tirando os lençóis da minha cama novamente. — Você precisava de algo?

— Estamos sem toalhas.

— Ah, facilmente corrigido — diz ela, e sai correndo pela porta. Segundos depois, ela está de volta, pressionando uma toalha quente e fresca em minhas mãos. Ela sorri fracamente.

— Obrigada — eu digo, forçando meu próprio sorriso a esticar, para acender a vida em meus olhos. E então eu desapareço no banheiro.

A sala está fumegando; os espelhos se embaçaram, transpiraram. Eu agarro a toalha com uma mão, observando como gotas de água correm pela minha pele nua. A condensação me veste como um terno; Limpo as algemas úmidas de metal presas em torno dos meus pulsos e tornozelos, a luz azul brilhante é o lembrete constante de que estou no inferno.

Eu desmorono, com uma respiração pesada, no chão.

Eu estou muito quente para vestir roupas, mas eu não estou pronta para deixar a privacidade do banheiro ainda, então eu sento aqui, usando nada além dessas algemas, e coloco minha cabeça em minhas mãos.

Meu cabelo é comprido de novo.

Descobri isso assim. Longo, pesado, escuro em uma manhã, e quando perguntei sobre isso, quase estraguei tudo.

— O que você quer dizer? — Evie disse, estreitando os olhos para mim. — Seu cabelo sempre foi longo.

Eu pisquei para ela, lembrando de me fazer de boba.

— Eu sei.

Ela olhou para mim por mais um tempo antes de finalmente deixar pra lá, mas eu ainda estou preocupada que vou pagar por isso. Às vezes é difícil lembrar como agir. Minha mente está sendo atacada, assaltada todos os dias pela emoção que eu nunca soube que existia. Minhas memórias deveriam ser apagadas. Em vez disso, elas estão sendo reabastecidas.

Estou lembrando de tudo: A risada de minha mãe, seus pulsos esguios, o cheiro de seu xampu e a familiaridade de seus braços em volta de mim.

Quanto mais me lembro, menos esse lugar me parece estranho. Menos esses sons e cheiros, essas montanhas à distância, parecem desconhecidos. É como se as partes díspares do meu eu mais desesperado estivessem se

costurando juntas, como se os buracos no meu coração e cabeça estivessem se curando, enchendo-se lentamente de sensação.

Este lugar era minha casa. Essas pessoas, minha familia. Acordei esta manhã lembrando-me do tom de batom favorito da minha mãe.

Vermelho sangue.

Eu me lembro de vê-la pintar seus lábios algumas noites. Lembro-me do dia em que entrei no quarto dela e roubei o tubo de metal brilhante; Lembro-me de quando ela me encontrou, minhas mãos e boca manchadas de vermelho, meu rosto uma remasterização grotesca de si mesma.

Quanto mais eu me lembro dos meus pais, mais começo a entender meus próprios sentimentos. Meus muitos medos e inseguranças, a miríade de maneiras pelas quais muitas vezes me senti perdida, procurando por algo que não sabia nomear.

É devastador.

E ainda...

Nesta nova e turbulenta realidade, a única pessoa que eu reconheço é *ele*. Minhas lembranças dele, memórias de nós, fizeram algo para mim. Eu mudei para algum lugar lá no fundo. Eu me sinto diferente. Mais pesada, como se meus pés tivessem sido mais firmemente plantados, liberados pela certeza, livres para criar raízes aqui em mim mesma, livres para confiar inequivocamente na força e firmeza do meu próprio coração. É uma descoberta poderosa, descobrir que posso confiar em mim mesma, mesmo quando não sou eu mesma, para fazer as escolhas certas. Para saber com certeza agora que houve pelo menos um erro que nunca cometi.

Aaron Warner Anderson é a única linha emocional na minha vida que já fez sentido. Ele é a única constante. A única pulsação estável e confiável que eu já tive.

Aaron, Aaron, Aaron, Aaron.

Eu não tinha ideia do quanto havíamos perdido, não tinha ideia do quanto dele eu desejava. Eu não tinha ideia de como estávamos desesperadamente lutando. Quantos anos nós lutamos por momentos, minutos, para ficarmos juntos.

Isso me enche de um doloroso tipo de alegria.

Mas quando me lembro de como deixei as coisas entre nós, quero *gritar*.

Eu não tenho ideia se vou vê-lo novamente.

Ainda assim, estou me segurando na esperança de que ele esteja vivo, lá

fora, em algum lugar. Evie disse que não poderia matá-lo. Ela disse que sozinha não tinha autoridade para executá-lo. E se Aaron ainda estiver vivo, vou encontrar um jeito de chegar até ele. Mas tenho que ter cuidado. Quebrar esta nova prisão não será fácil. Como é, Evie quase nunca me deixa sair do meu quarto. Pior, ela me seduz durante o dia, me permitindo apenas algumas horas de lucidez. Nunca há tempo suficiente para pensar, muito menos para planejar uma fuga, avaliar meus arredores ou perambular pelos corredores do lado de fora da minha porta.

Só uma vez ela me deixou sair.

Meio que sair.

Ela me deixou em uma varanda com vista para o quintal. Não foi muito, mas mesmo esse pequeno passo me ajudou a entender um pouco sobre onde estávamos e como seria o layout do prédio.

A avaliação foi arrepiante.

Parecíamos estar no centro de um assentamento. Uma cidade pequena, no meio do nada. Eu me inclinei sobre a borda da sacada, esticando meu pescoço para absorver a largura dele, mas a visão era tão vasta que eu não conseguia enxergar ao redor. De onde eu estava, vi pelo menos vinte edifícios diferentes, todos conectados por estradas e navegados por pessoas em miniatura, carros elétricos. Havia docas de carga e descarga, caminhões enormes entrando e saindo, e havia uma pista de aterrissagem a distância, uma fila de jatos estacionados em um lote de concreto. Eu entendi então que eu estava vivendo no meio de uma operação massiva, algo muito mais aterrorizante do que o Setor 45.

Esta é uma base internacional.

Isso tem que ser uma das capitais. O que quer que isso seja, o que quer que eles façam aqui, faz o Setor 45 parecer uma piada.

Aqui, onde as colinas ainda são verdes e bonitas, onde o ar é novo e fresco e tudo parece vivo. Minha contagem provavelmente está errada, mas acho que estamos nos aproximando do final de abril, e as vistas fora da minha janela são diferentes de tudo que eu já vi no Setor 45: vastas cadeias de montanhas cobertas de neve; colinas ondulantes de vegetação; árvores pesadas com folhas brilhantes e mutáveis; e um lago enorme e brilhante que parece perto o suficiente para correr. Esta terra parece saudável. Vibrante.

Eu pensei que nós havíamos perdido um mundo assim há muito tempo.

Evie começou a me sedar menos hoje em dia, mas em alguns dias minha

visão parece se desgastar nas bordas, como uma imagem de satélite piscando, esperando que os dados sejam carregados.

Eu me pergunto, às vezes, se ela está me envenenando.

Estou imaginando isso agora, lembrando da tigela de sopa que ela mandou para o meu quarto para o café da manhã. Eu ainda posso sentir o resíduo pegajoso enquanto ele cobria minha língua, o céu da minha boca.

O desconforto agita meu estômago.

Eu me levanto do chão do banheiro, meus membros lentos e pesados. Demoro um momento para me estabilizar. Os efeitos desse experimento me deixaram vazia.

Brava.

Como se do nada, minha mente evoca uma imagem do rosto de Evie. Eu lembro dos olhos dela. Profundos, marrom escuro. Sem fundo. A mesma cor que o cabelo dela. Ela tem um cabelo curto e afiado, uma cortina pesada batendo constantemente contra o queixo. Ela é uma mulher bonita, mais bonita aos cinquenta do que aos vinte anos.

Chegando.

A palavra me ocorre de repente, e um raio de pânico atinge minha espinha. Nem um segundo depois, há uma batida forte na porta do meu banheiro.

— Sim?

— Ella, você está no banheiro há quase meia hora e sabe o que eu sinto sobre desperdiçar...

— Evie — eu me forço a rir. — Estou quase terminando — eu digo. — Eu vou sair logo.

Uma pausa.

O silêncio estende os segundos em uma vida. Meu coração pula na minha garganta. Batidas na minha boca.

— Tudo bem — diz ela lentamente. — Mais cinco minutos.

Eu fecho meus olhos enquanto exalo, pressionando a toalha no pulso

acelerado no meu pescoço. Eu me seco rapidamente antes de espremer a água restante do meu cabelo e voltar a vestir meu robe.

Finalmente, abro a porta do banheiro e dou as boas-vindas à temperatura fria da manhã contra minha pele febril. Mas dificilmente tenho uma chance de respirar antes que ela esteja na minha cara novamente.

— Use isso — diz ela, forçando um vestido em meus braços. Ela está sorrindo, mas não combina com ela. Ela parece enlouquecida. — Você ama usar amarelo.

Eu pisco quando eu tiro o vestido dela, sentindo uma onda súbita e desorientadora de déjà vu.

— Claro — eu digo. — Eu amo usar amarelo.

Seu sorriso fica mais magro, ameaça virar o rosto de dentro para fora.

— Eu poderia apenas...? — Eu faço um gesto abstrato em direção ao meu corpo.

— Ah — diz ela, assustada. — Certo — Ela me lança outro sorriso e diz: — Eu vou estar lá fora.

Meu próprio sorriso é frágil.

Ela me observa. Ela sempre me observa. Estuda minhas reações, o tempo de minhas respostas. Ela está me escaneando, constantemente, por informações. Ela quer confirmação de que eu fui devidamente esvaziada. Refeita.

Eu sorrio mais.

Finalmente, ela dá um passo para trás.

— Boa menina — ela diz suavemente.

Eu estou no meio do meu quarto e a vejo sair, o vestido amarelo ainda pressionado contra o meu peito.

Houve outro momento em que eu me senti presa assim. Fui presa contra a minha vontade e ganhei lindas roupas e três refeições substanciosas e exigida a ser algo que não era e lutei contra isso. Lutei com tudo o que tinha.

Isso não me fez bem.

Eu jurei que, se pudesse fazer isso de novo, faria diferente. Eu disse que, se pudesse fazer isso, usaria as roupas, comeria e jogaria até conseguir descobrir onde estava e como me libertar.

Então aqui está a minha chance.

Desta vez, decidi jogar junto.

Kenji

Eu acordo, amarrado e amordaçado, um rugido em meus ouvidos. Eu pisco para limpar minha visão. Eu estou preso com tanta força que não consigo me mexer, então levo um segundo para perceber que não posso ver minhas pernas.

Sem pernas. Nenhum braço também.

A revelação de que sou invisível me atinge com força total e horripilante.

Eu não fiz isso.

Eu não me trouxe aqui, me amarrei e amordacei, e me deixei invisível.

Há apenas uma outra pessoa que faria.

Eu olho ao redor desesperadamente, tentando avaliar onde estou e quais são as minhas chances de fuga, mas quando eu finalmente consigo colocar meu corpo de lado – apenas o tempo suficiente para esticar meu pescoço – percebo, com um choque aterrorizante, que eu estou em um avião.

E então… vozes.

É Anderson e Nazeera.

Eu os ouço discutindo algo sobre como chegaremos em breve e, minutos depois, sinto quando tocamos o chão.

O avião taxia por um tempo e parece levar uma eternidade até que os motores finalmente se desliguem.

Eu ouço Anderson sair. Nazeera hesita, dizendo algo sobre a necessidade de limpar. Ela desliga o avião e suas câmeras, não me reconhece.

Finalmente, eu ouço seus passos se aproximando da minha cabeça. Ela usa um pé para me rolar em minhas costas, e então, simples assim, minha invisibilidade se foi. Ela me olha por mais um tempinho, não diz nada.

Finalmente, ela sorri.

— Oi — diz ela, removendo a mordaça da minha boca. — Como você está indo?

E eu decido que vou ter que matá-la.

— Tudo bem — ela diz. — Eu sei que você está provavelmente chateado...

— CHATEADO? VOCÊ ACHA QUE EU ESTOU CHATEADO? — Eu me movo violentamente contra os laços. — Jesus Cristo, mulher, tire-me dessas malditas amarras...

— Eu vou te tirar das amarras quando você se acalmar...

— COMO VOCÊ PODE ESPERAR QUE ESTEJA CALMO?

— Estou tentando salvar sua vida agora, então, na verdade, espero muitas coisas suas.

Estou respirando com dificuldade.

— Espere. O que?

Ela cruza os braços, olha para mim.

— Eu tenho tentado explicar a você que não havia outra maneira de fazer isso. E não se preocupe — diz ela. — Seus amigos estão bem. Devemos ser capazes de tirá-los do asilo antes que qualquer dano permanente seja feito.

— O que? O que quer dizer *danos permanentes*?

Nazeera suspira.

— De qualquer forma, essa era a única maneira que eu conseguia pensar em roubar um avião sem atrair a atenção. Eu precisava acompanhar Anderson.

— Então você sabia que ele estava vivo, todo esse tempo, e você não disse nada sobre isso.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Honestamente, eu pensei que você soubesse.

— Como diabos eu deveria saber? — Eu grito. — Como eu deveria saber de *alguma coisa*?

— Pare de gritar — diz ela. — Eu tive todo esse trabalho para salvar sua vida, mas eu juro por Deus que vou te matar se você não parar de gritar agora.

— Onde — eu digo. — INFERNO — eu digo. — NÓS

ESTAMOS?

E em vez de me matar, ela ri.

— Onde você pensa que estamos? — Ela balança a cabeça. — Estamos na Oceania. Estamos aqui para encontrar Ella.

Warner

— Nós podemos viver no lago — diz ela simplesmente.

— O quê? — Eu quase rio. — Do que você está falando?

— Estou falando sério — diz ela. — Eu ouvi minha mãe falando sobre como fazer com que as pessoas pudessem viver debaixo d'água, e eu vou pedir a ela para me dizer, e então nós podemos viver no lago.

Eu suspiro.

— Não podemos viver no lago, Ella.

— Por que não? — Ela se vira e olha para mim, os olhos arregalados, surpreendentemente brilhantes. Azul verde. Como o globo, eu acho. Como o mundo inteiro. — Por que não podemos viver no lago? Minha mãe diz que...

— Pare com isso, Ella. Pare...

Eu acordo de repente, empurrando para cima enquanto meus olhos se abrem, meus pulmões desesperados por ar. Eu respiro rápido demais e tusso, sufocando com a hipercorreção de oxigênio. Meu corpo se inclina para a frente, peito arfando, minhas mãos apoiadas no chão frio e concreto.

Ella.

Ella.

A dor me empurra pelo peito. Parei de comer a comida envenenada há dois dias, mas as visões perduram mesmo quando estou lúcido. Há algo hiperreal em relação a esta em particular, a memória se acumulando em mim repetidamente, disparando dores rápidas e agudas através do meu intestino. É de tirar o fôlego, essa emoção desorientadora.

Pela primeira vez, estou começando a acreditar.

Eu pensei que eram pesadelos. Alucinações, mesmo. Mas agora eu sei.

Agora parece impossível negar.

Eu ouvi minha mãe falando sobre como fazer com que as pessoas

pudessem viver debaixo d'água Eu não entendi direito porque Max e Evie estavam me mantendo cativo aqui, mas eles devem me culpar por algo – talvez algo pelo qual meu pai é responsável. Algo que eu, sem saber, participei.

Talvez algo como torturar sua filha Emmaline.

Quando fui mandado embora por dois anos, nunca me disseram para onde estava indo. Os detalhes da minha localização nunca foram divulgados, e durante esse período vivi em uma verdadeira prisão minha, nunca me permiti sair, nunca me permiti saber mais do que o absolutamente necessário sobre a tarefa em mãos. As pausas que recebi foram guardadas de perto, e eu era obrigado a usar uma venda nos olhos enquanto eu entrava e saía do jato, o que sempre me fez pensar que eu deveria estar trabalhando em algum lugar facilmente identificável. Mas esses dois anos também incluíram alguns dos dias mais sombrios e tristes da minha vida; Tudo que eu sabia era minha necessidade desesperada de esquecimento. Eu estava tão enterrado em auto-aversão que parecia certo encontrar consolo nos braços de alguém que não significava nada para mim. Eu me odiava todos os dias. Estar com Lena era alívio e tortura.

Mesmo assim, eu me sentia entorpecido o tempo todo.

Depois de duas semanas aqui, estou começando a me perguntar se essa prisão não é uma que eu conheci antes. Se este não é o mesmo lugar que lassei aqueles dois anos horríveis da minha vida. É difícil explicar as razões intangíveis e irracionais pelas quais a vista fora da minha janela está começando a parecer familiar para mim, mas dois anos é muito tempo para se familiarizar com os ritmos de uma terra, mesmo que você não entenda.

Eu me pergunto se Emmaline está aqui, em algum lugar.

Faz sentido que ela estivesse aqui, perto de casa – perto de seus pais, cujos avanços médicos e científicos são a única razão pela qual ela está viva. Ou algo próximo de viva, de qualquer maneira.

Faz sentido que eles trouxessem Juliette – *Ella*, eu me lembro – de volta para cá, para a casa dela. A questão é...

Por que trazê-la aqui? O que eles estão esperando fazer com ela?

Mas então, se a mãe dela for parecida com o meu pai, acho que posso imaginar o que eles podem ter em mente.

Eu me empurro do chão e respiro fundo. Meu corpo está correndo em

mera adrenalina, tão faminto por sono e sustento que eu tenho que...

Dor.

É rápido e repentino e eu suspiro mesmo quando reconheço a picada familiar. Não tenho ideia de quanto tempo levará para minhas costelas se curarem completamente. Até lá, cerro os dentes enquanto me levanto, sentindo-me cegamente por comprar contra a pedra áspera. Minhas mãos tremem enquanto me estabilizo e estou respirando com dificuldade de novo, os olhos percorrendo a cela familiar.

Eu ligo a pia e espirro água gelada no rosto.

O efeito é imediato. Concentrando.

Com cuidado, me desfaço em nada. Eu molho minha camiseta debaixo da água corrente e uso para esfregar meu rosto, meu pescoço, o resto do meu corpo. Eu lavo meu cabelo. Lavo minha boca. Escovo os dentes. E então faço o pouco que posso pelo resto de minhas roupas, lavando-as à mão e torcendo-as. Eu deslizo de volta para a minha cueca, embora o algodão ainda esteja um pouco úmido, e eu luto contra um arrepio na escuridão. Com fome e frio é melhor que drogado e delirante.

Este é o final da minha segunda semana em confinamento, e meu terceiro dia esta semana sem comida. É bom ter uma cabeça clara, mesmo quando meu corpo morre lentamente. Eu já estava mais magro do que o normal, mas agora as linhas do meu corpo parecem extraordinariamente afiadas, até para mim mesmo, toda a suavidade necessária desapareceu dos meus membros. É apenas uma questão de tempo até os meus músculos se atrofiarem e causar danos irreparáveis aos meus órgãos, mas neste momento não tenho escolha. Eu preciso de acesso à minha mente.

Para *pensar*.

E algo sobre a minha condenação parece errado.

Quanto mais penso nisso, menos sentido faz que Max e Evie me queiram sofrer pelo que fiz a Emmaline. Eles foram os que doaram suas filhas para O Restabelecimento em primeiro lugar. Meu trabalho supervisionando Emmaline foi atribuído a mim – na verdade, era provavelmente um trabalho que eles aprovaram. Faria mais sentido que eu estivesse aqui por traição. Max e Evie, como qualquer outro comandante, queriam que eu sofresse por dar as costas ao Restabelecimento.

Mas até essa teoria parece errada. Incongruente.

A punição por traição sempre foi uma execução pública. Rápida.

Eficiente. Eu deveria ser assassinado, com apenas um pouco de fanfarra, na frente dos meus próprios soldados. Mas isso – trancar as pessoas assim – lentamente deixando-as famintas enquanto as despoja de sua sanidade e dignidade – isso é incivilizado. É o que O Restabelecimento faz para os outros, não para os seus.

Foi o que eles fizeram com a Ella. Eles a torturaram. Fizeram testes nela. Ela não estava presa para inspirar penitência. Ela estava em isolamento porque fazia parte de um experimento em andamento.

E eu estou na posição única de saber que tal prisioneiro requer manutenção constante.

Eu imaginei que ficaria aqui por alguns dias – talvez uma semana – mas me prender pelo que parece ser uma quantidade indeterminada de tempo...

Isso deve ser difícil para eles.

Por duas semanas eles conseguiram ficar um pouco à minha frente, um feito que conseguiram envenenando minha comida. No treinamento, eu nunca precisei de mais de uma semana para sair das prisões de alta segurança, e eles devem saber disso. Forçando-me a escolher entre sustento e clareza todos os dias, eles se deram uma vantagem.

Ainda assim, eu não estou preocupado.

Quanto mais tempo estou aqui, mais influência ganho. Se eles sabem do que eu sou capaz, eles também devem saber que isso é insustentável. Eles não podem usar choque e veneno para me desestabilizar indefinidamente. Eu já estou aqui há tempo suficiente para avaliar o que me rodeia, e tenho arquivado informações há quase duas semanas – os movimentos do sol, as fases da lua, o fabricante das fechaduras, a pia, as dobradiças incomuns na porta. Eu suspeitava, mas agora sei ao certo, que estou no hemisfério sul, não só porque sei que Max e Evie são oriundos da Oceania, mas porque as constelações do norte fora da minha janela estão de cabeça para baixo.

Eu devo estar na base deles.

Logicamente, eu sei que devo ter estado aqui algumas vezes na minha vida, mas as memórias são sombrias. Os céus noturnos são mais claros aqui do que no Setor 45. As estrelas, mais brilhantes. A falta de poluição luminosa significa que estamos longe da civilização e a vista da janela prova que estamos cercados, por todos os lados, pela paisagem selvagem deste território. Há um lago enorme e brilhante não muito longe, o que...

Algo sacode a vida em minha mente.

A memória de antes, expandida: *Ela encolhe os ombros e joga uma pedra no lago. Aterra com um resplendor monótono.*

— Bem, nós apenas vamos fugir — diz ela.

— Nós não podemos fugir — eu digo. — Pare de dizer isso.

— Nós podemos.

— Não há para onde ir.

— Há muitos lugares para ir.

Eu sacudo minha cabeça.

— Você sabe o que eu quero dizer. Eles nos encontrariam onde quer que fossemos. Eles nos observam o tempo todo.

— Nós podemos viver no lago — diz ela simplesmente.

— O quê? — Eu quase rio. — Do que você está falando?

— Estou falando sério — diz ela. — Eu ouvi minha mãe falando sobre como fazer com que as pessoas pudessem viver debaixo d'água, e eu vou pedir a ela para me dizer, e então nós podemos viver no lago.

Eu suspiro.

— Não podemos viver no lago, Ella.

— Por que não? — Ela se vira e olha para mim, os olhos arregalados, surpreendentemente brilhantes. Azul verde. Como o globo, eu acho. Como o mundo inteiro. — Por que não podemos viver no lago? Minha mãe diz que...

— Pare com isso, Ella. Pare...

Um suor frio irrompe na minha testa. Arrepios se levantam ao longo da minha pele. *Ella.*

Ella Ella Ella De novo e de novo.

Tudo sobre o nome está começando a soar familiar. O movimento da minha língua ao formar a palavra, familiar. É como se a memória estivesse no meu músculo, como se minha boca fizesse essa forma mil vezes.

Eu me forço a respirar fundo.

Eu preciso encontrá-la. *Eu tenho que encontrá-la.*

Aqui está o que eu sei: Leva menos de trinta segundos para os passos desaparecerem no corredor, e eles são sempre os mesmos – mesmo passo, mesma cadência – o que significa que há apenas uma pessoa atendendo a mim. Os passos são longos e pesados, o que significa que meu assistente é alto, possivelmente do sexo masculino. Talvez o próprio Max, se eles me

consideraram um prisioneiro de alta prioridade. Ainda assim, eles me deixaram livre e sem danos – *por quê?* – e embora eu não tenha recebido nem cama nem cobertor, tenho acesso a água da pia.

Não há eletricidade aqui; sem tomadas, sem fios. Mas deve haver câmeras escondidas em algum lugar, observando cada movimento meu. Há dois drenos: um na pia e um embaixo do vaso sanitário. Há um metro quadrado de janela – provavelmente vidro à prova de balas, talvez de oito a dez centímetros de espessura – e uma única e pequena abertura de ar no chão. O respiradouro não tem parafusos visíveis, o que significa que deve ser aparafusado por dentro, e as ripas são estreitas demais para os meus dedos, as lâminas de aço visivelmente soldadas no lugar. Ainda assim, é apenas um nível médio de segurança para um respiradouro na prisão. Um pouco mais de tempo e clareza, e vou encontrar uma maneira de remover a tela e redirecionar as partes. Eventualmente, vou encontrar uma maneira de desmontar tudo nesta sala. Eu vou desmontar o banheiro de metal, a pia de metal frágil. Eu vou fazer minhas próprias ferramentas e armas e encontrar uma maneira de desmontar lentamente as fechaduras e as dobradiças. Ou talvez eu danifique os canos e inunde a sala e seu corredor adjacente, forçando alguém a ir até a porta.

Quanto mais cedo eles mandarem alguém para o meu quarto, melhor. Se eles me deixaram sozinho em minha cela por tanto tempo, foi para sua própria proteção, não para o meu sofrimento. Eu sou excelente no combate corpo-a-corpo.

Eu me conheço. Conheço minha capacidade de suportar torturas físicas e mentais complicadas. Se eu quisesse, poderia me dar duas semanas – talvez três – para renunciar às refeições envenenadas e sobreviver sozinho na água antes de perder a cabeça ou a mobilidade. Sei o quanto posso ser engenhoso, dada a oportunidade, e isso – esse esforço para me conter – deve ser exaustivo. Grande cuidado tiveram em selecionar esses sons e refeições e rituais e até mesmo essa falta de comunicação vigilante.

Não faz sentido que eles tenham todo esse problema por traição. Não. Eu devo estar no purgatório por outra coisa.

Eu busco meu cérebro por um motivo, mas minhas memórias são surpreendentemente finas quando se trata de Max e Evie. Ainda estão se formando.

Com alguma dificuldade, posso conjurar piscadas de imagens.

Um breve aperto de mão com meu pai.

Uma gargalhada.

Uma onda alegre de música festiva.

Um laboratório e minha mãe.

Eu endureço.

Um laboratório e minha mãe.

Concentro meus pensamentos, me deitando na memória – *luzes brilhantes, passos abafados, o som da minha própria voz fazendo uma pergunta ao meu pai* e depois, dolorosamente...

Minha mente fica em branco.

Eu franzo a testa. Olho nas minhas mãos.

Nada.

Eu sei muito sobre os outros comandantes e suas famílias. É da minha conta saber. Mas há uma escassez incomum de informações no que diz respeito à Oceania e, pela primeira vez, envia um choque de medo através de mim. Há duas linhas de tempo se fundindo em minha mente – uma vida com Ella e uma vida sem ela – e ainda estou aprendendo a filtrar as informações por algo real.

Ainda assim, pensar em Max e Evie agora parece forçar algo no meu cérebro. É como se houvesse algo lá, algo fora de alcance, e quanto mais eu forço minha mente a lembrá-los – seus rostos, suas vozes – mais dói.

Por que todo esse problema para me aprisionar?

Por que não simplesmente me matar?

Eu tenho tantas perguntas que está fazendo minha cabeça girar.

Só então, a porta balança. O som de metal no metal é afiado e abrasivo, o som parece uma lixa contra meus nervos.

Eu ouço o parafuso destravar e sinto-me extraordinariamente calmo. Eu fui construído para lidar com essa vida, seus golpes, seus modos doentes e sádicos. A morte nunca me assustou.

Mas quando a porta se abre, percebo o meu erro.

Eu imaginei mil cenários diferentes. Eu me preparei para uma miríade de oponentes. Mas eu não havia me preparado para isso.

— Oi, aniversariante — diz ele, rindo enquanto se aproxima da luz. — Você sentiu saudades de mim?

E de repente eu não consigo me mexer.

— Parem, parem com isso, ah meu Deus, isso é nojento — Emmaline chora. — Parem com isso. Parem de se tocar! Vocês são tão nojentos.

Papai aperta a bunda de mamãe bem na nossa frente.

Emmaline grita.

— Ah meu Deus, eu disse parem!

É sábado de manhã, e sábado de manhã é quando fazemos panquecas, mas mamãe e papai não chegam a cozinhar nada porque não param de se beijar. Emmaline odeia isso.

Eu acho legal.

Sento-me no balcão e apoio meu rosto em minhas mãos, observando. Eu prefiro assistir. Emmaline continua tentando me fazer trabalhar, mas eu não quero. Eu gosto de sentar mais do que trabalhar.

— Ninguém está fazendo panquecas — Emmaline chora, e ela gira ao redor com tanta raiva que ela derruba uma tigela de massa no chão. — Por que estou fazendo todo o trabalho?

Papai ri.

— Querida, estamos todos juntos — diz ele, pegando a tigela caída. Ele pega um monte de toalhas de papel e diz: — Isso não é mais importante do que panquecas?

— Não — emmaline diz com raiva. — Nós devemos fazer panquecas. É sábado, o que significa que devemos fazer panquecas, e você e mamãe estão apenas se beijando, e Ella está sendo preguiçosa...

— Ei… — Eu digo e me levanto.

— ...E ninguém está fazendo o que deveria estar fazendo e, em vez disso, estou fazendo tudo sozinha...

Mamãe e papai estão rindo agora.

— Não é engraçado! — Emmaline chora, e agora ela está gritando, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não é engraçado, e eu não gosto quando

ninguém me escuta, e eu não...

Duas semanas atrás, eu estava deitada em uma mesa de operações, mole, nua e com o sangue vazando através de uma abertura na minha têmpora do tamanho de um ferimento a bala. Minha visão estava embaçada. Eu não conseguia ouvir muito mais do que o som da minha própria respiração, quente e pesada e em todos os lugares, construindo em torno de mim. De repente, Evie apareceu. Ela estava olhando para mim; ela parecia frustrada. Ela tentava concluir o processo de recalibração física, como ela chamava.

Por algum motivo, ela não conseguiu terminar o trabalho.

Ela já tinha esvaziado o conteúdo de dezesseis seringas no meu cérebro e fez várias pequenas incisões no meu abdômen, meus braços e minhas coxas. Eu não conseguia ver exatamente o que ela fazia em seguida, mas ela falava, ocasionalmente, enquanto trabalhava, e alegou que os procedimentos cirúrgicos simples que ela estava realizando fortaleceriam minhas articulações e reforçariam meus músculos. Ela queria que eu fosse mais forte, para ser mais resiliente em um nível celular. Foi uma medida preventiva, ela disse. Ela estava preocupada que minha constituição fosse pequena demais; que meus músculos podem degenerar prematuramente diante de intensos desafios físicos. Ela não disse isso, mas eu senti: ela queria que eu fosse mais forte que a minha irmã.

— Emmaline — eu sussurrei.

Foi sorte que eu estivesse exausta demais, quebrada demais, sedada demais para falar claramente. Foi sorte que eu só fiquei ali, olhos abertos e fechados, meus lábios rachados tornando impossível fazer mais do que murmurar o nome. Foi uma sorte que eu não consegui entender, imediatamente, que eu ainda era eu. Que ainda me lembrava de tudo, apesar das promessas de Evie de dissolver o que restava da minha mente.

Ainda assim, eu disse a coisa errada.

Evie parou o que estava fazendo. Ela se inclinou sobre o meu rosto e me estudou, nariz com nariz.

Eu pisquei.

Não As palavras apareceram na minha cabeça como se tivessem sido plantadas há muito tempo atrás, como eu estava lembrando, lembrando...

Evie recuou e imediatamente começou a falar em um dispositivo cerrado em seu punho. Sua voz era baixa e áspera e eu não conseguia entender o que ela estava dizendo.

Eu pisquei novamente. Confusa. Eu separei meus lábios para dizer alguma coisa, quando...

Não O pensamento veio mais agudamente desta vez.

Um momento depois, Evie estava na minha cara de novo, dessa vez me interrogando.

quem é você onde está você qual é o seu nome onde você nasceu quantos anos você tem quem são seus pais onde você mora De repente, percebi o suficiente para entender que Evie estava checando seu trabalho. Ela queria ter certeza de que meu cérebro estava limpo. Eu não tinha certeza do que deveria dizer ou fazer, então não falei nada.

Em vez disso, eu pisquei.

Pisquei muito.

Evie finalmente – com relutância – se afastou, mas ela não parecia totalmente convencida da minha estupidez. E então, quando eu pensei que ela poderia me matar só para estar segura, ela parou. Encarou a parede.

E então ela foi embora.

Eu estava tremendo na mesa de operação por vinte minutos antes de o quarto ser invadido por uma equipe de pessoas. Eles soltaram meu corpo, lavaram e envolveram minhas feridas abertas.

Eu acho que estava gritando.

Eventualmente, a combinação de dor, exaustão e o lento gotejar de opiáceos me pegou, e eu desmaiei.

Eu nunca entendi o que aconteceu naquele dia.

Eu não pude perguntar, Evie nunca explicou, e a voz estranha e aguda em minha cabeça nunca retornou. Mas então, Evie me sedou tanto nas minhas primeiras semanas com esse composto que é possível que nunca houvesse uma chance sequer.

Hoje, pela primeira vez desde aquele dia, ouço de novo.

Eu estou de pé no meio do meu quarto, este vestido amarelo transparente

ainda agrupado em meus braços, quando a voz me agride.

Isso tira o vento de mim.

Ella Eu giro ao redor, minha respiração vem rápido. A voz é mais alta do que nunca, assustadora em sua intensidade. Talvez eu estivesse errada sobre o experimento de Evie, talvez isso seja parte disso, talvez alucinar e ouvir vozes seja um precursor do esquecimento...

Não — Quem é você? — Eu digo, o vestido caindo no chão. Ocorre-me, como que à distância, que estou de calcinha, gritando em um quarto vazio, e um arrepio violento atravessa meu corpo.

Grosseiramente, eu puxo o vestido amarelo sobre a minha cabeça, suas camadas leves e suaves como seda contra a minha pele. Em uma vida diferente, eu adoraria esse vestido. É bonito e confortável, a combinação perfeita de alfaiataria. Mas não há mais tempo para esse tipo de frivolidade.

Hoje, esse vestido é apenas uma parte do papel que devo desempenhar.

A voz na minha cabeça ficou quieta, mas meu coração ainda está acelerado. Sinto-me impelida para o movimento apenas pelo instinto e, rapidamente, deslizo em um par de tênis brancos simples, amarrando firmemente os laços. Não sei por que, mas hoje, *agora mesmo*, por algum motivo – sinto que talvez precise correr.

Sim Minha espinha se endireita.

A adrenalina percorre minhas veias e meus músculos ficam tensos, queimando com uma intensidade que parece nova para mim; é a primeira vez que sinto os efeitos positivos dos procedimentos de Evie. Essa força parece ter sido enxertada em meus ossos, como se eu pudesse me lançar no ar, como se pudesse escalar uma parede com uma mão.

Eu já conhecia a superforça antes, mas essa força sempre pareceu que vinha de outro lugar, como se fosse algo que eu tinha que aproveitar e liberar. Sem minhas habilidades sobrenaturais – quando eu desliguei meus poderes – fiquei com um corpo inexpressivo e frágil. Eu estava desnutrida há anos, obrigada a suportar condições físicas e mentais extremas, e meu corpo sofria por isso. Eu só comecei a aprender formas adequadas de exercício e

condicionamento nos últimos meses, e embora o progresso que fiz tenha sido útil, foi apenas o primeiro passo na direção certa.

Mas isso...

O que quer que Evie tenha feito comigo? Isto é diferente.

Duas semanas atrás eu estava com tanta dor que mal conseguia me mexer. Na manhã seguinte, quando finalmente consegui ficar de pé sozinha, não vi nenhuma diferença discernível em meu corpo, exceto que eu tinha sete tons de roxo de cima a baixo. Tudo estava ferido. Eu estava andando em agonia.

Evie me disse, como minha médica, que ela me mantinha sedada para que eu fosse forçada a ficar parada para curar mais rapidamente, mas não tinha motivos para acreditar nela. Eu ainda não tenho. Mas esta é a primeira vez em duas semanas que me sinto quase normal. As contusões quase desapareceram. Apenas os locais de incisão, os pontos de entrada mais dolorosos, ainda parecem um pouco amarelos.

Não é ruim.

Eu flexiono meus punhos e me sinto poderosa, verdadeiramente poderosa, mesmo com as algemas brilhantes presas em torno de meus pulsos e tornozelos. Despertei desesperadamente dos meus poderes, senti mais saudades deles do que jamais imaginei que pudesse sentir falta de algo que passei tantos anos odiando sobre mim mesma. Mas pela primeira vez em semanas, me sinto forte. Sei que Evie fez isso comigo – fez isso com meus músculos – e sei que deveria desconfiar, mas é tão bom sentir-me bem que quase não posso deixar de me divertir com isso.

E agora sinto que podia…

Corra Eu continuo.

CORRA — O quê? — Eu sussurro, virando-me para escanear as paredes, o teto. — Correr para onde?

Fora A palavra troveja através de mim, reverbera ao longo da minha caixa torácica. *Fora*. Como se fosse assim tão simples, como se eu pudesse virar a maçaneta e me livrar desse pesadelo. Se fosse assim tão fácil sair dessa sala, eu já teria feito isso. Mas Evie reforça as fechaduras da minha porta com múltiplas camadas de segurança. Eu só vi a mecânica disso uma vez, quando ela me levou para o meu quarto depois de me permitir olhar para

fora por alguns minutos. Além das câmeras discretas e dos displays de retina, há um scanner biométrico que lê as impressões digitais de Evie para permitir seu acesso à sala. Eu passei horas tentando abrir a porta do meu quarto, sem sucesso.

Fora Novamente, essa palavra, alta e dura dentro da minha cabeça. Há algo aterrorizante na esperança que serpenteia através de mim ao pensar em escapar. Ela se agarra e puxa e me tenta a ser louca o suficiente para ouvir as absurdas alucinações que atacam minha mente.

Isso pode ser uma armadilha, eu penso.

Isso tudo poderia ser feito por Evie. Eu poderia estar jogando diretamente em sua mão.

Ainda.

Eu não posso evitar.

Eu atravesso o quarto em alguns passos rápidos. Hesito, minha mão pairando sobre o cabo e, com uma exalação final, cedo.

A porta se abre facilmente.

Eu estou na porta aberta, meu coração acelerado. Uma corrida inebriante de sentimentos surge através de mim e eu olho ao redor desesperadamente, estudando os muitos corredores estendendo-se diante de mim.

Isso parece impossível.

Eu não tenho ideia para onde ir. Não faço ideia se sou louca por ouvir uma voz manipuladora na minha cabeça depois que minha mãe psicótica passou horas injetando coisas na minha mente.

É só quando lembro que ouvi essa voz pela primeira vez na noite em que cheguei – momentos antes de Evie começar a me torturar – que começo a duvidar da minha dúvida.

Morrendo Foi isso que a voz me disse naquela primeira noite. *Morrendo.*

Eu estava deitada em uma mesa de operação, incapaz de me mover ou falar. Eu só podia gritar dentro da minha cabeça e queria saber onde Emmaline estava. Eu tentei gritar.

Morrendo, a voz dissera.

Um medo frio e paralisante enche meu sangue.
— Emmaline? — Eu sussurro. — É você?

Socorro Eu dou um passo certo em frente.

Warner

— Estou um pouco adiantado — diz ele. — Eu sei que seu aniversário é amanhã, mas eu não podia esperar mais.

Eu olho para o meu pai como se ele fosse um fantasma. Pior, um demônio. Eu não consigo falar, e por alguma razão ele não parece se importar com o meu silêncio.

Então...

Ele sorri.

É um sorriso verdadeiro, que suaviza suas feições e ilumina seus olhos. Estamos em algo que parece uma sala de estar, um espaço aberto e luminoso com sofás macios, cadeiras, uma mesa redonda e uma pequena escrivaninha no canto. Há um tapete grosso sob os pés. As paredes são um agradável amarelo pálido, sol entrando pelas grandes janelas. A figura do meu pai está em contraluz. Ele parece etéreo. Brilhando, como se ele pudesse ser um anjo.

Este mundo tem um senso de humor doentio.

Ele me jogou uma túnica quando entrou na minha cela, mas não me ofereceu mais nada. Eu não tive a chance de trocar de roupa. Eu não recebi comida ou água. Sinto-me mal vestido – vulnerável – sentado em frente a ele em nada além de roupa íntima fria e uma túnica fina. Eu nem tenho meias. Chinelos. *Alguma coisa*.

E eu só posso imaginar o que devo parecer agora, considerando que faz algumas semanas que eu não faço a barba ou corto o cabelo. Consegui manter-me limpo na prisão, mas meu cabelo está um pouco maior agora. Não é como costumava ser, mas está chegando lá. E meu rosto...

Eu toco meu rosto quase sem pensar.

Tocar meu rosto se tornou um hábito nessas últimas duas semanas. Eu tenho uma barba. Não é muita barba, mas é o suficiente para me surpreender a cada vez. Não tenho ideia de como devo parecer agora.

Indomável, talvez.

Finalmente, eu digo: — Você deveria estar morto.

— Surpresa — diz ele, e sorri.

Eu só olho para ele.

Meu pai se encosta na mesa e enfia as mãos nos bolsos da calça de um jeito que o faz parecer um menino. Encantador.

Isso me faz sentir mal.

Eu olho para longe, examinando a sala em busca de ajuda.

Detalhes. Algo para enraizar-me, algo para explicá- *lo*, algo para me armar contra o que pode estar vindo.

Eu venho curto.

Ele ri.

— Você sabe, você poderia mostrar um pouco mais de emoção. Eu realmente pensei que você poderia estar feliz em me ver.

Isso chama minha atenção.

— Você pensou errado — eu digo. — Fiquei feliz em saber que você estava morto.

— Você tem certeza? — Ele inclina a cabeça. — Você tem certeza que não derramou uma única lágrima por mim? Não sentiu falta de mim nem um pouquinho?

Só é preciso um momento de hesitação. O intervalo de meio segundo, durante o qual me lembro das semanas que passei, preso numa prisão de meio pesar, odiando-me por lamentá-lo e odiando o fato de eu ter me importado.

Eu abro minha boca para falar e ele me interrompe, seu sorriso triunfante.

— Eu sei que isso deve ser um pouco inquietante. E eu sei que você vai fingir que não se importa. Mas nós dois sabemos que seu coração sangrando sempre foi a fonte de todos os nossos problemas, e não faz sentido tentar negar isso agora. Então, vou ser generoso e oferecer-me para ignorar seu comportamento traidor.

Minha espinha endurece.

— Você não acha que eu ia esquecer, não é? — Meu pai não está mais sorrindo. — Você tenta *me* derrubar – meu governo, meu continente – e então você fica de lado como um pedaço de lixo perfeito e patético enquanto sua namorada tenta me *matar*… e você pensou que eu nunca mencionaria isso?

Eu não posso mais olhar para ele. Eu não suporto a visão do rosto dele, tão parecido com o meu. Sua pele ainda é perfeita, sem cicatrizes. Como se ele nunca tivesse sido ferido. Nunca levou uma bala na testa.

Eu não entendo isso.

— Não? Você ainda não vai se inspirar para responder? — Ele diz. — Nesse caso, você pode ser mais esperto do que eu lhe dei crédito.

Aí está. Isso parece mais com ele.

— Mas o fato é que estamos em uma importante encruzilhada agora. Eu tive que pedir uma série de favores para ter você transportado para cá ileso. O conselho ia votar para você ser executado por traição, e eu fui capaz de convencê-los do contrário.

— Por que você se incomodaria?

Seus olhos se estreitam enquanto ele me avalia.

— Eu salvo sua vida — ele diz. — E esta é sua reação? Insolência? Ingratidão?

— Isso — eu digo bruscamente. — É a sua ideia de salvar minha vida? Me jogando na prisão e me envenenando até a morte?

— Isso deveria ter sido um piquenique. — Seu olhar fica frio. — Você realmente estaria melhor morto se essas circunstâncias fossem suficientes para quebrar você.

Não digo nada.

— Além disso, tivemos que punir você de alguma forma. Suas ações não podem ser desmarcadas. — Meu pai desvia o olhar. — Nós tivemos muitas bagunças para limpar — diz ele finalmente. — Onde você acha que eu estive todo esse tempo?

— Como eu disse, pensei que você estivesse morto.

— Perto, mas não completamente. Na verdade — ele diz, respirando fundo. — Passei um bom tempo convalescente. *Aqui*. Eu fui levado de volta para cá, onde os Sommers me reviveram. — Ele puxa a barra da calça e eu vislumbro o brilho prateado de metal onde seu tornozelo deveria estar. — Eu tenho novos pés — diz ele, e ri. — Você acredita nisso?

Eu não posso. Eu não posso acreditar.

Estou atordoado.

Ele sorri, obviamente satisfeito com a minha reação.

— Nós deixamos você e seus amigos pensarem que tiveram uma vitória apenas o suficiente para me dar tempo para me recuperar. Enviamos o resto das crianças para distraí-lo, para fazer parecer que O Restabelecimento poderia realmente aceitar seu novo comandante autonomeado. — Ele balança a cabeça. — Uma criança de dezessete anos que se declara governante da

América do Norte — diz ele, quase para si mesmo. E então, olhando para cima: — Aquela garota realmente foi um trabalho, não foi?

O pânico se acumula no meu peito.

— O que você fez com ela? Onde ela está?

— Não. — O sorriso do meu pai desaparece. — Absolutamente não.

— O que isso significa?

— Isso significa *absolutamente não*. Aquela garota está pronta. Ela se foi. Não mais especiais da tarde com seus amigos do Ponto Ômega. Não mais correndo nu com sua namoradinha. Não mais sexo à tarde, quando você deveria estar trabalhando.

Eu me sinto mal e enraivecido.

— Não se atreva… *nunca* fale sobre ela assim. Você não tem direito...

Ele suspira, longo e alto. Murmura algo sujo.

— Quando você vai parar com isso? Quando você vai crescer?

É preciso tudo o que tenho para reprimir minha raiva. Sentar-me aqui calmamente e não dizer nada. De alguma forma, meu silêncio piora as coisas.

— Droga, Aaron — diz ele, ficando de pé. — Eu continuo esperando por você seguir em frente. Para superar ela. Para *evoluir* — diz ele, praticamente gritando comigo agora. — Já faz mais de uma década da mesma besteira.

Mais de uma década.

Uma escorregada.

— O que você quer dizer com — eu digo, estudando-o com cuidado. — "Mais de uma década"?

— Estou exagerando — diz ele, mordendo as palavras. — Exagerando para fazer um ponto.

— *Mentiroso*.

Pela primeira vez, algo incerto passa pelos olhos do meu pai.

— Você vai admitir isso? — Eu digo em voz baixa. — Você vai admitir para mim o que eu já sei?

Ele define sua mandíbula. Não diz nada.

— *Admita* — eu digo. — Juliette era um pseudônimo. Juliette Ferrars é na verdade Ella Sommers, filha de Evie e Maximillian Som...

— Como… — Meu pai se pega. Ele desvia o olhar e então, muito cedo, ele olha para trás. Ele parece estar decidindo alguma coisa.

Finalmente, lentamente, ele concorda.

— Você sabe o que? É melhor assim. É melhor que você saiba — ele diz

baixinho. — É melhor que você entenda exatamente por que nunca mais a verá.

— Isso não é com você.

— Não é comigo? — Raiva entra e sai de seus olhos, sua máscara fria rapidamente desmoronando. — Aquela garota tem sido a perdição da minha existência por *doze anos* — diz ele. — Ela me causou mais problemas do que você pode até mesmo começar a entender, o que não é menos importante do que distrair meu filho idiota durante a maior parte da última década. Apesar de todos os meus esforços para acabar com vocês – para remover esse câncer de nossas vidas – você insistiu, repetidas vezes, em se apaixonar por ela. — Ele me olha nos olhos, seus próprios olhos selvagens de fúria. — Ela nunca foi feita para você. Ela nunca foi feita para nada disso. Aquela garota foi condenada à morte — ele diz maliciosamente. — No momento em que a chamei de Juliette.

Meu coração está batendo tão forte que parece que estou sonhando. Isso deve ser um pesadelo. Eu tenho que me forçar a falar. Dizer: — Do que você está falando?

A boca do meu pai torce para a imitação de um sorriso.

— Ella — diz ele. — Foi projetada para se tornar uma ferramenta para a guerra. Ela e sua irmã, desde o começo. Décadas antes de assumirmos, as doenças estavam começando a devastar a população. O governo estava tentando enterrar a informação, mas nós sabíamos. Eu vi os arquivos classificados. Eu rastreei um dos esconderijos secretos. As pessoas estavam com defeito, metamorfoseando – tanto que parecia quase a próxima fase da evolução. Apenas Evie teve a presença de espírito para ver a doença como uma ferramenta. Foi ela quem primeiro começou a estudar os não-naturais. Ela foi a razão pela qual criamos os asilos – ela queria acesso a mais variedades da doença – e foi ela quem aprendeu a isolar e reproduzir o DNA alienígena. Foi idéia dela usar as descobertas para ajudar nossa causa. Ella e Emmaline — ele diz com raiva. — Só foram feitas para serem experiências científicas de Evie. Ella nunca foi feita para você. Nunca foi feita para *ninguém*, — ele grita. — Tire-a da sua cabeça.

Eu me sinto congelado enquanto as palavras se estabelecem ao meu redor. Dentro de mim. A revelação não é inteiramente nova e ainda assim… a dor é nova. O tempo parece desacelerar, acelerar, girar para trás. Meus olhos se fecham. Minhas memórias se acumulam e se expandem, explodindo com

um significado renovado à medida que me atacam de uma só vez.

Ella através dos tempos.

Minha amiga de infância.

Ella, arrancada de mim quando eu tinha sete anos de idade. Ella e Emmaline, que eles disseram que se afogaram no lago. Eles me disseram para esquecer, esquecer que as garotas já existiram e, finalmente, cansados de responder minhas perguntas, eles me disseram que tornariam as coisas mais fáceis para mim. Eu segui meu pai para uma sala onde ele prometeu que explicaria tudo.

E depois...

Eu estou amarrado a uma cadeira, minha cabeça segura no lugar com grampos pesados de metal. Luzes brilhantes piscam e zumbem acima de mim.

Eu ouço os monitores cantando, os sons abafados de vozes ao meu redor. A sala parece grande e cavernosa, reluzindo. Eu ouço os sons altos e desconcertantes da minha própria respiração e as batidas fortes e pesadas do meu coração. Eu pulo, um pouco, com a sensação indesejada da mão do meu pai no meu braço, dizendo que vou me sentir melhor em breve.

Eu olho para ele como se estivesse saindo de um sonho.

— O que é isso? — Ele diz. — O que acabou de acontecer?

Eu separo meus lábios para falar, me pergunto se é seguro dizer a verdade.

Eu decido que estou cansado das mentiras.

— Eu tenho lembrado dela — eu digo.

O rosto do meu pai fica inesperadamente em branco e é a única reação que preciso para entender a última peça que falta.

— Você está roubando minhas memórias — digo a ele, minha voz anormalmente calma. — Todos esses anos. Você tem mexido na minha mente. Foi você.

Ele não diz nada, mas vejo a tensão em sua mandíbula, o súbito salto de uma veia sob a pele.

— O que você está lembrando?

Eu balancei minha cabeça, atordoado enquanto eu olhava para ele.

— Eu deveria saber. Depois de tudo o que você fez comigo... — Paro, minha visão muda, desfocada por um momento. — Claro que você não me

deixaria dominar minha própria mente.

— O que, exatamente, você está lembrando? — Ele diz, dificilmente capaz de controlar a raiva em sua voz agora. — O que mais você sabe?

No começo, não sinto nada.

Eu me treinei muito bem. Anos de prática me ensinaram a enterrar minhas emoções como um reflexo – especialmente em sua presença – e leva alguns segundos para que os sentimentos surjam. Eles formam lentamente, infinitas mãos alcançando de infinitas covas para atiçar as chamas de uma antiga fúria que eu nunca realmente me permiti tocar.

— Você roubou minhas memórias dela — eu digo baixinho. — Por quê?

— Sempre tão focado na menina — ele olha para mim. — Ela não é o centro de tudo, Aaron. Eu roubei suas memórias de muitas coisas.

Eu estou balançando a cabeça. Eu me levanto lentamente, ao mesmo tempo fora da minha mente e perfeitamente calmo, e me preocupo, por um momento, que eu possa realmente expirar da força total de tudo que sinto por ele. Ódio tão profundo que poderia me ferver vivo.

— Por que você faria algo assim exceto para me torturar? Você sabia o que eu sentia por ela. Você fez isso de propósito. Empurrando-nos juntos e nos separando... — Paro de repente. A realização nasce, brilhante e penetrante e eu olho para ele, incapaz de entender a profundidade de sua crueldade. — Você colocou Kent sob meu comando de propósito — eu digo.

Meu pai encontra meus olhos com uma expressão vaga. Ele não diz nada.

— Acho difícil acreditar que você não sabia o paradeiro de seus filhos ilegítimos — digo a ele. — Eu não acredito por um segundo que você não estava tendo todos os movimentos de Kent monitorados. Você deve saber o que ele estava fazendo com sua vida. Você deve ter sido notificado no momento em que ele se alistou. — Você poderia tê-lo enviado em qualquer lugar — eu digo. — Você tinha o poder para fazer isso. Em vez disso, você o deixa permanecer no Setor 45 – sob *minha* jurisdição – de propósito. Não foi? E quando você fez Delalieu me mostrar esses arquivos – quando ele veio até mim, me convenceu de que Kent seria o companheiro de cela perfeito para Juliette porque aqui estava a prova de que ele a conhecia, que eles tinham ido juntos para a escola...

De repente, meu pai sorri.

— Eu sempre tentei te dizer — ele diz suavemente. — Eu tentei dizer a você para parar de deixar suas emoções dominarem sua mente. Repetidas

vezes tentei te ensinar e você nunca escutou. Você nunca aprendeu. — Ele balança a cabeça. — Se você sofre agora, é porque você trouxe isso para si mesmo. Você se tornou um alvo fácil.

Estou atordoado.

De alguma forma, mesmo depois de tudo, ele consegue me chocar.

— Eu não entendo como você pode ficar lá, defendendo suas ações, depois de passar vinte anos me torturando.

— Eu só tenho tentado te ensinar uma lição, Aaron. Eu não queria que você acabasse como sua mãe. Ela era fraca, assim como você.

Eu preciso matá-lo.

Imagino: como seria prendê-lo ao chão, apunhalá-lo repetidamente no coração, ver a luz sair de seus olhos, sentir seu corpo esfriar sob as minhas mãos.

Eu espero por medo.

Revulsão.

Arrependimento.

Eles não vêm.

Não tenho ideia de como ele sobreviveu à última tentativa em sua vida, mas não me importo mais em saber a resposta. Eu quero ele morto. Eu quero assistir a sua piscina de sangue em minhas mãos. Eu quero arrancar sua garganta.

Eu espio um abridor de cartas na escrivaninha próxima, e no segundo que levo para alcançá-lo, meu pai ri.

Ri.

Alto. Dobrado, uma mão segurando o lado dele. Quando ele olha para cima, há lágrimas reais em seus olhos.

— Você perdeu a cabeça? — Ele diz. — Aaron, não seja ridículo.

Eu dou um passo à frente, o abridor de cartas apertado no meu punho, e observo, cuidadosamente, no momento em que ele entende que eu vou matá-lo. Eu quero que ele saiba que vai ser eu. Eu quero que ele saiba que ele finalmente conseguiu o que queria.

Que ele finalmente me quebrou.

— Você cometeu um erro poupando minha vida — eu digo baixinho. — Você cometeu um erro mostrando seu rosto. Você cometeu um erro pensando que poderia me pedir para voltar, depois de tudo o que fez...

— Você não me entende. — Ele está em pé novamente, a risada

desaparecendo de seu rosto. — Eu não estou pedindo para você voltar. Você não tem escolha.

— Bom. Isso torna tudo mais fácil.

— Aaron. — Ele balança a cabeça. — Eu não estou desarmado. Estou totalmente disposto a te matar se você sair da linha. E embora eu não possa afirmar que matar meu filho é minha maneira favorita de passar uma manhã, isso não significa que eu não o farei. Então você precisa parar e pensar, por um momento, antes de dar um passo à frente e cometer suicídio.

Eu estudo ele. Meus dedos se flexionam ao redor da arma na minha mão.

— Diga-me onde ela está — eu digo. — E vou considerar poupar sua vida.

— Seu idiota. Você não está me ouvindo? *Ela se foi*.

Eu endureço. O que quer que ele queira dizer com isso, ele não está mentindo.

— Foi para onde?

— *Se foi* — diz ele com raiva. — Desapareceu. A garota que você conheceu não existe mais.

Ele tira um controle remoto do bolso da jaqueta e aponta para a parede. Uma imagem aparece instantaneamente, projetada de outro lugar, e o som que enche a sala é tão repentino – tão chocante e inesperado – que quase me deixa de joelhos.

É a Ella.

Ela está gritando.

O sangue escorre por sua boca aberta e gritante, os sons agonizantes perfurados apenas pelos soluços que puxam a respiração ofegante de seu corpo. Seus olhos estão entreabertos, delirantes, e vejo como ela está desprendida de uma cadeira e é arrastada para uma maca. Os espasmos do corpo dela, os braços e as pernas tremendo incontrolavelmente. Ela está em um vestido de hospital branco, os laços inconsistentes se desfazem, o tecido fino úmido com seu próprio sangue.

Minhas mãos tremem incontrolavelmente enquanto eu assisto, sua cabeça chicoteando para frente e para trás, seu corpo lutando contra suas restrições. Ela grita de novo e uma pontada de dor passa por mim, tão insuportável que quase me dobra ao meio. E então, rapidamente, como se, do nada, alguém dá um passo à frente e apunhala uma agulha no pescoço dela.

Ella continua quieta.

Seu corpo está congelado, seu rosto capturado em um único momento de agonia antes que a droga entre em ação, desmoronando-a. Seus gritos se dissolvem em gemidos menores e mais constantes. Ela chora, mesmo quando seus olhos se fecham.

Eu me sinto violentamente doente.

Minhas mãos estão tremendo tanto que não consigo mais formar um punho, e observo, como se de longe, o abridor de cartas cair no chão. Eu fico quieto, forçando a vontade de vomitar, mas a ação provoca um arrepio tão desorientador que quase perco o equilíbrio. Lentamente me viro para encarar meu pai, cujos olhos são inescrutáveis.

São necessárias duas tentativas antes que eu consiga formar uma única palavra sussurrada: — O que?

Ele balança a cabeça, a imagem de falsa simpatia.

— Estou tentando fazer você entender. Isso — diz ele, apontando para a tela — É para isso que ela está destinada. Para sempre. Pare de imaginar sua vida com ela. Pare de pensar nela como uma *pessoa*...

— Isso não pode ser real — eu digo, interrompendo-o. Eu me sinto selvagem. Desequilibrado — Isto… diga-me que isto não é real. O que você está fazendo comigo? É isso...

— Claro que é real — diz ele. — Juliette se foi. Ella se foi. Ela é tão boa quanto morta. Ela teve sua mente apagada semanas atrás. Mas você — ele diz. — Você ainda tem uma vida para viver. Você está me ouvindo? Você precisa se recompor.

Mas não consigo ouvi-lo pelo som de Ella chorando.

Ela ainda está chorando – os sons são mais suaves, mais tristes, mais desesperados. Ela parece aterrorizada. Pequenas e desamparadas mãos estranhas enfaixam as feridas abertas em seus braços, as costas de suas pernas. Eu vejo como algemas brilhantes de metal estão algemadas em seus pulsos e tornozelos. Ela choraminga mais uma vez.

E eu me sinto insano.

Eu devo estar. Ouvindo o grito dela – observando-a lutar por sua vida, observando-a engasgar com seu próprio sangue enquanto estou aqui, impotente para ajudá-la...

Eu nunca poderei esquecer o som.

Não importa o que aconteça, não importa onde eu corra, esses gritos – seus gritos – vão me assombrar para sempre.

— Você queria que eu assistisse isso? — Estou sussurrando agora; Eu mal posso falar. — Por que você quer que eu assista isso?

Ele diz algo para mim. Grita algo para mim. Mas eu me sinto de repente surdo.

Os sons do mundo parecem distorcidos, distantes, como se minha cabeça estivesse submersa na água. O fogo no meu cérebro foi apagado, substituído por uma súbita e absoluta calma. Uma sensação de certeza. Eu sei o que preciso fazer agora. E eu sei que não há nada – nada que eu não faça para chegar até ela.

Eu sinto isso, sinto minha magreza se dissolvendo. Sinto minha frágil pele de humanidade roída pelas traças começar a se desfazer e, com ela, o véu me impedindo da completa escuridão. Não há linhas que eu não cruze. Nenhuma ilusão de misericórdia.

Eu queria ser melhor para ela. Para sua felicidade. Para o futuro dela.

Mas se ela se foi, que bem é bom?

Eu tomo uma respiração profunda e firme. Sinto-me estranhamente liberto, não mais preso a uma obrigação de decência. E em um movimento simples, eu pego o abridor de cartas que eu deixei cair no chão.

— Aaron — diz ele, um aviso em sua voz.

— Eu não quero ouvir você falar — eu digo. — Eu não quero que você fale comigo nunca mais.

Eu jogo a faca antes mesmo de as palavras saírem da minha boca. Voa forte e rápido, e eu aproveito o segundo que se eleva no ar. Eu gosto do modo como o segundo se expande, explodindo na estranheza do tempo. Tudo parece em câmera lenta. Os olhos do meu pai se arregalam em uma exibição rara de choque desmascarado, e eu sorrio ao som de seu suspiro quando a arma encontra sua marca. Eu estava apontando para sua jugular, e parece que meu objetivo era verdadeiro. Ele engasga, seus olhos se arregalam quando suas mãos se movem, trêmulas, para arrancar o abridor de cartas de sua casa em seu pescoço.

Ele tosse, de repente, respingos de sangue por toda parte e, com algum esforço, consegue liberar a coisa. Sangue fresco jorra por sua camisa e sai de sua boca. Ele não pode falar; a lâmina penetrou em sua laringe. Em vez disso, ele ofega, ainda sufocando, sua boca abrindo e fechando como um peixe morrendo.

Ele cai de joelhos.

Suas mãos se agarram ao ar, suas veias saltam sob sua pele e eu ando em direção a ele. Eu o observo enquanto ele implora, silenciosamente, por alguma coisa, e então eu o acaricio, embolsando as duas armas que encontro escondidas em sua pessoa.

— Aproveite o inferno — eu sussurro, antes de ir embora.

Nada mais importa.

Eu tenho que encontrá-la.

Juliette Ella

Esquerda.

Direita.

Em linha reta.

Esquerda.

Os comandos mantém meus pés andando com segurança pelo corredor. Este composto é vasto. Enorme. Meu quarto era tão comum que a verdade dessa instalação é chocante. Um quadro aberto revela muitas dezenas de andares, corredores e escadarias entrelaçados como viadutos e rodovias. O teto parece estar a quilômetros de distância, alto, arqueado e intrincado. Vigas de aço expostas encontram calçadas brancas e limpas centradas em torno de um pátio interno aberto. Eu não tinha ideia de que estava tão alto. E, de alguma forma, para um edifício tão grande, eu ainda não fui vista.

As coisas estão ficando mais assustadoras a cada minuto.

Não encontro ninguém enquanto vou; Tenho ordens para correr, desviar ou me esconder bem a tempo de evitar transeuntes. É estranho. Ainda assim, eu tenho andado por pelo menos vinte minutos, e parece que não estou me aproximando de nada. Não tenho ideia de onde estou no esquema das coisas e não há janelas próximas. Toda a instalação parece uma prisão dourada.

Um longo período de silêncio entre mim e minha amiga imaginária começa a me deixar nervosa. Eu acho que essa voz pode ser da Emmaline, mas ela ainda não confirmou. E embora eu queira dizer algo, me sinto boba falando em voz alta. Então falo apenas dentro da minha mente quando digo: *Emmaline? Você está aí?*

Sem resposta.

Meu nervosismo atinge o seu pico e eu paro de andar.

Para onde você está me levando?

Desta vez, a resposta vem rapidamente: *Escapar Estamos nos aproximando?* Eu pergunto.

Sim Eu respiro fundo e vou em frente, mas sinto um medo rastejante infiltrar meus sentidos. Quanto mais eu ando – por corredores e escadas infinitas – mais perto eu pareço estar de *algo*... algo que me enche de medo. Eu não posso explicar isso.

É claro que estou indo para o subterrâneo.

As luzes estão diminuindo enquanto eu vou. Os corredores estão começando a se estreitar. As janelas e escadas começam a desaparecer. E eu sei que só estou me aproximando das entranhas do prédio quando as paredes mudam. Longe estão as paredes brancas e lisas dos andares superiores. Aqui tudo é cimento inacabado. Tem um cheiro frio e úmido. Terroso. As luzes zumbem e zumbem, ocasionalmente disparando.

O medo continua a pulsar na minha espinha.

Eu desço um leve declive, meus sapatos escorregando um pouco enquanto vou. Meus pulmões se apertam. Meu batimento cardíaco parece alto, muito alto, e uma sensação estranha começa a encher meus braços e pernas. Sentimentos. Demasiado sentimento Faz minha pele arrepiar, faz meus ossos coçarem. Sinto-me subitamente inquieta e ansiosa. E assim quando estou prestes a perder a esperança nesta rota de fuga maluca e sinuosa...

Aqui Eu paro.

Eu estou em frente a uma porta de pedra maciça. Meu coração está correndo na minha garganta. Eu hesito, medo começando a fissurar minha certeza.

Abra — Quem é você? — Eu pergunto novamente, desta vez falando em voz alta. — Isso não parece uma rota de fuga.

Abra Eu aperto meus olhos fechados; Encho meus pulmões com ar.

Eu vim até aqui, digo a mim mesma. Não tenho outras opções no momento. Eu também posso ver isso.

Mas quando abro a porta percebo que é apenas a primeira de várias. Onde quer que eu esteja, é protegido por múltiplas camadas de segurança. Os mecanismos necessários para abrir cada porta são desconcertantes – não há maçanetas ou puxadores, nem dobradiças tradicionais – mas tudo o que preciso fazer é tocar a porta para que ela se abra.

É muito fácil.

Finalmente, estou em frente a uma parede de aço. Não há nada aqui para indicar que pode haver uma sala além dela.

Toque Tentativamente, eu toco meus dedos no metal.

Mais Pressiono minha mão inteira firmemente contra a porta e, em segundos, a parede se derrete. Eu olho em volta nervosamente e dou um passo à frente.

Imediatamente, sei que fui desviada.

Eu me sinto mal quando olho em volta, doente e aterrorizada. Este lugar está tão longe de uma fuga que quase não consigo acreditar que me acreditei nisso. Eu estou em um laboratório.

Outro laboratório.

O pânico colapsa algo dentro de mim, ossos e órgãos batendo juntos, sangue correndo para a minha cabeça. Eu corro para a porta e ela fecha, a parede de aço se forma facilmente, como se fosse de ar.

Eu puxo algumas respirações afiadas, implorando para ficar calma.

— Mostre-se — eu grito. — Quem é você? O que você quer comigo?

Socorro Meu coração estremece até parar. Eu sinto meu medo se expandir e se contrair.

Morrendo Arrepios se erguem ao longo da minha pele. Minha respiração acelera; meus punhos se apertam. Eu dou um passo mais para dentro do quarto, e depois mais alguns. Ainda estou cautelosa, preocupada que tudo isso seja mais uma parte do truque...

Então eu vejo isso.

Um cilindro de vidro tão alto e largo quanto a parede, cheio até o punho com água. Há uma criatura flutuando dentro dela. Algo maior que o medo está me levando para frente, maior que a curiosidade, maior que a admiração.

Sentimento me lava.

Memórias colidem comigo.

Um braço espigão atravessa a água escura, os dedos trêmulos formando um punho solto que bate fracamente contra o vidro.

No começo, tudo que vejo é a mão dela.

Mas quanto mais me aproximo, mais claramente sou capaz de ver o que eles fizeram com ela. E eu não posso esconder meu horror.

Ela está mais perto do vidro e eu vejo seu rosto. Ela não tem mais um rosto, não realmente. Sua boca foi permanentemente selada em torno de um regulador, com uma teia de aranha sobre o silicone. Seu cabelo é um par de pés de comprimento, escuro e selvagem e flutuando em torno de sua cabeça como tentáculos finos. Seu nariz derreteu-se para trás em seu crânio e seus olhos estão permanentemente fechados, cílios longos e escuros a única indicação que eles costumavam abrir. Suas mãos e pés estão palmados. Ela não tem unhas. Seus braços e pernas são na maior parte ossos e flacidez, pele enrugada.

— Emmaline — eu sussurro.

Morrendo As lágrimas vêm quentes e rápidas, me atingindo sem aviso, me quebrando por dentro.

— O que eles fizeram com você? — Eu digo, minha voz rouca. — Como eles poderam fazer isso com você?

Um som metálico e sem graça. Duas vezes.

Emmaline está flutuando mais perto. Ela pressiona seus dedos contra a barreira entre nós e eu alcanço, rapidamente, enxugando os olhos antes de encontrá-la lá. Eu pressiono a palma da mão no vidro e de alguma forma, impossivelmente, eu a sinto pegar minha mão. Suave. Caloroso. Forte.

E então, com um suspiro...

Sentimento pulsa através de mim, onda após onda de *sentimento*, emoções tão infinitas como o tempo. Memórias, desejos, esperanças e sonhos há muito extintos. A força de tudo deixa minha cabeça girando; Eu caio para frente e cerro os dentes, firmando-me, pressionando minha testa contra a

barreira entre nós. As imagens preenchem minha mente como quadros afetados de um filme antigo.

A vida de Emmaline.

Ela quer que eu saiba. Eu sinto como se estivesse sendo puxada para dentro dela, como se ela estivesse me enrolando em seu próprio corpo, me imergindo em sua mente. Suas memórias.

Eu a vejo mais jovem, muito mais jovem, com oito ou nove anos de idade. Ela estava animada, furiosa. Difícil de controlar. Sua mente era mais forte do que ela podia lidar e ela não sabia como se sentir sobre seus poderes. Ela se sentiu amaldiçoada, estrangulada por eles. Mas ao contrário de mim, ela foi mantida em casa, aqui, neste exato laboratório, forçada a passar por teste após teste administrado por seus próprios pais. Eu sinto sua raiva me penetrar.

Pela primeira vez, percebo que tive o luxo de esquecer.

Ela não teve.

Max e Evie – e até mesmo Anderson – tentaram varrer a memória de Emmaline várias vezes, mas, a cada vez, o corpo de Emmaline prevalecia. Sua mente era tão forte que ela foi capaz de convencer seu cérebro a reverter a química destinada a dissolver suas memórias. Não importa o que Max e Evie tentassem, Emmaline nunca poderia esquecê-los.

Em vez disso, ela viu seus próprios pais se virarem contra ela.

Virando-a do avesso.

Emmaline está me contando tudo sem dizer uma palavra. Ela não pode falar. Ela perdeu quatro dos seus cinco sentidos.

Ela ficou cega primeiro.

Ela perdeu o olfato e a sensação um ano depois, ambas ao mesmo tempo. Finalmente, ela perdeu a capacidade de falar. Sua língua e dentes se desintegraram. Suas cordas vocais se erodiram. Sua boca se fechou permanentemente.

Ela só pode ouvir agora. Mas mal.

Eu vejo as cenas mudarem, vê-la crescer um pouco mais velha, um pouco mais quebrada. Eu vejo o fogo sair de seus olhos. E então, quando ela percebe o que eles planejaram para ela – a razão inteira que eles a queriam, tão desesperadamente...

O horror violento me tira o fôlego.

Eu caio, joelhos batendo no chão. A força de seus sentimentos me abre.

Os soluços quebram minhas costas, estremecem através dos meus ossos. Eu sinto tudo. Sua dor, sua dor sem fim.

Sua incapacidade de acabar com seu próprio sofrimento.

Ela quer que isso acabe.

Fim, ela diz, a palavra afiada e explosiva.

Com algum esforço, consigo levantar a cabeça para olhar para ela.

— Foi você esse tempo todo? — Eu sussurro. — Você me devolveu minhas memórias?

Sim — Como? Por quê?

Ela me mostra.

Eu sinto minha espinha endireitar enquanto a visão se move através de mim. Eu vejo Evie e Max, ouço suas conversas distorcidas de dentro da prisão de vidro. Eles estão tentando tornar Emmaline mais forte ao longo dos anos, tentando encontrar maneiras de melhorar as habilidades telecinéticas de Emmaline. Eles queriam que suas habilidades evoluíssem. Eles queriam que ela fosse capaz de realizar o controle da mente.

Controle mental das massas.

Isso saiu pela culatra.

Quanto mais eles experimentavam nela – quanto mais eles a empurravam – mais forte e mais fraca ela se tornava. Sua mente era capaz de lidar com as manipulações físicas, mas seu coração não aguentou. Mesmo quando eles a construíram, eles estavam quebrando-a.

Ela perdeu a vontade de viver. Lutar.

Ela não tinha mais controle sobre seu próprio corpo; até seus poderes agora eram regulados por Max e Evie. Ela se tornou uma marionete. E quanto mais indiferente ela se tornava, mais eles não entendiam. Max e Evie pensaram que Emmaline estava se tornando complacente.

Em vez disso, ela estava se deteriorando.

E depois...

Outra cena. Emmaline ouve uma discussão. Max e Evie estão discutindo sobre mim. Emmaline não os ouviu falar de mim em anos; ela não tinha ideia de que eu ainda estava viva. Ela ouve que eu tenho lutado de volta. Que eu

tenho resistido, que tentei matar um comandante supremo.

Emmaline sente esperança pela primeira vez em anos.

Eu bato minhas mãos na minha boca. Dou um passo para trás.

Emmaline não tem olhos, mas eu a sinto olhando para mim. Me observando por uma reação. Eu me sinto instável, alerta, mas superada.

Eu finalmente entendi.

Emmaline tem usado seu último suspiro de força para entrar em contato comigo… e não apenas comigo, mas todos os outros filhos dos comandantes supremos.

Ela me mostra, em minha mente, como ela se aproveitou do último esforço de Max e Evie para expandir suas capacidades. Ela nunca foi capaz de chegar às pessoas individualmente antes, mas Max e Evie ficaram gananciosos. Em Emmaline, eles lançaram as bases para sua própria morte.

Emmaline acha que somos a última esperança para o mundo. Ela quer que a gente se levante, lute, salve a humanidade. Ela está lentamente voltando nossas mentes para nós, devolvendo o que nossos pais roubaram uma vez. Ela quer que a gente veja a verdade.

Ajuda, ela diz.

— Eu vou — eu sussurro. — Eu prometo que vou. Mas primeiro vou tirá-la daqui.

Raiva, quente e violenta, me faz cambalear. A raiva de Emmaline é afiada e aterrorizante, e uma ressonância *NÃO*

enche meu cérebro.

Eu continuo. Confusa.

— O que você quer dizer? — Eu digo. — Eu tenho que ajudá-la a sair daqui. Nós vamos escapar juntas. Eu tenho amigas – curandeiras – que podem restaurar v...

NÃO

E então, num piscar de olhos Ela enche minha mente com uma imagem tão escura que acho que posso estar doente.

— Não — eu digo, minha voz tremendo. — Eu não farei isso. Eu não vou

matar você.

Raiva, raiva quente e feroz, ataca minha mente. Imagem após imagem me agride, suas tentativas frustradas de suicídio, sua incapacidade de transformar seus próprios poderes contra si mesma, as infinitas falhas de segurança que Max e Evie puseram em ação para garantir que Emmaline não tirasse a própria vida, e que não pudesse prejudicá-los...

— Emmaline, por favor...

SOCORRO

— Tem que haver outro jeito — eu digo desesperadamente. — Isso não pode ser assim. Você não precisa morrer. Nós podemos passar por isso juntas.

Ela bate a palma da mão aberta contra o vidro. Tremores balançam seu corpo emaciado.

Já morrendo Eu dou um passo à frente, pressiono minhas mãos na prisão dela.

— Não deveria terminar assim — eu digo, as palavras quebradas. — Tem que haver outra maneira. Por favor. Eu quero minha irmã de volta. Eu quero que você viva.

Mais raiva, quente e selvagem, começa a florescer em minha mente e então...

um pico de medo.

Emmaline fica rígida em seu tanque.

Chegando Eu olho em volta, me preparando. A adrenalina dispara nas minhas veias.

Espere Emmaline envolveu seus braços ao redor de seu corpo, seu rosto comprimido em concentração. Eu ainda posso senti-la com um imediatismo tão íntimo que parece quase como se seus pensamentos fossem meus.

E então, inesperadamente...

Meus grilhões se abrem.

Eu giro quando eles caem no chão com um barulho rico. Eu esfrego meus pulsos doloridos, meus tornozelos.

— Como você...

Chegando Eu concordo.

— O que quer que aconteça hoje — eu sussurro. — Eu vou voltar para você. Isso não acabou. Você está me ouvindo? Emmaline, não vou deixar você morrer aqui.

Pela primeira vez Emmaline parece relaxar.

Algo quente e doce enche minha cabeça, afeição tão inesperada que pica meus olhos.

Eu luto contra a emoção.

Passos.

O medo fugiu do meu corpo. Eu me sinto estranhamente calma. Eu sou mais forte do que nunca. Há força em meus ossos, força em minha mente. E agora que as algemas estão soltas, meus poderes voltaram e um sentimento familiar está surgindo através de mim; É como estar junto de um velho amigo.

Eu encontro os olhos de Evie enquanto ela passa pela porta.

Ela já está apontando uma arma para mim. Não uma arma, algo que se parece com uma arma. Eu não sei o que há nela.

— O que você está fazendo aqui? — Ela diz, sua voz apenas um pouco histérica. — O que é que você fez?

Eu sacudo minha cabeça.

Eu não posso mais olhar para o rosto dela sem sentir raiva cega. Não consigo nem pensar no nome dela sem sentir uma necessidade violenta, potente e animalesca de matá-la com minhas próprias mãos. Evie Sommers é o pior tipo de ser humano. Uma traidora para a humanidade. Um sociopata não adulterado.

— *O que você fez?* — Ela diz novamente, dessa vez traindo seu medo. Seu pânico. A arma treme em seu punho. Seus olhos estão arregalados, enlouquecidos, correndo de mim para Emmaline, ainda presa no tanque atrás de mim.

E depois...

Eu vejo isso. Eu vejo o momento em que ela percebe que não estou usando minhas algemas.

Evie empalidece.

— Eu não fiz nada — eu digo suavemente. — Ainda não.

Sua arma cai, com um barulho, no chão.

Ao contrário de Paris, minha mãe não é burra. Ela sabe que não adianta tentar atirar em mim. Ela me *criou*. Ela sabe do que sou capaz. E ela sabe – eu posso ver nos olhos dela – ela sabe que estou prestes a matá-la, e ela sabe que não há nada que possa fazer para impedir isso.

Ainda assim, ela tenta.

— Ella — diz ela, sua voz instável. — Tudo o que fizemos… tudo o que fizemos… foi tentar ajudá-la. Nós estávamos tentando salvar o mundo. Você tem que entender.

Eu dou um passo à frente.

— Eu entendo.

— Eu só queria tornar o mundo um lugar melhor — diz ela. — Você não quer tornar o mundo um lugar melhor?

— Sim — eu digo. — Eu quero.

Ela quase sorri. Uma respiração pequena e quebrada escapa de seu corpo.

Alívio.

Eu dou dois passos rápidos e a acerto através do peito, costelas quebrando sob meus dedos. Seus olhos se arregalam e ela engasga, olhando para mim em um silêncio atordoado e paralisado. Ela tosse e respingos de sangue, quentes e grossos, atingem meu rosto. Eu me viro, cuspindo o sangue da minha boca, e quando olho para trás, ela está morta.

Com um último puxão, eu arranco seu coração de seu corpo.

Evie cai no chão com um baque pesado, os olhos frios e vítreos. Ainda estou segurando o coração de minha mãe, vendo-o morrer em minhas mãos, quando uma voz familiar me chama.

Obrigada Obrigada Obrigada

Warner

Percebo, ao deixar a cena do crime, que não tenho ideia de onde estou. Eu estou no meio do corredor fora do quarto dentro do qual eu acabei de assassinar meu pai, e tento descobrir meus próximos movimentos. Estou quase nu. Sem meias. Completamente descalço. Longe do ideal.

Ainda assim, preciso continuar me movendo.

Se apenas.

Eu não sou parado cinco metros antes de sentir o familiar aperto de uma agulha. Eu sinto isso, mesmo quando eu tento lutar contra isso – sinto quando uma substância estranha entra no meu corpo. É só uma questão de tempo antes de me puxar para baixo.

Minha visão nubla.

Eu tento vencer, tento permanecer de pé, mas meu corpo está fraco. Depois de duas semanas de quase fome, envenenamento constante e violenta exaustão, eu fiquei sem reservas. Os últimos resíduos da minha adrenalina me deixaram.

É isso.

Eu caio no chão e as lembranças me consomem.

Eu suspiro quando eu estou de volta à consciência, enchendo os pulmões de ar enquanto me sento também rápido, minha cabeça girando.

Há fios colados nas minhas têmporas, nos meus membros, as pontas de plástico apertando as dobras moles dos meus braços e pernas, puxando a pele do meu peito nu. Eu arranco-os, causando grande aflição para os monitores próximos. Eu puxo a agulha do meu braço e a jogo no chão, aplicando pressão na ferida por alguns segundos antes de decidir deixá-la sangrar. Eu fico de pé, girando para avaliar o que me rodeia, mas ainda sinto desequilíbrio.

Eu só posso imaginar quem deve ter atirado em mim com um

tranquilizante; Mesmo assim, não sinto urgência de entrar em pânico. Matar meu pai incutiu em mim uma extraordinária serenidade. É uma coisa perversa e horrível de comemorar, mas matar meu pai foi vencer meu maior medo. Com ele morto, tudo parece possível.

Me sinto livre.

Ainda assim, preciso me concentrar onde estou e no que está acontecendo. Eu preciso estar formando um plano de ataque, um plano de fuga, um plano para resgatar Ella. Mas minha mente está sendo puxada no que parece ser uma centena de direções diferentes.

As memórias estão ficando mais intensas a cada minuto.

Não sei quanto mais disso posso suportar. Eu não sei quanto tempo essa barragem vai durar ou quanto mais será descoberto, mas as revelações emocionais estão começando a me afetar.

Alguns meses atrás, eu sabia que amava Ella. Eu sabia que sentia por ela o que eu nunca senti antes por ninguém. Parecia novo, precioso e terno.

Importante.

Mas todo dia – a cada minuto – das últimas semanas eu tenho sido bombardeado por lembranças dela que eu nem sabia que tinha. Momentos com ela de anos atrás. O som de sua risada, o cheiro de seu cabelo, o olhar em seus olhos quando ela sorriu para mim pela primeira vez. A maneira como me senti ao segurar a mão dela quando tudo era novo e desconhecido...

Três anos atrás.

Como é possível que eu a tenha tocado assim há três anos? Como poderíamos saber então, sem saber o porquê, que poderíamos estar juntos? Que ela poderia me tocar sem me machucar? Como poderia algum desses momentos ter sido arrancado da minha mente?

Eu não tinha ideia de que tinha perdido tanto dela. Mas eu não fazia ideia de que havia muito a perder.

Uma dor profunda e dolorosa se enraizou dentro de mim, carregando com ela o peso de anos. Estar longe de Juliette – *Ella* – sempre foi difícil, mas agora parece insustentável.

Estou sendo lentamente dizimado pela emoção.

Eu preciso ver ela. Para abraçá-la. Para ligá-la a mim, de alguma forma. Eu não acredito em uma palavra que meu pai disse até eu vê-la e falar com ela pessoalmente.

Eu não posso desistir. Ainda não.

Para o inferno com o que aconteceu entre nós de volta na base. Esses eventos parecem que aconteceram há vidas atrás. Com pessoas diferentes. Uma vez que eu a encontre e a coloque em segurança, vou encontrar uma maneira de deixar as coisas certas entre nós. Parece que algo morto há muito tempo dentro de mim está sendo lentamente devolvido à vida – como se minhas esperanças e sonhos estivesse sendo ressuscitados, como se os buracos no meu coração estivessem sendo lentamente, cuidadosamente consertados. Eu vou encontrá-la. E quando eu fizer, vou encontrar uma maneira de seguir em frente com ela, ao meu lado, para sempre.

Eu respiro fundo.

E então eu fico de pé.

Eu me preparo, esperando a picada familiar das minhas costelas quebradas, mas a dor do meu lado se foi. Com cuidado, toco meu torso, as contusões desapareceram. Eu toco meu rosto e fico surpreso ao descobrir que minha pele está lisa e barbeada. Eu toco meu cabelo e descubro que ele foi devolvido ao comprimento original – exatamente como era antes de cortar tudo.

Estranho.

Ainda assim, me sinto mais como eu do que há muito tempo, e sou muito grato. A única coisa que me incomoda é que eu não estou vestindo nada além de um curativo, sob o qual estou completamente nu.

Estou farto de estar nu.

Eu quero minhas roupas. Eu quero um bom par de calças. Eu quero...

E então, como se alguém tivesse lido minha mente, notei um novo conjunto de roupas em uma mesa próxima. Roupas que parecem exatamente do meu tamanho.

Eu pego o suéter e o examino.

Estas são minhas roupas reais. Eu conheço essas peças. Reconheço-as. E se isso não bastasse, minhas iniciais – AWA – são monografadas no suéter. Isso não foi um acidente. Alguém trouxe minhas roupas aqui. Do meu próprio armário.

Eles estavam me esperando.

Eu me visto rapidamente, grato pela roupa limpa, independentemente das circunstâncias, e estou quase terminando de amarrar minhas botas quando alguém entra.

— Max — eu digo, sem levantar a cabeça. Cuidadosamente, eu pisei na

agulha que eu tinha jogado antes no chão. — Como você está?

Ele ri alto.

— Como você sabia que era eu?

— Eu reconheci o ritmo de seus passos.

Ele fica quieto.

— Não se preocupe em tentar negar — eu digo, escondendo a seringa na minha mão enquanto me sento. Eu encontro seus olhos e sorrio. — Eu tenho escutado o seu andar irregular e pesado nas últimas duas semanas.

Os olhos de Max se arregalam.

— Estou impressionado.

— E eu aprecio o barbear limpo — eu digo, tocando meu rosto.

Ele ri novamente, mais suavemente desta vez.

— Você estava bem perto de morrer quando eu te trouxe aqui. Imagine minha surpresa ao encontrá-lo quase nu, severamente desidratado, meio faminto, com deficiência de vitaminas. Você tinha três costelas quebradas. O sangue do seu pai está nas suas mãos.

— Três costelas quebradas? Eu pensei que fossem duas.

— Três costelas quebradas — diz Max, e balança a cabeça. — E ainda assim, você conseguiu cortar a artéria carótida de Paris. Bem feito.

Eu encontro seus olhos. Max acha isso engraçado.

E então eu entendo.

— Ele ainda está vivo, não é? — Eu digo.

Max sorri mais.

— Muito vivo, sim. Apesar de seus melhores esforços para matá-lo.

— Isso parece impossível.

— Você parece irritado — diz Max.

— Estou irritado. Ele ter sobrevivido é um insulto ao meu conjunto de habilidades.

Max luta contra outra risada.

— Eu não me lembro de você ser tão engraçado.

— Eu não estou tentando ser engraçado.

Mas Max não consegue tirar o sorriso do rosto.

— Então você não vai me dizer como ele sobreviveu? — Eu digo. — Você só vai me seduzir?

— Estou esperando pela minha esposa — diz ele.

— Compreendo. Ela ajuda você a pronunciar as palavras grandes?

As sobrancelhas de Max sobem na testa dele.

— Tenha cuidado, Aaron.

— Desculpe. Por favor, saia do meu caminho.

Eu o estudo, olhando atentamente para o seu rosto de uma forma que não me lembro de ter feito. Ele tem cabelos castanho-escuros, pele marrom clara e brilhantes olhos azul-esverdeados. Ele envelheceu bem. Em um dia diferente, eu poderia até descrever seu rosto como caloroso e amigável. Mas sabendo agora que ele é o pai de Ella – eu quase não acredito que não tenha percebido antes. Ela tem os olhos dele.

Eu ouço um segundo conjunto de passos se aproximando da porta. Espero ver Evie, a Sommers Suprema e, em vez disso...

— Max, quanto tempo você acha que vai demorar...

Meu pai. A voz dele.

Eu mal posso acreditar.

Ele para, apenas para na porta, quando ele vê meu rosto. Ele está segurando uma toalha ensanguentada na garganta.

— Seu *idiota* — ele diz para mim.

Eu não tenho chance de responder.

Um alarme agudo soa e Max fica subitamente rígido. Ele olha para um monitor na parede antes de olhar para o meu pai.

— Vá — diz Anderson. — Eu posso lidar com ele.

Max olha para mim apenas uma vez antes de desaparecer.

— Então — eu digo, acenando para o rosto do meu pai, sua ferida se curando. — Você vai explicar?

Ele apenas olha para mim.

Eu observo, silenciosamente, enquanto ele usa a mão livre para tirar um lenço do bolso. Ele limpa o sangue restante dos lábios, redobra o lenço e o coloca de volta no bolso.

Algo entre nós mudou.

Eu posso sentir isso. Posso sentir a mudança em sua atitude em relação a mim. Demora um minuto para juntar as várias pistas emocionais o tempo suficiente para entender, mas quando finalmente me atinge, me atinge com força.

Respeito.

Pela primeira vez na minha vida, meu pai está olhando para mim com algo como respeito. Tentei matá-lo e, em vez de ficar com raiva de mim, ele

parece satisfeito. Talvez até impressionado.

— Você fez um bom trabalho lá atrás — diz ele em voz baixa. — Foi um lance forte. Sólido.

É estranho aceitar o elogio dele, então eu não sei.

Meu pai suspira.

— Parte da razão pela qual eu queria a custódia daquelas gêmeas curandeiras — ele diz finalmente. — Era porque eu queria que Evie as estudasse. Eu queria que ela replicasse o DNA delas e traçasse no meu próprio. Os poderes de cura, percebi, foram extremamente úteis.

Um frio agudo sobe na minha espinha.

— Mas eu não as mantive sob controle durante o tempo que quisesse — diz ele. — Só consegui extrair algumas amostras de sangue. Evie fez o melhor que pôde com o tempo que tivemos.

Eu pisco. Tento controlar a expressão no meu rosto.

— Então você tem poderes de cura agora?

— Ainda estamos trabalhando nisso — diz ele, com a mandíbula apertada. — Ainda não é perfeito. Mas foi o suficiente para que eu fosse capaz de sobreviver às feridas na cabeça apenas o tempo suficiente para ser enviado para a segurança. — Ele sorri com um sorriso amargo. — Meus pés, por outro lado, não conseguiram.

— Que infeliz — eu minto.

Eu testo o peso da seringa na minha mão. Eu me pergunto quanto dano isso poderia causar. Não é substancial o suficiente para fazer muito mais do que aturdir, mas um ataque cuidadosamente em ângulo pode resultar em dor temporária nos nervos que me daria uma quantidade considerável de tempo. Mas então, pode ser uma única e precisa pontada no olho.

— Operação Síntese — meu pai diz bruscamente.

Eu olho para cima. Surpreso.

— Você está pronto, Aaron. — Seu olhar é firme. — Você está pronto para um desafio real. Você tem o fogo necessário. A unidade. Estou vendo isso nos seus olhos pela primeira vez.

Estou com muito medo de falar.

Finalmente, depois de todos esses anos, meu pai está me dando elogios. Ele está me dizendo que sou capaz. Quando criança, era tudo que eu sempre quis.

Mas eu não sou mais uma criança.

— Você viu Emmaline — diz meu pai. — Mas você não a viu recentemente. Você não sabe em que estado ela está.

Eu espero.

— Ela está morrendo — diz ele. — O corpo dela não é forte o suficiente para sobreviver à mente ou ao ambiente dela, e apesar dos esforços de Max e Evie, eles não sabem se há mais alguma coisa que podem fazer para ajudá-la. Eles trabalham há anos para prolongar sua vida o máximo possível, mas chegaram ao fim da linha. Não há mais nada a fazer. Ela está se deteriorando a um ritmo que eles não podem mais controlar.

Ainda assim, eu não digo nada.

— Você entende? — Meu pai diz para mim. — Você entende a importância do que estou dizendo para você? Emmaline não é apenas uma psicocinética, mas uma telepata — diz ele. — Enquanto seu corpo se deteriora, sua mente fica mais selvagem. Ela é muito forte. Muito explosiva. E ultimamente, sem um corpo suficientemente forte para contê-la, ela se torna volátil. Se ela não tiver um n...

— Não se atreva — uma voz grita alto no quarto. — Não se atreva a dizer outra palavra. Seu *tolo cabeça dura*.

Eu giro ao redor, surpresa pegando na minha garganta.

Comandante Supremo Ibrahim. Ele parece mais alto do que eu me lembro dele. Pele escura, cabelos escuros. Bravo.

— Tudo bem — meu pai diz, sem se incomodar. — Evie cuidou de...

— Evie está morta — diz Ibrahim com raiva. — Precisamos iniciar a transferência imediatamente.

— O quê? — Meu pai fica pálido. Eu nunca o vi pálido. Eu nunca o vi aterrorizado. — O que você quer dizer com ela está morta?

Os olhos de Ibrahim brilham.

— Quero dizer que temos um problema sério. — Ele olha para mim. — Esse menino precisa ser colocado de volta em isolamento. Não podemos confiar em nenhum deles agora. Não sabemos o que ela poderia ter feito.

E quando estou tentando decidir meu próximo movimento, ouço um sussurro no meu ouvido.

— Não grite — diz ela.

Nazeera.

~~Juliette~~ Ella

Estou correndo pela minha vida, descendo corredores e subindo escadas. Um alarme baixo e insistente disparou, seu som alto e penetrante enviando choques de medo através de mim, mesmo quando meus pés batem no chão. Sinto-me forte, estável, mas estou cada vez mais ciente da minha incapacidade de navegar por esses caminhos sinuosos. Eu podia ver – podia sentir – que Emmaline ficava mais fraca à medida que eu saía, e agora, quanto mais eu fico longe dela, mais fraca fica nossa conexão. Ela me mostrou, em suas memórias, como Max e Evie lentamente a tiraram do controle; Emmaline é mais poderosa que qualquer um poderia ser, mas agora ela só pode usar seus poderes sob comando. Foi preciso toda a sua força para passar pelas falhas dos cofres por tempo suficiente para usar sua força à vontade, e agora que sua voz se afastou da minha mente, sei que ela não voltará. Não tão cedo. Eu tenho que descobrir o meu próprio caminho daqui.

Eu vou.

Meu poder está de volta. Eu posso passar por qualquer coisa daqui. Eu tenho que passar. E quando ouço alguém gritar eu giro ao redor, pronta para lutar...

Mas o rosto à distância é tão familiar que paro, atordoada, no meu caminho.

Kenji corre para mim.

Kenji.

Kenji está me abraçando. Kenji está me abraçando e não está ferido.

Ele está perfeito.

E quando começo a devolver o abraço ele xinga violentamente e se lança para trás.

— Jesus, mulher… Você está tentando me matar? Você não pode desligar essa merda por um segundo? Você tem que arruinar nossa reunião dramática quase me matando mesmo depois de eu ter me dado ao trabalho de...

Eu me lanço em seus braços novamente e ele endurece, relaxando apenas quando ele percebe que eu puxei meu poder de volta. Esqueci, por um segundo, quanto da minha pele estava exposta nesse vestido.

— Kenji — eu respiro. — Você está vivo. Você está bem. Ah meu Deus.

— Ei — diz ele. — *Ei* — ele puxa para trás, olha-me nos olhos. — Estou bem. Você está bem?

Eu realmente não sei como responder a pergunta. Por fim, digo: — Não tenho certeza.

Ele estuda meu rosto por um segundo. Ele parece preocupado.

E então, com o nó de medo crescendo apenas mais doloroso na garganta, eu faço a pergunta que mais está me matando: — Onde está Warner?

Kenji balança a cabeça.

Me sinto começar a desvencilhar.

— Eu não sei ainda — Kenji diz baixinho. — Mas vamos encontrá-lo, ok? Não se preocupe.

Eu concordo. Meu lábio inferior treme e eu o mordo, mas o tremor não para. Ele cresce, se multiplica, evolui para um tremor que me sacode da haste para o esterno.

— Ei — diz Kenji.

Eu olho para cima.

— Você quer me dizer de onde veio todo o sangue?

Eu pisco.

— Que sangue?

Ele levanta as sobrancelhas para mim.

— O *sangue* — diz ele, gesticulando genericamente para o meu corpo. — No seu rosto. Seu vestido. Em todas as suas mãos.

— Ah — eu digo, assustada. Eu olho para minhas mãos como se as visse pela primeira vez. — O sangue.

Kenji suspira, aperta algo por cima do meu ombro. Ele tira um par de luvas do bolso de trás e coloca-as.

— Tudo bem, princesa, ligue seu poder novamente. Nós temos que ir.

Nós nos separamos. Kenji puxa sua invisibilidade sobre nós dois.

— Siga-me — diz ele, pegando minha mão.

— Onde estamos indo? — Eu digo.

— O que você quer dizer, com *para onde estamos indo?* Estamos dando o fora desse inferno.

— Mas... E quanto Warner?

— Nazeera está procurando por ele enquanto falamos.

Eu paro tão de repente que quase tropeço.

— Nazeera está aqui?

— Uh, sim… Então… É uma história muito longa? Mas a resposta curta é sim.

— Então é assim que você entrou aqui — eu digo, começando a entender. — Nazeera.

Kenji faz um som de descrença.

— Uau, logo de cara você não me dá crédito, né? Vamos lá, J, você sabe que eu amo uma boa missão de resgate. Eu sei algumas coisas. Eu também consigo descobrir as coisas.

Pela primeira vez em semanas sinto um sorriso nos meus lábios. Um riso constrói e quebra dentro do meu corpo. Eu senti muita falta disso. Eu senti muita falta dos meus amigos. Emoção jorra na minha garganta, me surpreendendo.

— Eu senti sua falta, Kenji — eu digo. — Estou muito feliz por você estar aqui.

— Ei — Kenji diz bruscamente. — Não se atreva a começar a chorar. Se você começar a chorar, vou começar a chorar e não temos tempo para chorar agora. Nós temos muita merda para fazer, ok? Podemos chorar mais tarde, em um momento mais conveniente. Ok?

Quando não digo nada, ele aperta minha mão.

— Ok? — Ele diz novamente.

— Ok — eu digo.

Eu o ouço suspirar.

— Droga — diz ele. — Eles realmente mexeram com você aqui, não é?

— Sim.

— Eu sinto muito — diz ele.

— Podemos chorar mais tarde? Eu vou te contar tudo.

— Inferno. Claro que sim, podemos chorar mais tarde. — Kenji puxa gentilmente minha mão para nos mover novamente. — Eu tenho tanta coisa para chorar, J. Tanta. Devemos fazer uma lista.

— Boa ideia — eu digo, mas meu coração está na minha garganta novamente.

— Ei, não se preocupe — Kenji diz, lendo meus pensamentos. — Sério.

Nós vamos encontrar Warner. Nazeera sabe o que está fazendo.

— Mas eu não acho que posso esperar enquanto Nazeera procura por ele. Eu não posso ficar por perto… eu preciso fazer alguma coisa. Eu preciso procurar por ele mesmo...

— Hum-hum. De jeito nenhum. Nazeera e eu nos separamos de propósito. *Minha* missão é te colocar no avião. A missão *dela* é conseguir colocar Warner no avião. É assim que a matemática funciona.

— Espere... Vocês têm um avião?

— Como você acha que nós chegamos aqui?

— Eu não faço ideia.

— Bem, essa é outra longa história, e eu a preencherei mais tarde, mas os destaques são que Nazeera é muito confusa, mas útil, e de acordo com seus cálculos, precisamos dar o fora daqui ontem. Estamos ficando sem tempo.

— Mas espere, Kenji… O que aconteceu com todo mundo? A última vez que te vi, você estava sangrando. Brendan foi baleado. Castle estava desmaiado. Eu pensei que todos estavam mortos.

Kenji não me responde no começo.

— Você realmente não tem idéia do que aconteceu, hein? — Ele diz finalmente.

— Eu só sei que eu não matei todas aquelas pessoas no simpósio.

— Ah sim? — Ele parece surpreso. — Quem te contou?

— Emmaline.

— Sua *irmã?*

— Sim — eu digo, suspirando pesadamente. — Tenho muito para contar a você. Mas primeiro... Por favor, me diga que todos ainda estão vivos.

Kenji hesita.

— Eu quero dizer, eu imagino que sim? Honestamente, eu não sei. Nazeera diz que eles estão vivos. Ela está prometendo sair em segurança, então eu ainda estou prendendo a respiração. Mas pegue isso. — Ele para de andar, coloca uma mão invisível no meu ombro. — Você nunca vai acreditar nisso.

— Deixe-me adivinhar — eu digo. — Anderson está vivo.

Eu ouço a respiração ofegante de Kenji.

— Como você sabia?

— Evie me disse.

— Então você sabe sobre como ele voltou ao Setor 45?

— O que? — eu digo. — Não.

— Bem, o que eu estava prestes a te dizer, agora, foi que o Anderson voltou à base. Ele voltou a ocupar o cargo de comandante supremo da América do Norte. Ele estava lá antes de sairmos. Nazeera me contou que inventou toda essa história sobre como ele estava doente e como nossa equipe espalhou rumores falsos enquanto ele estava se recuperando – e que você foi executada por sua decepção.

— O quê? — Eu digo, atordoada. — Isso é insano.

— É isso que estou dizendo.

— Então, o que faremos quando voltarmos ao Setor 45? — Digo. — Onde vamos? Onde ficaremos?

— Merda, se eu soubesse — diz Kenji. — Agora, só espero que possamos sair daqui vivos.

Finalmente, chegamos à saída. Kenji tem um cartão de segurança que lhe dá acesso à porta e abre facilmente.

De lá, é quase simples demais. Nossa invisibilidade nos mantém indetectáveis. E quando estamos no avião, Kenji verifica seu relógio.

— Temos apenas trinta minutos, só para você saber. Essa era a regra. Trinta minutos e se a Nazeera não aparecer com Warner, temos que ir.

Meu coração cai no meu estômago.

Warner

Não tenho tempo para registrar meu choque, ou perguntar a Nazeera quando na terra ela ia me dizer que tinha o poder de se tornar invisível, então eu faço a única coisa que posso, no momento.

Eu aceno, o movimento quase imperceptível.

— Kenji está levando Ella para um avião. Eu vou esperar por você do lado de fora desta porta — diz ela. — Você acha que pode fazer isso? Se você ficar invisível na frente de todos, eles estarão em você, e seria melhor se eles achassem que você está apenas tentando fugir.

Mais uma vez, aceno.

— Tudo bem então. Eu vou te encontrar lá fora.

Espero um ou dois segundos e depois vou para a porta.

— Ei — Ibrahim grita.

Hesito, me virando levemente no meu calcanhar.

— Sim?

— Onde você pensa que vai? — Ele diz. Ele puxa uma arma do interior de sua jaqueta e aponta para mim.

— Eu tenho que usar o banheiro.

Ibrahim não ri.

— Você vai esperar aqui até Max voltar. E então decidimos o que vamos fazer com você..

Inclino minha cabeça para ele. A arma que ele está apontando para mim parece suspeitamente com uma das armas que eu roubei do meu pai mais cedo.

Não que isso importe.

Eu respiro rapidamente.

— Receio que não seja assim que isso vai funcionar — digo tentando sorrir. — No entanto, tenho certeza de que todos nós nos veremos em breve, então não me preocupo em você sentir muita falta de mim.

E então, antes que alguém tenha a chance de protestar, corro para a porta, mas não antes de Ibrahim disparar sua arma.

Três vezes.

De perto.

Eu luto contra a vontade de chorar quando uma das balas dispara através da minha panturrilha, mesmo quando a dor quase me tira o fôlego.

Quando estou do outro lado da porta, Nazeera puxa sua invisibilidade por cima de mim. Eu não vou longe antes de respirar fundo, caindo contra a parede.

— *Merda* — diz ela. — Você levou um tiro?

— Obviamente — eu mordo tentando manter a minha respiração regular.

— Droga, Warner, o que diabos tem de errado com você? Nós temos que voltar para o avião nos próximos quinze minutos, ou eles vão sair sem nós.

— O que? Por que...

— Porque eu disse a eles para fazer isso. Temos que tirar Ella daqui, não importa o que aconteça. Eu não posso tê-los esperando por nós e arriscar ser morta no processo.

— Sua simpatia é verdadeiramente reconfortante. Obrigado.

Ela suspira.

— Onde você levou um tiro?

— Na minha perna.

— Você pode andar?

— Eu deveria poder em apenas um minuto.

Eu a ouço hesitar.

— O que isso significa?

— Se eu conseguir viver o suficiente, talvez eu te conte.

Ela está sem graça.

— Você pode realmente começar a correr em apenas um minuto?

— Ah, agora é correr? Um momento atrás você estava perguntando se eu poderia andar.

— Correr seria melhor.

Eu ofereço uma risada amarga. É difícil a essa distância, mas eu estou aproveitando a nova habilidade do meu pai, aproveitando-o da melhor maneira possível de onde estou. Sinto a ferida cicatrizando, regenerando lentamente nervos e veias e até um pouco de osso, mas está demorando mais do que eu gostaria.

— Quanto tempo é o voo de volta? — Eu digo. — Eu não me lembro.

— Nós temos o jato, então deve levar apenas oito horas.

Eu aceno, mesmo que ela não possa me ver.

— Eu não acho que posso sobreviver oito horas com uma ferida aberta.

— Bem, é uma coisa boa que eu não dou a mínima. Eu estou te dando mais dois minutos antes de eu tirar você daqui.

Eu grunho em resposta, concentrando toda a minha energia na elaboração dos poderes de cura em meu corpo. Eu nunca tentei fazer algo assim enquanto estava ferido, e eu não percebi o quão exigente era, tanto emocional quanto fisicamente. Eu me sinto drenado. Minha cabeça está latejando, meu queixo doendo da pressão intensa que eu usei para morder a dor, e minha perna parece estar em chamas. Não há nada de agradável no processo de cura. Eu tenho que imaginar que meu pai está em movimento… provavelmente procurando por mim com Ibrahim… porque aproveitar seu poder é mais difícil do que qualquer um dos outros que eu tentei fazer.

— Estamos saindo em trinta segundos — diz Nazeera, um aviso em sua voz.

Eu cerro meus dentes.

— Quinze.

— Merda.

— Você acabou de xingar? — Nazeera diz, atordoada.

— Estou com uma quantidade extraordinária de dor.

— Tudo bem, é isso, estamos sem tempo.

E antes que eu consiga falar alguma coisa, ela me pega do chão.

E nós estamos no ar.

Juliette Ella

Kenji e eu estamos nos encarando em um nervoso silêncio pelo último minuto. Passei os primeiros dez minutos contando a ele um pouco sobre Emmaline, que era sua própria distração estressante, e então Kenji me ajudou a lavar o sangue das minhas mãos e rosto com os poucos suprimentos que temos a bordo. Agora estamos olhando para o silêncio, nosso terror combinado enchendo o avião.

É um bom avião, eu acho. Não tenho certeza. Eu não tive a presença de espírito para olhar em volta. Ou para perguntar a ele quem, exatamente, entre nós, sabe como pilotar um avião. Mas nada disso importará, é claro, se Nazeera e Warner não voltarem em breve.

Não importará, porque eu não vou sair sem ele.

E meus pensamentos devem ser fáceis de ler, porque de repente Kenji franze a testa.

— Ouça — ele diz. — Estou tão preocupado com eles quanto você. Eu não quero deixar a Nazeera para trás e eu com certeza não quero imaginar nada de ruim acontecendo com ela enquanto ela está lá fora, mas nós temos que tirar você daqui.

— Kenji...

— Nós não temos escolha, J — ele diz, me interrompendo. — Temos que tirar você daqui, gostando ou não. O Restabelecimento está aprontando alguma coisa obscura, e você está bem no centro disso. Nós temos que mantê-la segura. Agora, manter você a salvo é minha missão inteira.

Eu deixo meu rosto cair em minhas mãos e então, rapidamente, olho para cima novamente.

— Isso é tudo culpa minha, sabe? Eu poderia ter evitado isso.

— Do que você está falando?

Eu o olho diretamente nos olhos.

— Eu deveria ter feito mais pesquisas sobre o Restabelecimento. Eu

deveria ter lido sua história – minha história dentro dela. Eu deveria ter aprendido mais sobre os comandantes supremos. Eu deveria estar melhor preparada. Inferno, eu deveria ter exigido que procurássemos na água pelo cadáver de Anderson em vez de apenas *assumir* que ele afundou com o navio. — Eu balancei minha cabeça com força. — Eu não estava pronta para ser a comandante suprema, Kenji. Você sabia disso; Castle sabia disso. Eu coloquei a vida de todos em perigo.

— Ei — ele diz bruscamente. — Eu nunca disse que você não estava...

— Somente Warner tentou me convencer de que eu era boa o suficiente, mas acho que nunca acreditei nisso.

— J, me escute. Eu nunca disse que você não estava...

— E agora ele se foi. Warner se foi. Todos da Ponto Ômega podem estar mortos. Tudo o que construímos… Tudo em que trabalhamos... — Me sinto quebrar, abrir por dentro. — Eu não posso perdê-lo, Kenji. — Minha voz está tremendo. Minhas mãos estão tremendo. — Eu não posso… você não sabe...você não...

Kenji olha para mim com uma dor real em seus olhos.

— Pare com isso, J. Você está partindo meu coração. Eu não posso ouvir isso.

E percebo, quando engulo o nó na garganta, o quanto eu precisava ter essa conversa. Esses sentimentos foram construindo dentro de mim por semanas, e eu precisava desesperadamente de alguém para conversar.

Eu precisava do meu amigo.

— Eu pensei que tinha passado por algumas coisas difíceis — eu digo, meus olhos agora se enchendo de lágrimas. — Eu pensei que tinha vivido minha parte de experiências terríveis. Mas isso… eu sinceramente acho que esses foram os piores dias da minha vida.

Os olhos de Kenji são profundos. Sérios.

— Você quer me contar sobre isso?

Eu balanço minha cabeça, limpando furiosamente as minhas bochechas.

— Eu não acho que vou poder falar sobre nada até saber que Warner está bem.

— Eu sinto muito, J. Eu realmente sinto.

Eu fungo, forte.

— Você sabe que meu nome é Ella, certo?

— Certo — ele diz, suas sobrancelhas se juntando. — Sim. Ella. Isso é

selvagem.

— Eu gosto — eu digo. — Eu gosto mais do que Juliette.

— Eu não sei. Eu acho que os dois nomes são legais.

— Sim — eu digo, me afastando. — Mas *Juliette* era o nome que Anderson escolheu para mim.

— E *Ella* é o nome com o qual você nasceu — Kenji diz, me atirando um olhar. — Entendi.

— Sim.

— Ouça — diz ele com um suspiro. — Eu sei que isso tem sido um par de semanas difíceis para você. Eu ouvi sobre a coisa da memória. Eu ouvi sobre muitas coisas. E eu não posso fingir que tenho ideia do que você deve estar passando agora. Mas você não pode se culpar por nada disso. Não é sua culpa. Nada disso é culpa sua. Você foi um peão no centro dessa conspiração a vida inteira. O último mês não ia mudar isso, ok? Você tem que ser mais gentil com você mesma. Você já passou por tanta coisa.

Eu ofereço um sorriso fraco para Kenji.

— Eu vou tentar — eu digo baixinho.

— Sentindo-se melhor agora?

— Não. E pensar em sair daqui sem Warner... sem saber se ele vai entrar nesse avião... está me matando, Kenji. Está criando um buraco através do meu corpo.

Kenji suspira, desvia o olhar.

— Eu entendo — diz ele. — Eu entendo. Você está preocupada por não ter a chance de acertar as coisas com ele.

Eu concordo.

— Merda.

— Eu não vou fazer isso. Eu não posso fazer isso, Kenji.

— Eu entendo você, garota, eu juro. Mas não podemos nos dar ao luxo de fazer isso. Se eles não voltarem daqui a cinco minutos, temos que ir.

— Então você vai ter que sair sem mim.

— De jeito nenhum, não é uma opção — diz ele, ficando de pé. — Eu não quero fazer isso mais do que você, mas eu conheço a Nazeera bem o suficiente para saber que ela pode lidar com isso lá fora, e se ela ainda não voltou, é provavelmente porque ela está esperando por um momento mais seguro. Ela vai encontrar o caminho dela. E você tem que confiar que ela trará Warner de volta com ela. Ok?

— Não.

— Vamos lá...

— Kenji, pare. — Eu fico de pé também, raiva e desgosto colidindo.

— Não faça isso — diz ele, balançando a cabeça. — Não me force a fazer algo que eu não quero fazer. Porque se for preciso, vou te derrubar no chão, J, eu juro...

— Você não faria isso — eu digo baixinho. A luta deixa meu corpo. Eu me sinto subitamente exausta, exausta pela mágoa. — Eu sei que você não faria. Você não me obrigaria a deixá-lo para trás.

— Ella?

Eu me viro, um raio de sentimento me deixando sem fôlego. Apenas o som de sua voz tem meu coração acelerado de uma maneira que parece perigosa. A mudança brusca do medo para a alegria tem minha cabeça latejando, delirante de sentimento. Eu estive tão preocupada, todo esse tempo, e saber agora...

Ele está ileso.

Seu rosto, sem marca. Seu corpo intacto. Ele é perfeito e lindo e ele está *aqui*. Eu não sei como, mas ele está aqui.

Eu bato minhas mãos na minha boca.

Eu estou balançando a cabeça e procurando desesperadamente pelas palavras certas, mas acho que não posso falar. Eu só posso olhar para ele enquanto ele avança, seus olhos brilhando e queimando.

Ele me puxa em seus braços.

Soluços quebram meu corpo, o culminar de mil medos e preocupações que eu não me permiti processar. Eu pressiono meu rosto em seu pescoço e tento, mas não consigo me recompor.

— Eu sinto muito — eu digo, ofegando as palavras, lágrimas escorrendo rápido pelo meu rosto. — Aaron, sinto muito. Me desculpe.

Eu o sinto endurecer.

Ele se afasta, olhando para mim com olhos estranhos e assustados.

— Por que você diz isso? — Ele olha em volta freneticamente, olhando para Kenji, que apenas balança a cabeça. — O que aconteceu, amor? — Ele empurra o cabelo para fora dos meus olhos, leva meu rosto em suas mãos. — Pelo o que você está se desculpando?

Nazeera passa por nós.

Ela acena para mim, apenas uma vez, antes de ir para a cabine de piloto.

Momentos depois ouço o rugido do motor, os sons elétricos dos equipamentos entrando em operação.

Eu ouço sua voz nos alto-falantes acima, seus comandos nítidos e certos enchendo o avião. Ela nos diz para nos sentarmos e nos prendermos e eu encaro Warner apenas mais uma vez, prometendo a mim mesma que teremos uma chance de conversar.

Prometo a mim mesma que vou fazer isso direito.

Quando decolamos, ele está segurando minha mão.

Nós temos decolado mais alto por vários minutos agora, e Kenji e Nazeera foram generosos o suficiente para nos dar alguma ilusão de privacidade. Ambos me lançaram olhares de encorajamento separados mas semelhantes, pouco antes de entrarem na cabine de piloto. Finalmente, parece seguro continuar falando.

Mas emoção é como um soco no meu peito, duro e pesado.

Há muito a dizer. Muito a discutir. Eu quase nem sei por onde começar. Eu não sei o que aconteceu com ele, o que ele aprendeu ou o que ele lembra. Eu não sei mais se ele está sentindo as mesmas coisas que eu estou sentindo. E todas as incógnitas estão começando a me assustar.

— O que há de errado? — Ele diz.

Ele se virou em seu assento para me encarar. Ele estende a mão, toca meu rosto e a sensação de sua pele contra a minha é avassaladora – tão poderosa que me deixa sem fôlego. Sentimento dispara na minha espinha, centelhando meus nervos.

— Você está com medo, amor. Por que você está com medo?

— Você se lembra de mim? — Eu sussurro. Eu tenho que me forçar a permanecer firme, para lutar contra as lágrimas que se recusam a morrer. — Você se lembra de mim do jeito que eu lembro de você?

Algo muda em sua expressão. Seus olhos mudam, se juntam de dor. Ele concorda.

— Porque eu lembro de você — eu digo, minha voz quebrando na última palavra. — Eu me lembro de você, Aaron. Me lembro de tudo. E você tem que saber... Você tem que saber o quanto eu sinto muito. Pelo jeito que deixei as coisas entre nós. — Estou chorando de novo. — Sinto muito por tudo que eu disse. Por tudo o que eu te fiz...

— Querida — diz ele suavemente, a questão em seus olhos, resolvendo

em uma medida de compreensão. — Nada disso importa mais. Essa luta parece que aconteceu em outra vida. Com pessoas diferentes.

Eu enxugo minhas lágrimas.

— Eu sei — eu digo. — Mas estar aqui... Tudo isso... eu pensei que talvez nunca mais o visse. E me *matou* lembrar como eu deixei as coisas entre nós.

Quando eu olho para cima novamente, Warner está olhando para mim, seus próprios olhos brilhando. Eu assisto o movimento em sua garganta enquanto ele engole com força.

— Me perdoa — eu sussurro. — Eu sei que tudo parece estúpido agora, mas eu não quero levar mais nada como concedido. Me perdoa por te machucar. Me perdoa por não confiar em você. Eu descontei minha dor em você e sinto muito. Eu fui egoísta e machuquei você, e eu sinto muito.

Ele fica em silêncio por tanto tempo que eu quase não aguento.

Quando ele finalmente fala, sua voz é rouca de emoção.

— Amor — diz ele. — Não há nada a perdoar.

Warner

Ella está dormindo em meus braços.

Ella.

Eu nem consigo mais pensar nela como *Juliette*.

Estamos no ar há uma hora, e Ella chorou até as lágrimas correrem secas, chorou por tanto tempo que pensei que poderia me matar. Eu não sabia o que dizer. Eu estava tão atordoado que não sabia como acalmá-la. E somente quando o esgotamento superou as lágrimas que ela finalmente ficou imóvel, desmoronando totalmente e completamente em meus braços. Eu a tenho segurado contra o meu peito por pelo menos meia hora, maravilhado com o que faz comigo ficar tão perto dela. De vez em quando, parece um sonho. Seu rosto está pressionado contra o meu pescoço. Ela está se agarrando a mim como se nunca pudesse me soltar e faz algo comigo, algo inebriante, saber que ela poderia me querer – ou precisar de mim – assim. Isso me faz querer protegê-la, mesmo que ela não precise de proteção. Isso me faz querer levá-la embora. Perder a noção do tempo.

Suavemente, acaricio seus cabelos. Pressiono meus lábios na testa dela.

Ela se mexe, mas apenas ligeiramente.

Eu não estava esperando por isso.

De todas as coisas que eu pensei que poderiam acontecer quando eu finalmente a visse, eu nunca poderia ter sonhado com um cenário como esse.

Ninguém pediu desculpas a mim antes. Não assim.

Eu tive homens caindo de joelhos diante de mim, me implorando para poupar suas vidas – mas eu não me lembro de uma única vez na minha vida quando alguém me pediu desculpas por ferir meus sentimentos. Ninguém nunca se importou com meus sentimentos tempo suficiente para pedir desculpas por machucá-los. Na minha experiência, geralmente sou o monstro. Eu sou o único esperado para fazer as pazes.

E agora...

Estou atordoado. Atordoado pela experiência, por quão estranho parece. Todo esse tempo, eu estava me preparando para reconquistá-la. Para tentar convencê-la, de alguma forma, a ver além dos meus demônios. E até esse exato momento, eu não acho que fiquei realmente convencido de que alguém me veria como humano o suficiente para perdoar meus pecados. Para me dar uma segunda chance.

Mas agora ela sabe tudo.

Cada canto escuro da minha vida. Toda coisa horrível que eu já tentei esconder. Ela sabe e ela ainda me ama.

Deus. Eu corro uma mão cansada pelo meu rosto. Ela me pediu para perdoá-la. Eu quase não sei o que fazer comigo mesmo. Eu sinto alegria e terror. Meu coração está pesado com algo que eu nem sei descrever.

Gratidão, talvez.

A dor no meu peito ficou mais forte, mais dolorosa. Estar perto dela é, de alguma forma, tanto um alívio quanto um novo tipo de agonia. Há muito à nossa frente, tanto que nós ainda precisamos encarar juntos, mas agora eu não quero pensar em nada disso. Agora eu só quero aproveitar a proximidade dela. Eu quero assistir os movimentos gentis de sua respiração. Eu quero inalar o perfume suave de seu cabelo e me inclinar para o calor firme de seu corpo.

Cuidadosamente, eu toco meus dedos na bochecha dela.

Seu rosto é suave, livre de dor e tensão. Ela parece tranquila. Ela é *linda*.

Meu amor.

Meu lindo amor.

Seus olhos se abrem e eu me preocupo, por um momento, que eu devo ter falado alto. Mas então ela olha para mim, seus olhos ainda suaves com o sono, e eu trago minha mão para seu rosto, desta vez arrastando meus dedos levemente ao longo de sua mandíbula. Ela fecha os olhos novamente. Sorri.

— Eu te amo — ela sussurra.

Um choque de sensação aumenta dentro de mim, torna difícil para eu respirar. Eu só posso olhar para ela, estudando seu rosto, as linhas e ângulos que eu sempre conheci.

Lentamente, ela se senta.

Ela se inclina para trás, esticando seus músculos doloridos e rígidos. Quando ela me pega olhando para ela, ela me oferece um sorriso tímido.

Ela se inclina, pega meu rosto em suas mãos.

— Oi — diz ela, suas palavras suaves, suas mãos gentis quando ela inclina meu queixo para baixo, em direção a sua boca. Ela me beija uma vez, seus lábios cheios e doces. É um beijo carinhoso, mas o sentimento me atinge com uma necessidade aguda e desesperada. — Eu senti tanto a sua falta — diz ela. — Eu ainda não consigo acreditar que você está aqui. — Ela me beija de novo, dessa vez mais profundo, mais faminta, e meu coração bate tão rápido que ruge em meus ouvidos. Eu mal posso ouvir mais nada. Eu não consigo falar.

Eu me sinto atordoado.

Quando nos separamos, os olhos dela estão preocupados.

— Aaron — diz ela. — Está tudo bem?

E percebo então, em um momento que me apavora, que eu quero isso para sempre. Eu quero passar o resto da minha vida com ela. Eu quero construir um futuro com ela. Eu quero envelhecer com ela.

Eu quero casar com ela.

— Aaron? — Eu digo de novo, desta vez suavemente. — Você está bem?

Ele pisca, assustado.

— Sim — diz ele, respirando com força. — Sim. Sim, estou perfeito.

Eu mostro um pequeno sorriso.

— Fico feliz que você finalmente concorda comigo.

Ele franze a testa, confuso, e então, quando a realização atinge...

Ele *cora*.

E pela primeira vez em semanas, um sorriso genuíno se espalha pelo meu rosto. Isso é bom. Humano.

Mas Aaron balança a cabeça, claramente mortificado. Ele não pode encontrar meus olhos. Sua voz é cuidadosa, quieta quando ele diz: — Isso não é nada do que eu quis dizer.

— Ei — eu digo, meu sorriso desaparecendo. Eu pego suas mãos nas minhas, aperto. — Olhe para mim.

Ele olha.

E eu esqueço o que eu ia dizer.

Ele tem esse tipo de rosto. O tipo de rosto que faz você esquecer onde você está, quem você é, o que você poderia estar prestes a fazer ou dizer. Eu senti tanto a falta dele. Falta dos olhos dele. Faz apenas algumas semanas, mas parece uma eternidade desde a última vez que o vi, uma vida cheia de revelações horríveis que ameaçaram nos derrubar. Eu não posso acreditar que ele está aqui, que nos encontramos e fizemos as coisas direito.

Não é pouca coisa.

Mesmo com todo o – com todos os outros horrores que ainda temos que enfrentar – estar aqui com ele parece uma grande vitória. Tudo parece novo. Minha mente parece nova, minhas memórias, novas. Até o rosto de Aaron é novo, à sua maneira. Ele parece um pouco diferente para mim agora.

Familiar.

Como se ele sempre esteve aqui. Sempre vivido no meu coração.

O cabelo dele, grosso, dourado e lindo, é como eu me lembro – Evie também deve ter feito algo para o cabelo dele, de alguma forma. E mesmo que ele pareça mais exausto do que eu gostaria, seu rosto ainda é marcante. Linhas bonitas e nítidas. Olhos verdes penetrantes tão leves e brilhantes que são quase dolorosos de se olhar. Tudo sobre ele é finamente trabalhado. O nariz dele. Seu queixo. Suas orelhas e sobrancelhas. Ele tem uma boca linda.

Eu demoro muito tempo lá, meus olhos traindo minha mente, e Aaron sorri. *Aaron.* Chamá-lo de Warner não parece mais certo.

— O que você esta fazendo, amor?

— Apenas apreciando a vista — eu digo, ainda olhando para sua boca. Eu alcanço, toco dois dedos em seu lábio inferior. Memórias se inundam através de mim em uma corrida repentina e sem fôlego. Longas noites. Início da manhã. Sua boca em mim. Em toda parte. De novo e de novo.

Eu ouço ele expirar, de repente, e eu olho para ele.

Seus olhos são mais escuros, pesados de sentimentos.

— O que você está pensando?

Eu balanço minha cabeça, me sentindo subitamente tímida. É estranho, considerando o quão perto nós estivemos, que eu me sentiria tímida ao redor dele agora. Mas ele parece ao mesmo tempo velho e novo para mim – como se ainda estivéssemos aprendendo um sobre o outro. Ainda descobrindo o que nosso relacionamento significa e o que queremos dizer um para o outro. As coisas parecem mais profundas, desesperadas.

Mais importantes.

Eu tomo as mãos dele novamente.

— Como você está? — Eu sussurro.

Ele está olhando para nossas mãos, entrelaçadas, quando ele diz: — Meu pai ainda está vivo.

— Eu ouvi. Eu sinto muito.

Ele concorda. Olhando para longe.

— Você o viu?

Outro aceno de cabeça.

— Eu tentei matá-lo. Eu ainda vou.

Eu sei o quão difícil é para Aaron enfrentar seu pai. Anderson sempre foi seu oponente mais formidável; Aaron nunca foi capaz de lutar com ele de frente. Ele nunca foi capaz de levar a sério suas ameaças de matar seu pai.

É surpreendente que ele chegou perto.

E então Aaron me conta como seu pai tem poderes de cura semi-funcionais, como Evie tentou recriar o DNA das gêmeas para ele.

— Então seu pai é basicamente invencível?

Aaron ri baixinho. Balança sua cabeça.

— Acho que não. Isso o torna mais difícil de matar, mas eu definitivamente acho que há uma fenda a ser encontrada em sua armadura. — Ele suspira. — Acredite ou não, a parte mais estranha de tudo é que, depois disso, meu pai estava orgulhoso de mim. Orgulhoso de mim por tentar matá-lo. — Aaron olha para cima, me olha nos olhos. — Você pode imaginar?

— Sim — eu sussurro. — Eu posso.

Os olhos de Aaron vão fundo com emoção. Ele me puxa para perto.

— Eu sinto muito, amor. Eu sinto muito por tudo que eles fizeram com você. Por tudo que eles fizeram você passar. Me mata saber que você estava sofrendo. Que eu não pude estar lá para você.

— Eu não quero pensar sobre isso agora. — Eu balancei minha cabeça. — Agora tudo que eu quero é *isso*. Eu só quero estar aqui. Com você. O que vem a seguir, vamos encarar isso juntos.

— Ella — ele diz suavemente.

Uma onda de sentimento me invade. Ouvi-lo dizer que meu nome – meu nome verdadeiro – faz tudo parecer real. *Nos* faz parecer real.

Eu encontro seus olhos.

Ele sorri.

— Você sabe... eu sinto tudo quando você me toca, amor. Eu posso sentir sua excitação. Seu nervosismo. Seu prazer. E eu amo isso — ele diz baixinho. — Eu amo o jeito que você responde a mim. Eu amo o jeito que você me *quer*. Eu sinto quando você se perde, o jeito que você confia em mim quando estamos juntos. E eu sinto seu amor por mim — ele sussurra. — Eu sinto isso nos meus ossos.

Ele se afasta.

— Eu te amei a vida toda. — Ele olha para cima, olha para mim com tanta sensação que quase quebra meu coração. — Depois de tudo o que passamos... depois de todas as mentiras, dos segredos e dos mal entendidos... sinto que nos deram uma chance de começar de novo. Eu quero começar de novo — diz ele. — Eu nunca mais quero mentir para você. Quero que confiemos um no outro e sejamos verdadeiros parceiros em tudo. Não há

mais mal-entendidos — diz ele. — Não há mais segredos. Quero que comecemos de novo, aqui, neste momento.

Eu aceno, puxando para trás para que eu possa ver seu rosto mais claramente. Emoções bem em minha garganta, ameaçam subir.

— Eu quero isso também. Eu quero tanto isso.

— Ella — diz ele, sua voz rouca de sentimento. — Eu quero passar o resto da minha vida com você.

Meu coração para.

Eu olho para ele, incerta, pensamentos girando em minha cabeça. Eu toco sua bochecha e ele olha para longe, dá um suspiro súbito e instável.

— O que você está dizendo? — Eu sussurro.

— Eu amo você, Ella. Eu te amo mais...

— *Uau*. Vocês dois não poderiam esperar até voltarmos para a base, hein? Vocês não podiam poupar meus olhos?

O som da voz de Kenji me puxa de repente, abruptamente para fora da minha cabeça. Eu me viro rápido demais, desajeitadamente me soltando do corpo de Aaron.

Aaron, por outro lado, fica branco de repente.

Kenji joga um travesseiro de avião fino para ele.

— De nada — diz ele.

Aaron manda o travesseiro de volta sem uma palavra, seus olhos queimando na direção de Kenji. Ele parece ao mesmo tempo chocado e zangado, e ele se inclina para a frente em seu assento, os cotovelos equilibrados nos joelhos, os calcanhares das mãos pressionados contra os olhos.

— Você é uma praga sobre a minha vida, Kishimoto.

— Eu disse *de nada*.

Aaron suspira pesadamente.

— O que eu daria para quebrar o seu pescoço agora, você não tem ideia.

— Ei... *você* não tem ideia do que acabei de fazer por você — diz Kenji. — Então, vou repetir mais uma vez: *de nada.*

— Eu nunca pedi sua ajuda.

Kenji cruza os braços. Quando ele fala, ele exagera cada palavra, como se ele estivesse falando com um idiota.

— Eu não acho que você esteja pensando claramente.

— Estou pensando mais claramente do que nunca.

— Você realmente achou que seria uma boa ideia? — Kenji diz, balançando a cabeça. — Aqui? Agora?

A mandíbula de Aaron aperta. Ele parece amotinado.

— Irmão, este não é o momento.

— E quando, exatamente, você se tornou especialista nesse tipo de coisa?

Eu olho entre os dois.

— O que está acontecendo? — Eu digo. — O que vocês estão falando?

— Nada — dizem eles ao mesmo tempo.

— Hum, tudo bem. — Eu olho para eles, ainda confusa, e estou prestes a fazer outra pergunta quando Kenji diz, de repente: — Quem quer almoçar?

Minhas sobrancelhas levantam na minha testa.

— Nós temos almoço?

— É muito horrível — diz Kenji, — mas Nazeera e eu temos uma cesta de piquenique que trouxemos conosco, sim.

— Eu acho que estou experimentando o conteúdo da cesta misteriosa. — Eu sorrio para Aaron. — Está com fome?

Mas Aaron não diz nada. Ele ainda está olhando para o chão.

Eu toco sua mão e, finalmente, ele suspira.

— Eu não estou com fome — diz ele.

— Não é uma opção — diz Kenji bruscamente. — Tenho certeza que você não comeu nada desde que saiu da prisão falsa.

Aaron franze a testa. E quando ele olha para cima, ele diz: — Não era uma prisão *falsa*. Foi uma prisão muito real. Eles me envenenaram por semanas.

— O quê? — Meus olhos se arregalam. — Você não di...

Kenji me interrompe com o aceno de sua mão.

— Eles te deram comida, água, e deixaram você ficar com as roupas, não é?

— Sim mas...

Ele encolhe os ombros.

— Parece que você teve uma pequena férias.

Aaron suspira. Ele parece ao mesmo tempo irritado e exausto enquanto passa a mão pelo rosto.

Eu não gosto disso.

— Ei… Por que você está sendo duro com ele? — Eu digo, franzindo a testa para Kenji. — Pouco antes de ele e Nazeera aparecerem, você estava

falando sobre o quão maravilhoso ele é, e n...

Kenji xinga, de repente, em voz baixa.

— Jesus, J. — Ele me lança um olhar sombrio. — O que eu te disse sobre repetir essa conversa em voz alta?

Aaron se senta, a frustração em seus olhos lentamente dando lugar a surpresa.

— Você acha que eu sou maravilhoso? — Ele diz, com uma mão pressionada contra o peito em simulada afeição. — Isso é tão doce.

— Eu *nunca* disse que você era maravilhoso.

Aaron inclina a cabeça.

— Então o que, exatamente, você disse?

Kenji se afasta. Não diz nada.

Eu estou sorrindo para as costas de Kenji quando eu digo: — Ele disse que você parecia bem em tudo e que você era bom em tudo.

O sorriso de Aaron se aprofunda.

Aaron quase nunca sorri o suficiente para eu ver suas covinhas, mas quando isso acontece, elas transformam seu rosto. Seus olhos se iluminam. Suas bochechas ficam rosadas com o sentimento. Ele parece de repente doce. *Adorável*.

Isso tira meu fôlego.

Mas ele não está olhando para mim, ele está olhando para Kenji, com os olhos cheios de riso quando ele diz: — Por favor, me diga que ela não está falando sério.

Kenji nos mostra o dedo.

Aaron ri. E então, se inclinando...

— Você realmente acha que eu pareço bem em tudo?

— Cale a boca, idiota.

Aaron ri novamente.

— Pare de se divertir sem mim — Nazeera grita da cabine de piloto. — Sem mais piadas até que eu coloque essa coisa no controle de automático.

Eu endureço.

— Os aviões têm controle automático?

— Um — Kenji coça a cabeça — Eu realmente não sei?

Mas então Nazeera se aproxima de nós, alta e bonita e sem complicação. Ela não está cobrindo o cabelo hoje, o que eu acho que faz sentido, considerando que é geralmente ilegal, mas eu sinto um pânico fraco se

espalhar pelo meu corpo quando percebo que ela não tem pressa para voltar a cabine de piloto.

— Espere... Ninguém está pilotando o avião — eu digo. — Alguém não deveria estar pilotando o avião?

Ela me dispensa com um aceno.

— Está bem. Essas coisas são praticamente automáticas agora, de qualquer maneira. Não preciso fazer mais do que inserir coordenadas e garantir que tudo esteja funcionando perfeitamente.

— Mas...

— Tudo está bem — diz ela, me atirando um olhar afiado. — Estamos bem. Mas alguém precisa me dizer o que está acontecendo.

— Tem certeza de que estamos bem? — Pergunto mais uma vez, em voz baixa.

Ela me nivela com um olhar sombrio.

Eu suspiro.

— Bem, nesse caso — eu digo. — Você deveria saber que Kenji estava apenas admirando o senso de estilo de Aaron.

Nazeera se vira para Kenji. Levanta uma única sobrancelha.

Kenji balança a cabeça, visivelmente irritado.

— Eu não estava... droga, J, você não tem lealdade.

— Eu tenho muita lealdade — eu digo, levemente ferida. — Mas quando vocês brigam assim, isso me estressa. Eu só quero que Aaron saiba que, secretamente, você se importa com ele. Eu amo vocês dois e quero que vocês dois sejam amigos...

— Espere. — Aaron franze a testa — O que você quer dizer com você ama nós dois?

Eu olho entre ele e Kenji, surpresa.

— Quero dizer, eu me preocupo com vocês dois. Eu amo vocês dois.

— Certo — Aaron diz, hesitante. — Mas você não ama *realmente* os dois. Isso é apenas uma figura de linguagem, não é?

É a minha vez de franzir a testa.

— Kenji é meu melhor amigo — eu digo. — Eu o amo como um irmão.

— Mas...

— Eu também te amo, princesa — diz Kenji, um pouco alto demais. — E eu aprecio você dizendo isso.

Aaron murmura algo em voz baixa que soa suspeitosamente como *Idiota*

que não se lava.

— O que você acabou de dizer para mim? — Os olhos de Kenji se arregalam. — Eu vou deixar você sabe que eu me lavo *o tempo todo*...

Nazeera coloca uma mão calmante no braço de Kenji e ele começa a sentir o toque dela. Ele olha para ela, piscando.

— Temos mais cinco horas à frente de nós neste vôo — diz ela, e sua voz é firme, mas gentil. — Então, eu recomendo que ponhamos essa conversa para dormir. Eu acho que está claro para todos que você e Warner secretamente curtem a amizade um do outro, e não é bom para ninguém fingir o contrário.

Kenji empalidece.

— Isso soa como um plano razoável? — Ela olha em volta para todos nós. — Podemos todos concordar que estamos no mesmo time?

— Sim — eu digo com entusiasmo. — Eu faço. Concordo.

Aaron diz: — Tudo bem.

— Ótimo — diz Nazeera. — Kenji, você está bem?

Ele balança a cabeça e murmura algo em voz baixa.

— Perfeito. Agora aqui está o plano — diz ela rapidamente. — Vamos comer e depois nos revezar tentando dormir um pouco. Nós teremos uma tonelada de coisas para lidar quando pousarmos, e é melhor se acertarmos o chão correndo quando o fizermos. — Ela joga algumas sacolas a vácuo em cada um de nós. — Esse é o seu almoço. Há garrafas de água na geladeira na frente. Kenji e eu vamos no primeiro turno...

— De jeito nenhum — Kenji diz, cruzando os braços. — Você está acordada há vinte e quatro horas. Eu fico com o primeiro turno.

— Mas...

— Warner e eu vamos fazer o primeiro turno juntos, na verdade. — Kenji lança Warner um olhar. — Não é isso mesmo?

— Sim, claro — diz Aaron. Ele já está de pé. — Eu ficaria feliz.

— Ótimo — diz Kenji.

Nazeera já está sufocando um bocejo, puxando um monte de cobertores e travesseiros finos de um armário de armazenamento.

— Tudo bem então. Apenas nos acorde em algumas horas, ok?

Kenji levanta uma sobrancelha para ela.

— Certo.

— Estou falando sério.

— Sim. Entendi. — Kenji oferece a ela uma saudação simulada, Aaron me oferece um sorriso rápido, e os dois desaparecem na cabine de piloto.

Kenji fecha a porta atrás deles.

Estou olhando para a porta fechada, imaginando o que diabos está acontecendo entre os dois, quando Nazeera diz: — Eu não tinha ideia de que vocês dois eram tão intensos.

Eu olho para cima, surpresa.

— Quem? Eu e Aaron?

— Não — ela diz, sorrindo. — Você e Kenji.

— Ah. — Eu franzo a testa. — Eu não acho que somos intensos.

Ela me lança um olhar engraçado.

— Estou falando sério — eu digo. — Acho que temos uma amizade muito normal.

Em vez de me responder, ela diz: — Vocês dois já… — ela acena com a mão ao nada — namoraram?

— O quê? — Meus olhos se arregalam. Um calor traidor inundou meu corpo. — *Não*.

— Nunca? — Ela diz, seu sorriso lento.

— Nunca. Eu juro. Nem mesmo perto.

— Ok.

— Não que haja algo de errado com ele — eu me apressei em acrescentar. — Kenji é maravilhoso. A pessoa certa teria sorte de estar com ele.

Nazeera ri baixinho.

Ela carrega a pilha de travesseiros e cobertores até a fileira de assentos do avião e começa a reclinar as costas. Eu a vejo enquanto ela trabalha. Há algo tão suave e refinado em seus movimentos – algo inteligente em seus olhos em todos os momentos. Isso me faz pensar no que ela está pensando, no que ela está planejando. Por que ela está aqui?

De repente, ela suspira. Ela não está olhando para mim quando diz: — Você já se lembra de mim?

Eu levanto minhas sobrancelhas, surpresa.

— Claro — eu digo baixinho.

Ela acena com a cabeça. Ela diz: — Eu esperei um pouco para você lembrar — se sentando, e me convidando a acompanhá-la dando um tapinha no assento ao lado dela.

Eu faço.

Sem palavras, ela me entrega alguns cobertores e travesseiros. E então, quando nós duas estamos instaladas e eu estou olhando, desconfiada, para o pacote de “comida” que ela jogou em mim, eu digo: — Então você lembra de mim também?

Nazeera rasga o pacote lacrado a vácuo. Olha dentro para estudar o conteúdo.

— Emmaline me guiou para você — ela diz baixinho. — As memórias. As mensagens. Era ela.

— Eu sei — eu digo. — Ela está tentando nos unificar. Ela quer que nós nos unamos.

Nazeera sacode o conteúdo da sacola em sua mão, apanha os pedaços de frutas liofilizadas. Ela olha para mim.

— Você tinha cinco anos quando desapareceu — diz ela. Emmaline tinha seis anos. Eu sou seis meses mais velha que você e seis meses mais nova que Emmaline.

Eu concordo.

— Nós três costumávamos ser melhores amigas.

Nazeera olha para longe, parece triste.

— Eu realmente amei Emmaline — diz ela. — Nós éramos inseparáveis. Fazíamos tudo juntas. — Ela encolhe os ombros, quando um lampejo de dor atravessa seu rosto. — Isso foi tudo que conseguimos. O que quer que tenhamos sido foi roubado de nós.

Ela pega dois pedaços de fruta e os coloca em sua boca. Observo enquanto ela mastiga, pensativa, e espero por mais.

Mas os segundos passam e ela não diz nada, e imagino que devo preencher o silêncio.

— Então — eu digo. — Nós realmente não estamos indo dormir, não é?

Isso faz com que ela sorria. Ainda assim, ela não olha para mim.

Finalmente, ela diz: — Eu sei que você e Warner tiveram o pior de tudo, Eu sei. Mas se isso faz você se sentir melhor, eles limparam todas as nossas memórias, no começo.

— Eu sei. Emmaline me contou.

— Eles não queriam que nos lembrássemos de você — diz ela. — Eles não queriam que nós lembrássemos de muitas coisas. Emmaline disse a você que ela se aproximou de todos nós? Você, eu, Warner, meu irmão… todas as

crianças.

— Ela me disse um pouco, sim. Você falou com algum dos outros sobre isso?

Nazeera acena com a cabeça. Comendo outro pedaço de fruta na boca dela.

— E?

Ela inclina a cabeça.

— Veremos.

Meus olhos se arregalam.

— O que isso significa?

— Eu saberei mais quando pousarmos, isso é tudo.

— Então... Como você sabe? — Eu digo, franzindo um pouco a testa. — Se você só tivesse lembranças de mim e Emmaline quando criança... como você amarrou tudo de volta ao presente? Como você sabia que eu era a Ella da nossa infância?

— Você sabe... eu não estava cem por cento positiva que eu estava certa sobre tudo até que eu te vi no jantar naquela primeira noite na base.

— Você me reconheceu? — Eu digo. — Desde quando eu tinha cinco anos?

— Não — diz ela, e acena para a minha mão direita. — Da cicatriz na parte de trás do seu pulso.

— Isso? — Eu digo, levantando minha mão. E então eu franzo a testa, lembrando que Evie reparou minha pele. Eu costumava ter cicatrizes desbotadas em todo o meu corpo; as que estavam em minhas mãos eram as piores. Minha mãe adotiva colocou minhas mãos no fogo uma vez. E eu me machuquei muito enquanto estava trancada; muitas queimaduras, muitas feridas mal curadas. Balanço a cabeça para Nazeera quando digo: — Eu costumava ter cicatrizes na minha mão do meu tempo no asilo. Evie se livrou delas.

Nazeera pega minha mão, vira a minha mão para cima, aberta. Cuidadosamente, ela traça uma linha do meu pulso ao meu antebraço.

— Você se lembra da que estava aqui?

— Sim. — Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Meu pai tem uma coleção de espadas realmente extensa — diz ela, soltando minha mão. — Lâminas realmente lindas... coisas douradas, feitas à mão, antigas e ornamentadas. Enfim — ela diz, batendo na cicatriz invisível

no meu pulso. — Eu fiz isso com você. Eu invadi a sala da espada do meu pai e achei que seria divertido praticarmos um pequeno combate corpo-a-corpo. Mas eu te cortei muito feio, e minha mãe quase me deu uma surra. — Ela ri. — Eu nunca esquecerei aquilo.

Eu franzo a testa para ela, onde minha cicatriz costumava ficar.

— Você não disse que éramos amigas quando tínhamos *cinco* anos?

Ela acena com a cabeça.

— Nós tínhamos cinco e achávamos que seria divertido brincar com espadas reais?

Ela ri. Parece confuso.

— Eu nunca disse que nós tivemos uma infância *normal*. Nossas vidas estavam tão confusas — ela diz, e ri novamente. — Eu nunca confiei em meus pais. Eu sempre soube que eles estavam até os joelhos em alguma merda escura; Eu sempre tentei aprender mais. Eu estive tentando, por anos, invadir os arquivos eletrônicos de Baba — ela diz. — E por muito tempo, eu só acessei informações básicas.

Eu aprendi sobre os asilos. Os não-naturais.

— É por isso que você escondeu suas habilidades deles — eu digo, finalmente entendendo.

Ela acena com a cabeça.

— Mas eu queria saber mais. Eu sabia que estava apenas arranhando a superfície de algo grande. Mas os níveis de segurança incorporados na conta do meu pai são diferentes de tudo que eu já vi antes. Consegui passar pelos primeiros níveis de segurança, que é como eu descobri sobre a sua e a existência de Emmaline, alguns anos atrás. Baba tinha toneladas de registros, relatórios sobre seus hábitos e atividades diárias, um diário com a hora e a data de cada lembrança que eles roubaram de você…. e eram todos dos últimos anos e meses.

Eu suspiro.

Nazeera me lança um olhar simpático.

— Havia breves menções de uma irmã em seus arquivos — diz ela. — Mas nada substancial; na maioria das vezes, apenas uma nota de que vocês eram poderosas e haviam sido doadas para a causa por seus pais. Mas eu não consegui encontrar nada sobre a irmã desconhecida, o que me fez pensar que seus arquivos estavam mais protegidos. Passei os últimos dois anos tentando entrar nos níveis mais profundos da conta de Baba e nunca tive sucesso

algum. Então eu deixei passar por um tempo.

Ela coloca outro pedaço de fruta seca em sua boca.

— Não foi até que meu pai começou a perder a *cabeça* depois que você quase matou Anderson que eu comecei a suspeitar. Foi quando comecei a me perguntar se *Juliette Ferrars* sobre o qual ele ficava gritando não era alguém importante.

Ela me estuda com o canto do olho.

— Eu sabia que você não poderia ter sido algum tipo de *antinatural*. Eu apenas sabia disso. Baba ficou *balístico*. Então comecei a invadir novamente.

— Uau — eu digo.

— Sim — diz ela, assentindo. — Certo? De qualquer forma, tudo o que estou tentando dizer é que tenho tentado farejar essa besteira nessa situação por alguns anos, e agora, com Emmaline na minha cabeça, estou finalmente chegando perto de descobrir tudo.

Eu olho para ela.

— A única coisa que eu ainda não sei é *porque* Emmaline está trancada. Eu não sei o que eles estão fazendo com ela. E eu não entendo por que isso é um segredo.

— Eu sei — eu digo.

Sua cabeça vira. Ela olha para mim com os olhos arregalados.

— Maneira de enterrar o lede, Ella.

Eu rio, mas o som é triste

Warner

Assim que nos sentamos, Kenji se vira para mim.

— Você quer me dizer o que diabos está acontecendo? — Ele diz.

— Não.

Kenji revira os olhos. Ele abre sua pequena sacola de lanches e nem inspeciona o conteúdo antes de colocar a bolsa diretamente em sua boca. Ele fecha os olhos enquanto mastiga. Faz ruídos pouco satisfeitos.

Consigo lutar contra o impulso de me encolher, mas não consigo me impedir de dizer: — Você come como um homem das cavernas.

— Não, eu não como — diz ele com raiva. E então, um momento depois: — Eu como?

Hesito, sentindo sua súbita onda de constrangimento. De todas as emoções que detesto experimentar, o embaraço de segunda mão pode ser o pior. Isso me atinge bem no intestino. Me faz querer virar minha pele do avesso.

E é de longe a maneira mais fácil de me fazer capitular.

— Não — eu digo pesadamente. — Você não come como um homem das cavernas. Isso foi injusto.

Kenji olha para mim. Há muita esperança em seus olhos.

— Eu nunca vi ninguém comer comida com tanto entusiasmo quanto você.

Kenji levanta uma sobrancelha.

— Eu não estou entusiasmado. Eu estou com fome.

Com cuidado, eu abro meu próprio pacote. Agito alguns pedaços da fruta na minha mão aberta.

Eles parecem vermes dissecados.

Eu devolvo a fruta ao saco, sacudo a poeira das minhas mãos e ofereço minha porção para Kenji.

— Você tem certeza? — Ele diz, mesmo quando ele tira isso de mim.

Eu concordo.

Ele me agradece.

Nós dois não dizemos nada por um tempo.

— Então — Kenji diz finalmente, ainda mastigando. — Você ia propor a ela. Uau.

Eu exalo uma respiração longa e pesada.

— Como você saberia?

— Porque eu não sou surdo.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Aqui tem eco.

— Certamente não faz eco aqui.

— Pare de mudar de assunto — diz ele, sacudindo mais frutas em sua boca. — O ponto é que você ia propor. Você nega isso?

Eu olho para longe, corro uma mão ao longo do lado do meu pescoço, massageando os músculos doloridos.

— Eu não nego — eu digo.

— Então parabéns. E sim, ficaria feliz em ser seu padrinho no casamento.

Eu olho para cima, surpreso.

— Eu não tenho interesse em abordar a última parte do que você acabou de dizer, mas... Por que oferecer parabéns? Eu pensei que você fosse veementemente contra a ideia.

Kenji franze a testa.

— O que? Eu não sou contra a ideia.

— Então por que você estava tão zangado?

— Eu pensei que você fosse idiota por fazer isso aqui — diz ele. — Agora mesmo. Eu não queria que você fizesse algo do qual se arrependeria. Que vocês dois se arrependam.

— Por que eu me arrependeria de propor agora? Este parece um momento tão bom quanto qualquer outro.

Kenji ri, mas de alguma forma consegue manter a boca fechada. Ele engole outra mordida de comida e diz: — Você não quer, eu não sei... comprar algumas rosas para ela? Acender uma vela? Talvez entregá-la uma caixa de chocolates ou alguma merda? Ou, inferno, uh, eu não sei… talvez você queira fazer um *anel* para ela primeiro?

— Eu não entendo.

— Vamos lá, mano... Você nunca viu, tipo, um filme?

— Não.

Kenji me encara, perplexo.

— Você está me zoando — diz ele. — Por favor, me diga que você está me zoando.

Eu me arrepio.

— Eu nunca tinha permissão para assistir filmes enquanto crescia, então nunca peguei o hábito, e depois que O Restabelecimento assumiu, esse tipo de coisa era ilegal de qualquer maneira. Além disso, não gosto de ficar parado no escuro por tanto tempo. E eu não gosto das manipulações emocionais do cinema.

Kenji leva as mãos ao rosto, os olhos arregalados com algo parecido com horror.

— Você tem que estar brincando comigo.

— Por que... eu não entendo porque isso é estranho. Eu fui educado em casa. Meu pai era muito...

— Há tantas coisas sobre você que nunca fizeram sentido para mim — Kenji diz, olhando pasmo, para a parede atrás de mim. — Tipo, tudo sobre você é estranho, sabe?

— Não — eu digo bruscamente. — Eu não acho que sou estranho.

— Mas agora tudo faz sentido. — Ele balança a cabeça. — Tudo faz muito sentido. Uau. Quem diria.

— *O que* faz sentido?

Kenji parece não me ouvir. Em vez disso, ele diz: — Ei, há mais alguma coisa que você nunca fez? Tipo, eu não sei, você já nadou? Ou, tipo, apagou velas em um bolo de aniversário?

— Claro que eu já nadei — eu digo, irritado. — A natação foi uma parte importante do meu treinamento tático. Mas eu nunca... — Eu limpo minha garganta. — Não, eu nunca tive meu próprio bolo de aniversário.

— Jesus.

— *O que há de errado com você?*

— Ei — diz Kenji de repente. — Você sabe quem é Bruce Lee?

Eu hesito.

Há um desafio em sua voz, mas Kenji não está gerando muito mais em termos de pistas emocionais, então eu não entendo a importância da pergunta. Finalmente, eu digo: — Bruce Lee era um ator. Embora ele também seja considerado um dos maiores artistas marciais do nosso tempo. Ele fundou um

sistema de artes marciais chamado jeet kune do, um tipo de kung fu chinês que evita padrões e formas. Seu nome chinês é Lee Jun-fan.

— Bem, merda — diz Kenji. Ele se senta em sua cadeira, olhando para mim como se eu fosse um alienígena. — Ok. Eu não estava esperando isso.

— O que Bruce Lee tem a ver com alguma coisa?

— Primeiro de tudo — diz ele, levantando um dedo. — Bruce Lee tem tudo a ver com tudo. E segundo, você pode, tipo, fazer isso? — Ele estala os dedos na direção da minha cabeça. — Você pode, tipo, lembrar de merda assim? Fatos aleatórios?

— Eles não são fatos aleatórios. É informação. Informações sobre o nosso mundo, seus medos, histórias, fascinações e prazeres. É meu trabalho conhecer esse tipo de coisa.

— Mas você nunca viu um único filme?

— Eu não precisei. Eu sei o suficiente sobre cultura pop para saber quais filmes importavam ou faziam diferença.

Kenji balança a cabeça, olha para mim com algo parecido com espanto.

— Mas você não sabe nada sobre os melhores filmes. Você nunca viu as coisas realmente boas. Inferno, você provavelmente nunca ouviu falar das coisas boas.

— Me teste.

— Você já ouviu falar do Blue Streak?

Eu pisco para ele.

— Esse é o nome de um filme?

— *Romeu tem que morrer*? *Bad Boys*? *Hora do rush*? *Hora do rush 2*? *Hora do hush 3*? Na verdade, a Hora do Rush 3 não foi bom. *Enrolados*?

— Esse último, eu acredito, é um desenho animado sobre uma garota com cabelos muito longos, inspirada no conto de fadas alemão chamado Rapunzel.

Kenji parece que ele pode estar se engasgando.

— Um desenho animado? — Ele diz indignado. — *Enrolados* não é um desenho animado. *Enrolados* é um dos maiores filmes de todos os tempos. É sobre lutar pela liberdade e pelo amor verdadeiro.

— Por favor — eu digo, passando a mão cansada no meu rosto. — Eu

realmente não me importo com o tipo de desenhos que você gosta de assistir no seu tempo livre. Eu só quero saber por que você está tão certo de que eu estava cometendo um erro hoje.

Kenji suspira tão profundamente que seus ombros caem. Ele desaba na cadeira.

— Eu não posso acreditar que você nunca viu *Homens de Preto*. Ou *Independence Day*. — Ele olha para mim, seus olhos brilhantes. — Merda, você amaria *Independence Day*. Will Smith soca um alienígena no rosto, pelo amor de Deus. É tão bom.

Eu olho fixamente para ele.

— Meu pai e eu costumava assistir filmes o tempo todo — diz ele em voz baixa. — Meu pai adorava cinema. — Kenji só se permite sentir sua dor por um momento, mas quando o faz, ele me acerta em uma onda selvagem e desesperada.

— Eu sinto muito pela sua perda — eu digo baixinho.

— Sim, bem. — Kenji passa a mão sobre o rosto. Esfrega os olhos e suspira. — De qualquer forma, faça o que quiser. Eu só acho que você deveria comprar um anel ou algo assim antes de se ajoelhar.

— Eu não estava pensando em ficar de joelhos.

— O quê? — Ele franze a testa. — Por que não?

— Isso parece ilógico.

Kenji ri. Rola os olhos dele.

— Escute, confie em mim e pelo menos escolha um anel primeiro. Deixe-a saber que você realmente pensou sobre isso. Pensou nisso por um tempo, sabe?

— Eu pensei sobre isso.

— Pelo quê, cinco segundos? Ou você quis dizer que estava planejando essa proposta enquanto estava sendo envenenado na prisão? — Kenji ri. — Mano, você literalmente a viu… pela primeira vez… hoje, tipo, duas horas atrás, depois de duas semanas de separação, e você acha que propor a ela é um movimento racional e lúcido? — Kenji balança a cabeça. — Apenas leve algum tempo. Pense nisso. Faça alguns planos.

E então, de repente, sua reação faz sentido para mim.

— Você não acha que ela vai dizer sim — eu me sento, atordoado. Olho para a parede. — Você acha que ela vai dizer não.

— O que? Eu nunca disse isso.

— Mas é o que você pensa, não é?

— Ouça — diz ele, e suspira. — Eu não tenho ideia do que ela vai dizer. Eu realmente não sei. Quero dizer, acho mais do que óbvio que ela te ama, e acho que se ela está pronta para se chamar de comandante suprema da América do Norte, ela provavelmente está pronta para lidar com algo tão grande quanto isso, mas… — ele esfrega o queixo, olha para longe. — Quero dizer, sim, acho que talvez você devesse pensar nisso por um minuto.

Eu olho para ele. Considero suas palavras.

Finalmente, eu digo: — Você acha que eu deveria conseguir um anel para ela.

Kenji sorri para o chão. Ele parece estar lutando de volta uma risada.

— Uh. Sim.

— Eu não sei nada sobre jóias.

Ele olha para cima, com os olhos brilhantes de humor.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que os arquivos dessa sua cabeça têm toneladas de informações sobre esse tipo de coisa.

— Mas...

O avião dá uma sacudida repentina e inesperada, e eu sou jogado para trás no meu lugar. Kenji e eu nos encaramos por um segundo prolongado, a cautela dando lugar ao medo, o medo lentamente se transformando em pânico.

O avião se sacode novamente. Desta vez mais duro.

E então, mais uma vez.

— Isso não é turbulência — eu digo.

Kenji xinga alto e pula de pé. Ele examina o painel por um segundo antes de voltar, com a cabeça em um aperto visivelmente entre as mãos.

— Eu não consigo ler esses mostradores — ele diz. — não tenho ideia de como ler esses malditos mostradores.

Eu empurro a porta da cabine aberta assim que Nazeera corre para frente. Ela passa por mim para examinar o painel e quando ela se afasta, ela parece repentinamente aterrorizada.

— Perdemos um dos nossos motores — diz ela, suas palavras quase um sussurro. — Alguém está atirando para cima e nos atingindo.

— O que? Como isso é...

Mas não há tempo para discutir isso. E Nazeera e eu dificilmente temos uma chance de tentar descobrir uma maneira de consertá-lo antes que o avião

se sacuda, mais uma vez, e desta vez as máscaras de oxigênio de emergência caem de seus compartimentos superiores. Sirenes estão soando. As luzes do teto piscam rapidamente, sinais insistentes e aguçados nos avisam que o sistema está falhando.

— Temos que tentar pousar o avião — Nazeera está dizendo. — Temos que descobrir… Merda — diz ela. Ela cobre a boca com uma mão. — Acabamos de perder outro motor.

— Então, vamos apenas cair do maldito céu? — Isso veio de Kenji.

— Nós não podemos pousar o avião — eu digo, meu coração batendo furiosamente, mesmo quando eu tento manter uma cabeça nivelada. — Não assim, não quando estamos com dois motores ausentes. Não enquanto eles ainda estão atirando em nós.

— Então, o que fazemos? — Ela diz.

É Ella, na porta, que diz baixinho: — Temos que pular.

— *O quê*?

Os três se viram para mim.

— Do que você está falando? — Kenji diz.

— Amor, isso realmente não é uma boa ideia… Nós não temos nenhum pára-quedas neste avião, e sem eles...

— Não, ela está certa — diz Nazeera com cuidado. Ela está me olhando nos olhos. Ela parece entender o que estou pensando.

— Vai funcionar — eu digo. — Você não acha?

— Honestamente, eu não tenho ideia — diz ela. — Mas definitivamente vale a pena tentar. Pode ser a nossa única chance.

Kenji está começando a andar.

— Ok, alguém precisa me dizer o que diabos está acontecendo.

Aaron ficou pálido.

— Amor — ele diz novamente, — o que...

— Nazeera pode voar — eu explico. — Se todos nós encontrarmos uma maneira de nos protegermos um com o outro, ela pode usar seus poderes para nos fortalecer, você pode usar seu poder para reforçar o poder dela, e porque há pouca chance de você poder usar tanto de sua força enquanto ainda carregando nosso peso combinado, nós eventualmente, lentamente, seremos arrastados para o chão.

Nazeera olha para o painel novamente.

— Estamos a oito mil pés no ar e perdemos altitude rapidamente. Se vamos fazer isso, devemos pular agora, enquanto o avião ainda está relativamente estável.

— Espere, onde estamos? — Kenji diz. — Onde vamos pousar?

— Não tenho certeza — diz ela. — Mas parece que estamos em algum lugar sobre a vizinhança geral dos setores de 200 a 300. — Ela olha para Aaron. — Você tem algum amigo nesta região?

Aaron lhe lança um olhar sombrio.

— Eu não tenho amigos em nenhum lugar.

— Zero habilidades pessoal — Kenji murmura.

— Estamos sem tempo — eu digo. — Vamos fazer isso?

— Eu acho. É o único plano que temos — diz Kenji.

— Eu acho que é um plano sólido — diz Aaron, e me lança um olhar hesitante, mas encorajador. — Mas acho que devemos encontrar uma maneira de nos unirmos. Algum tipo de arreio ou algo assim… então não nos perdemos no ar.

— Não temos tempo para isso. — A calma de Nazeera está rapidamente dando lugar ao pânico. — Nós apenas temos que nos segurar.

Kenji acena com a cabeça e, de repente, empurra a porta do avião. O ar entra rápido e forte, quase nos derrubando.

Rapidamente, todos nós cruzamos os braços, Nazeera e Aaron sustentando as bordas externas, e com alguns gritos reconfortantes através do vento uivante…

Nós pulamos.

É uma sensação aterrorizante.

O vento empurra rápido e forte e, de repente, tudo se acalma. Parecemos estar congelados no tempo, zumbindo no mesmo lugar enquanto assistimos o jato cair, constantemente, na distância. Nazeera e Aaron parecem estar fazendo seus trabalhos quase bem demais. Nós não estamos caindo rápido o suficiente, e não só está congelando aqui, o oxigênio é escasso.

— Eu vou soltar o meu poder — Aaron diz a Nazeera, e ela volta a concordar.

Lentamente, começamos a descer.

Eu vejo como o mundo se forma ao nosso redor. Nós caímos para baixo, sem pressa, o vento empurrando com força contra os nossos pés. E então, de repente, o fundo parece cair debaixo de nós, e nós vamos despencar para baixo, com força, no terreno abaixo.

Eu dou um grito único e aterrorizado...

Ou foi o Kenji?

...antes de pararmos subitamente, um pé acima do solo. Aaron aperta meu braço e eu olho para ele, grata pela captura.

E então nós caímos no chão.

Eu caio mal no tornozelo e estremeço, mas posso colocar peso no pé,

então sei que está tudo bem. Eu olho em volta para avaliar o estado dos meus amigos, mas percebo, tarde demais, que não estamos sozinhos.

Estamos em um campo vasto e aberto. Esta era, uma vez, quase certamente uma fazenda, mas agora está reduzida a pouco mais que cinzas. À distância aparece uma fina faixa de pessoas, aproximando-se rapidamente de nós.

Eu ligo meus poderes, pronta para lutar. Pronta para enfrentar o que vier no nosso caminho. Energia está pulsando dentro de mim, provocando meu sangue.

Eu não estou com medo.

Aaron coloca o braço em volta de mim e me puxa para perto.

— Juntos — ele sussurra. — Não importa o que.

Finalmente, depois do que parecem minutos imensuráveis, dois corpos se separam do grupo. Lentamente, eles caminham até nós.

Meu corpo todo está tenso em preparação para um ataque, mas à medida que se aproximam, posso discernir seus rostos.

Eles são dois adultos: Uma mulher esbelta e deslumbrante, com cabelo curto e pele tão escura que brilha. Ela é luminosa enquanto anda, seu sorriso se ampliando a cada passo. Ao lado dela está outro rosto sorridente, mas a visão familiar de sua pele negra e longos dreadlocks envia choque e pânico e esperança correndo por mim. Eu me sinto ofuscada.

Castle.

Sua presença aqui pode ser boa ou ruim. Mil perguntas passam pela minha cabeça, entre elas: o que ele está fazendo aqui? Como ele chegou aqui? A última vez que o vi, eu não achei que ele estivesse do meu lado... ele se voltou contra nós completamente?

A mulher é a primeira a falar.

— Fico feliz em ver que você está bem — diz ela. — Receio que não tivemos escolha senão atirar no seu avião do céu.

— O que? O que são...

— Castle? — A voz quieta e hesitante de Kenji estende-se atrás de mim.

Castle dá um passo à frente assim que Kenji se move em direção a ele, e os dois se abraçam, Castle o puxando com tanta força que eu praticamente posso sentir a tensão de onde estou. Eles estão visivelmente emocionados, e o momento é tão emocionante que deixa meus medos à vontade.

— Você está bem — diz Kenji. — Eu pensei...

Haider e Stephan, o filho do comandante supremo da África, saem da multidão. Choque agarra meu corpo ao vê-los. Eles acenam para Nazeera e os três se separam para formar um novo grupo, ao lado. Eles falam em sussurros baixos e apressados.

Castle respira fundo.

— Temos muito o que conversar. — E então, para mim, ele diz: — Ella, gostaria que você conhecesse minha filha, Nouria.

Minhas sobrancelhas voam pela minha testa. Eu olho para Aaron, que parece tão aturdido quanto eu, mas Kenji solta um grito repentino, e aborda Castle de novo. Os dois riem. Kenji está dizendo: *De jeito nenhum, de jeito nenhum.*

Nouria intencionalmente os ignora e sorri para mim.

— Nós chamamos a nossa casa de Santuário — diz ela. — Minha esposa e eu somos as líderes da resistência aqui. Bem vinda.

Outra mulher se separa da multidão e avança. Ela é pequena, com longos cabelos loiros. Ela aperta minha mão.

— É uma honra conhecê-la — diz ela. — Meu nome é Samantha.

Eu estudo as duas, Nouria e Samantha em pé lado a lado. A felicidade de Castle. O sorriso no rosto de Kenji. O aglomerado de Nazeera, Haider e Stephan ao lado. O grupo maior se aglomerava à distância.

— A honra é nossa — eu digo, e sorrio. Então: — Mas estamos seguros aqui? Fora ao ar livre assim?

Nouria acena com a cabeça.

— Meus poderes me permitem manipular a luz de maneiras incomuns — diz ela. — Eu coloquei um escudo protetor ao nosso redor agora, para que se alguém olhasse em nossa direção, eles veriam apenas um brilho doloroso que os forçaria a desviar o olhar.

— Whoa. — Os olhos de Kenji se arregalam. — Isso é legal.

— Obrigada — diz Nouria. Ela está praticamente emanando luz, sua pele marrom escura brilhando mesmo quando está parada. Há algo de tirar o fôlego em apenas estar perto dela.

— São as pessoas do seu povo? — Eu ouço Aaron dizer, falando pela primeira vez. Ele está espiando por cima da cabeça dela, para a pequena multidão ao longe.

Ela acena com a cabeça.

— E eles estão aqui para se certificar de que não te machucamos?

Nouria sorri.

— Eles estão aqui para garantir que ninguém *te* machuque — diz ela. — Seu grupo é bem vindo aqui. Você já se mostrou mais do que digno. — E então: — Ouvimos todas as histórias sobre o Setor 45.

— Você ouviu? — Eu digo, surpresa. — Eu pensei que O Restabelecimento tinha enterrado tudo.

Nouria balança a cabeça.

— Sussurros viajam mais rápido do que qualquer um pode controlar. O continente está vibrando com as notícias de tudo que você tem feito nesses últimos meses. É realmente um prazer conhecê-la — ela diz para mim e estende a mão. — Eu me senti tão inspirada pelo seu trabalho.

Eu pego a mão dela, me sentindo orgulhosa e envergonhada.

— Obrigada — eu digo baixinho. — É muita gentileza da sua parte...

Mas então os olhos de Nouria ficam sombrios.

— Eu sinto muito que tivemos que atirar em você para fora do céu — diz ela. — Isso deve ter sido aterrorizante. Mas Castle garantiu-me que havia dois entre vocês que poderiam voar.

— Espere, o que? — Kenji arrisca um olhar para Castle. — Você planejou isso?

— Era o único caminho — diz ele. — Quando conseguimos nos livrar do asilo… — ele acena agradecido para Nazeera. — Eu sabia que o único lugar que nos restava estava aqui, com Nouria. Mas nós não poderíamos usar o rádio para dizer a você para pousar aqui; nossa comunicação teria sido interceptada. E nós não poderíamos ter você na base aérea, por razões óbvias. Então, estamos acompanhando seu avião, esperando pelo momento certo. Tirar você do céu leva o problema de volta ao exército. Eles pensarão que foi ação de outra unidade e, quando eles começarem a descobrir, teremos destruído todas as evidências de estarmos aqui.

— Então... Espere… — Eu digo. — Como você e Nouria coordenaram isso? Como vocês se encontram? — E depois: — Castle, se você abandonou os cidadãos... Anderson não vai matar todos eles? Você não deveria ter ficado para protegê-los? Tentar revidar?

Ele sacode a cabeça.

— Nós não tivemos escolha a não ser evacuar os membros do Ponto Ômega do Setor 45. Depois que vocês dois… — ele acena para mim e para

Aaron. — Foram levados, as coisas caíram em completo caos. Fomos todos feitos reféns e jogados na prisão. Foi apenas por causa de Nazeera – que nos conectou com Haider e Stephan – que fomos capazes de chegar até aqui. O setor 45 já foi devolvido ao seu estado original como uma prisão. — Castle respira fundo. — Há muito o que precisamos compartilhar uns com os outros. Tanta coisa aconteceu nas últimas duas semanas que será impossível discutir tudo rapidamente. Mas é importante que você saiba, agora mesmo, um pouco sobre o papel de Nouria em tudo isso.

Ele se vira para Nouria e lhe dá um pequeno aceno de cabeça.

Nouria me olha nos olhos e diz: — Naquele dia você foi baleada na praia — ela diz baixinho. — Você se lembra?

Eu hesito.

— Claro.

— Fui eu quem emitiu a ordem contra você.

Estou tão atordoada que visivelmente recuei.

Aaron dá um passo à frente, indignado.

— Castle, você está louco? Você nos pede para nos refugiar na casa de uma pessoa que quase assassinou Ella? — Ele se vira para trás, me encarando com um olhar selvagem em seus olhos. — Como você poderia...

— Castle? — Há um aviso na voz de Kenji. — O que está acontecendo?

Mas Nouria e Castle estão olhando um para o outro, e um olhar pesado passa entre eles.

Finalmente, Castle suspira.

— Vamos nos instalar antes de continuarmos conversando — diz ele. — Esta é uma longa conversa e é importante.

— Vamos ter agora — diz Aaron.

— Sim — diz Kenji com raiva. — Agora.

— Ela tentou me matar — eu digo, finalmente encontrando minha voz. — Por que você me trouxe aqui? O que você está tentando fazer?

— Você teve uma longa e difícil jornada — diz Castle. — Eu quero que você tenha uma chance de se instalar. Tome um banho e coma alguma comida. E então, eu prometo, nós lhe daremos todas as respostas que você deseja.

— Mas como podemos confiar que estaremos seguros? — Digo. — Como podemos saber que Nouria não está tentando nos machucar?

— Porque — ela diz com firmeza. — Eu fiz o que fiz para ajudá-la.

— E como isso é plausível? — Aaron diz bruscamente.

— Era a única maneira que eu sabia como conseguir uma mensagem para você — diz Nouria, ainda olhando para mim. — Eu nunca tentei matar você… e eu sabia que suas próprias defesas ajudariam a protegê-la da morte certa.

— Essa foi uma aposta perigosa para fazer.

— Acredite em mim — ela diz baixinho. — Foi uma decisão difícil de tomar. Isso veio com um grande custo para nós… perdemos um dos nossos no processo.

Eu me sinto tensa, mas de outra forma não traio nenhuma emoção. Eu me lembro do dia em que Nazeera me salvou – do dia em que ela matou meu agressor.

— Mas eu tinha que chegar até você — diz Nouria, seus olhos castanhos escuros profundos de sentimento. — Foi a única maneira de fazer isso sem despertar suspeitas.

Minha curiosidade supera meu ceticismo. Pelo o momento.

— Então por que? Por que você fez isso? — Pergunto. — Por que me envenenar?

Inesperadamente, Nouria sorri.

— Eu precisava que você visse o que eu vi. E de acordo com Castle, funcionou.

— O que funcionou?

— Ella… — Ela hesita. — Posso chamar para você pelo seu nome real?

Eu pisco. Olho para Castle.

— Você disse a ela sobre mim?

— Ele não precisava. As coisas não ficam em segredo por muito tempo por aqui — diz Nouria. — Não importa o que O Restabelecimento acredita, estamos todos encontrando maneiras de passar mensagens uns para os outros. Todos os grupos de resistência em todo o mundo já sabem a verdade sobre você. E eles te amam mais por isso.

Eu não sei o que dizer.

— Ella — ela diz baixinho. — Eu fui capaz de descobrir por que seus pais mantiveram sua irmã em segredo por tanto tempo. E eu só queria t...

— Eu já sei — eu digo, as palavras saindo em voz baixa.

Ainda não falei com ninguém sobre isso; não disse a uma alma. Não houve tempo para discutir algo assim tão grande. Não há tempo para ter uma

longa conversa. Mas acho que vamos ter agora.

Nouria está me encarando, atordoada.

— Você sabe?

— Emmaline me contou tudo.

Um silêncio cai sobre a multidão. Todo mundo se vira para olhar para mim. Até mesmo Haider, Stephan e Nazeera finalmente pararam de falar entre si por tempo suficiente para olhar.

— Ela é mantida em cativeiro — eu digo. — Ela mora em um tanque onde ela existe quase permanentemente debaixo d'água. Suas ondas cerebrais estão conectadas a turbinas de maré que convertem a energia cinética de sua mente em eletricidade. Evie, minha mãe, encontrou uma maneira de aproveitar essa eletricidade… e projetá-la para fora. Em todo o mundo. — Eu respiro fundo. — Emmaline é mais forte do que eu já fui ou alguma vez serei. Ela tem o poder de curvar as mentes das pessoas… ela pode deformar e distorcer realidades… aqui. Em toda parte.

O rosto de Kenji é um perfeito encapsulamento de horror, e sua expressão é refletida em dezenas de outros rostos ao meu redor.

Nazeera, por outro lado, parece ferida.

— O que você vê aqui? — Eu digo. — Em volta de nós? A decadência da sociedade, a atmosfera quebrada, os pássaros se foram do céu… é tudo uma ilusão. É verdade que nosso clima mudou, sim… causamos sérios danos à atmosfera, aos animais e ao planeta como um todo… mas esse dano não é irreparável. Os cientistas esperavam que, com um esforço cuidadoso e concentrado, pudéssemos consertar nossa Terra. Salvar o futuro. Mas O Restabelecimento não gostou desse ângulo — digo. — Eles não queriam que as pessoas esperassem. Eles queriam que as pessoas pensassem que nossa Terra estava além da salvação. E com Emmaline eles conseguiram fazer exatamente isso.

— Por quê? — Kenji diz, atordoado. — Por que eles fariam isso? O que eles ganham?

— Pessoas desesperadas e apavoradas — diz Nouria solenemente. — São muito mais fáceis de controlar. Eles usaram a irmã de Ella para criar a ilusão de devastação irreversível, e então atacaram os fracos e os desesperados, e os convenceram a recorrer ao Restabelecimento para obter apoio.

— Emmaline e eu fomos projetadas para algo chamado Operação Síntese. Ela deveria ser a Arquiteta do mundo e eu seria a Executora. Mas Emmaline

está morrendo. Eles precisam de outra arma poderosa para controlar as pessoas. Uma contingência. Um plano de backup.

Aaron pega minha mão.

— O Restabelecimento queria que eu substituísse minha irmã — eu digo.

Pela primeira vez, Nouria foi embora. Ninguém sabia dessa parte. Ninguém além de mim.

— Como? — Ela diz. — Vocês têm habilidades tão diferentes.

É Castle quem diz: — É fácil imaginar, na verdade — mas ele parece aterrorizado. — Se eles ampliassem os poderes de Ella da maneira que faziam com a irmã dela, ela se tornaria o equivalente a uma bomba atômica humana. Ela poderia causar destruição em massa. Dor excruciante. Morte quando eles quisessem. Através de tremendas distâncias.

— Não temos escolha — a voz de Nazeera soa nítida e clara. — Nós temos que matar Evie.

E estou olhando para longe, quando digo, baixinho: — Eu já fiz isso.

Um suspiro coletivo atravessa a multidão. Aaron continua ao meu lado.

— E agora — eu digo. — Tenho que matar minha irmã. É o que ela quer. É a única maneira.

Warner

A sede de Nouria é ao mesmo tempo estranha e bonita. Eles não precisam se esconder, porque ela encontrou uma maneira de imbuir objetos com seu poder – uma evolução de nossas habilidades que nem Castle previu. O parque de campismo do Santuário é protegido por uma série de postes de seis metros de altura que fazem fronteira com as bordas da clareira. Fundidos com o poder de Nouria, as luzes funcionam juntas como uma barreira que torna impossível olhar na direção do acampamento. Ela diz que suas habilidades não só têm o poder de cegar, mas que ela também pode usar a luz para distorcer os sons. Então eles vivem aqui, ao ar livre, suas palavras e ações protegidas à vista. Somente quem conhece o local pode encontrar o caminho até aqui.

Nouria diz que a ilusão os mantém seguros por anos.

O sol começa a descer enquanto seguimos em direção ao acampamento – o vasto e incomum campo verde pontilhado de barracas cor de creme – e a cena é tão deslumbrante que não consigo deixar de apreciar a paisagem. Raios de fogo no céu, luz dourada inundando o ar e a terra. Parece bonito e sombrio, e eu tremo quando uma rajada de vento envolve meu corpo.

Ella pega minha mão.

Eu olho para ela, surpreso, e ela sorri para mim, o sol desaparecendo brilhando em seus olhos. Eu sinto seu medo, sua esperança, seu amor por mim. Mas há algo mais também – algo como orgulho. É fraco, mas está lá e me deixa muito feliz em vê-la assim. Ela *deveria* estar orgulhosa. Eu posso falar por mim mesmo, pelo menos, quando digo que nunca fiquei tão orgulhoso dela. Mas eu sempre soube que ela iria para a grandeza. Não me surpreende, mesmo depois de tudo o que ela passou – depois de todos os horrores que ela teve que enfrentar – ela ainda consegue inspirar o mundo. Ela é uma das pessoas mais fortes que eu já conheci. Meu pai pode estar de volta dos mortos e o Setor 45 pode estar fora de nossas mãos, mas o impacto

de Ella não pode ser ignorado. Nouria diz que ninguém realmente acreditava que ela estava realmente morta, mas agora que é oficial – agora que se espalhou a notícia de que Ella ainda está viva – ela se tornou mais notória do que nunca. Nouria diz que os ruídos subterrâneos já estão ficando mais fortes. As pessoas estão mais desesperadas para agir, envolver-se e enfrentar O Restabelecimento. Grupos de resistência estão crescendo. Os civis estão encontrando maneiras de ficar mais inteligentes – ficarem mais fortes juntos. E Ella deu a eles uma figura para se reunir. Todo mundo está falando sobre ela.

Ela se tornou um símbolo de esperança para muitos.

Eu aperto a mão de Ella, retornando seu sorriso, e quando suas bochechas coram de cor eu tenho que lutar contra o desejo de puxá-la em meus braços.

Ela me surpreende mais a cada dia.

Minha conversa com Kenji ainda está, apesar de tudo, na linha de frente da minha mente. As coisas sempre parecem tão desesperadas nos dias de hoje que sinto uma insistência nova e incômoda de que essa janela de calma pode ser minha única chance de felicidade. Estamos quase constantemente em guerra, lutando por nossas vidas ou fugindo – e não há garantia de futuro. Nenhuma garantia de que vou viver para ver outro ano. Nenhuma promessa de envelhecer. Isso me faz sentir li...

Eu paro, de repente, e Ella quase tropeça.

— Você está bem? — Ela diz, apertando minha mão.

Eu concordo. Eu ofereço a ela um sorriso distraído e um pedido de desculpas quando começamos a andar de novo, mas...

Eu corro os números mais uma vez.

Finalmente, eu digo, sem olhar para cima: — Alguém sabe que dia é?

E alguém responde, uma voz do grupo que eu não posso me incomodar em identificar, confirmando o que eu já achei que poderia ser verdade. Meu pai não estava mentindo.

Amanhã é meu aniversário.

Eu terei vinte anos.

Amanhã.

A revelação troveja através de mim. Este aniversário parece mais um marco do que o habitual, porque minha vida, exatamente um ano atrás, estava quase irreconhecível. Quase tudo na minha vida é diferente agora. Um ano atrás eu era uma pessoa diferente. Eu estava em um relacionamento terrível e

autodestrutivo com uma pessoa diferente. Um ano atrás, minha ansiedade era tão incapacitante que cinco minutos a sós com minha própria mente me deixariam em espiral por dias. Eu confiava inteiramente em minhas rotinas e horários para me manter preso aos horrores intermináveis do meu trabalho e suas exigências. Eu era inflexível além da razão. Eu estava pendurado na humanidade por um fio. Eu me sentia selvagem e quase fora da minha mente, o tempo todo. Meus pensamentos e medos particulares eram tão escuros que passei quase todas as minhas horas livres me exercitando, no meu campo de tiro, ou nas entranhas do Setor 45, executando simulações de treinamento que, não tenho orgulho em admitir, projetei especificamente para experimentar me matando, de novo e de novo.

Isso foi um ano atrás. Menos de um ano atrás. De alguma forma, parece que foi há uma vida inteira. E quando eu penso em quem eu era e no que essa versão de mim mesmo achava que minha vida seria hoje...

Eu me sinto intenso e profundamente humilde.

Hoje não é para sempre. Felicidade não acontece. A felicidade deve ser descoberta, separada da pele da dor. Deve ser reivindicada. Mantinha por perto.

Protegida.

— Você preferiria uma chance de tomar banho e se trocar antes de se reunir com os outros? — Nouria está dizendo.

Sua voz é nítida e clara e isso me sacode do meu devaneio.

— Sim — eu digo rapidamente. — Eu realmente aprecio o tempo para descansar.

— Sem problemas. Nos encontramos para jantar na tenda principal em duas horas. Eu vou te mostrar suas novas residências. — Ela hesita. — Eu espero que você me perdoe por ser presunçosa, mas eu assumi que vocês dois… — ela olha para mim e Ella. — Gostariam de compartilhar um espaço. Mas claro, se isso não for...

— Sim, obrigada — diz Ella rapidamente. Suas bochechas já estão rosadas. — Somos gratos por sua consideração.

Nouria acena com a cabeça. Ela parece satisfeita. E então ela se vira para Kenji e Nazeera e diz: — Se vocês quiserem, posso me organizar para entrar em seus quartos separados para que…

Kenji e Nazeera respondem ao mesmo tempo.

— O que? Não.

— Absolutamente não.

— *Ah*, eu sinto muito — diz Nouria rapidamente. — Me desculpe. Eu não deveria ter assumido.

Pela primeira vez, Nazeera parece confusa. Ela mal consegue pronunciar as palavras quando diz: — Por que você acha que queremos dividir um quarto?

Nouria balança a cabeça. Ela compartilha um olhar rápido e confuso com Castle, mas parece subitamente mortificada.

— Eu não sei. Eu sinto muito... vocês pareciam...

— Quartos separados são perfeitos — diz Kenji, rispidamente.

— Ótimo — Nouria diz um pouco brilhante demais. — Eu vou liderar o caminho.

E eu assisto, divertido, enquanto Castle tenta e não consegue esconder um sorriso.

Nossa residência, como Nouria chamou, é mais do que eu poderia esperar. Eu pensei que nós estaríamos acampando; em vez disso, dentro de cada tenda há uma casa em miniatura e independente. Há uma cama, uma pequena área de estar, uma pequena cozinha e uma sala de banho completa. O mobiliário é de reposição, mas brilhante, bem feito e limpo.

E quando Ella entra, tira os sapatos e se joga de costas na cama, quase posso nos imaginar juntos – talvez, algum dia – em nossa própria casa. O pensamento envia uma onda de euforia desorientadora através do meu corpo.

E então, medo.

Parece um destino tentador até mesmo esperar por uma felicidade como essa. Mas há outra parte de mim, uma parte pequena, mas insistente de mim, que se apega a essa esperança, no entanto. Ella e eu superamos o que eu pensava ser impossível. Eu nunca sonhei que ela ainda me amaria uma vez que ela soubesse tudo sobre mim. Nunca sonhei que o desgosto e os horrores dos acontecimentos recentes apenas nos aproximassem, ou que meu amor por ela pudesse, de alguma forma, aumentar dez vezes em duas semanas. Eu cresci pensando que as alegrias deste mundo eram para outras pessoas desfrutarem. Eu tinha certeza de que estava fadado a uma vida desolada e solitária, para sempre banido do contentamento oferecido pela conexão humana.

Mas agora...

Ella boceja silenciosamente, abraçando um travesseiro contra o peito

enquanto se curva de lado. Seus olhos se fecham.

Um sorriso puxa minha boca enquanto a vejo.

Ainda estou espantado com a forma como a visão dela pode me trazer tanta paz. Ela se desloca, novamente, enterrando-se mais profundamente nos travesseiros, e percebo que ela deve estar exausta. E por mais que eu gostasse de puxá-la para os meus braços, eu decidi dar-lhe espaço. Afasto-me em silêncio e, em vez disso, aproveito o tempo para explorar o resto de nossa nova casa temporária.

Ainda estou surpreso com o quanto eu gosto disso.

Temos mais privacidade aqui, nessas novas sedes, do que jamais tivemos antes. Mais liberdade. Aqui, eu sou um visitante, bem-vindo para tomar meu tempo tomando banho e descansando antes do jantar. Ninguém espera que eu lidere o mundo deles. Eu não tenho correspondência para responder. Não há tarefas terríveis para atender. Nenhum civil para supervisionar. Nenhum inocente para torturar. Sinto-me muito mais livre agora que alguém tomou as rédeas.

É estranho e maravilhoso.

É tão bom ter espaço com Ella – espaço literal e figurado – para sermos nós mesmos, para ficar juntos, para simplesmente ser e respirar. Ella e eu dividimos meu quarto quando estávamos na base, mas nunca me senti em casa lá. Tudo estava frio, estéril. Eu odiava esse prédio. Odiava aquele quarto. Odiava cada minuto da minha vida. Essas paredes – meu quarto pessoal – eram sufocantes, impregnadas de lembranças terríveis. Mas aqui, embora o quarto seja pequeno, os quartos apertados conseguem ser aconchegantes. Este lugar parece fresco e novo e sereno. O futuro não parece improvável aqui. A esperança não parece ridícula.

Parece uma chance de começar de novo.

E não parece perigoso sonhar que um dia Ella possa ser minha em todos os sentidos. Minha esposa. Minha família. Meu futuro.

Eu nunca ousei pensar nisso.

Mas minha esperança é apagada tão rapidamente quanto apareceu. Os avisos de Kenji passam pela minha mente e me sinto repentinamente agitado. Aparentemente, propor a Ella é mais complicado do que eu pensava que poderia ser. Aparentemente eu preciso de algum tipo de plano. Um anel. Um momento em um joelho. Tudo parece ridículo para mim. Eu nem sei porque soa ridículo, exatamente, só que não parece como eu. Eu não sei como fazer

uma performance. Eu não quero fazer uma cena. Eu acho doloroso ser tão vulnerável na frente de outras pessoas ou em um ambiente desconhecido. Eu não saberia o que fazer comigo mesmo.

Ainda assim, esses problemas parecem superáveis na busca de uma eternidade com ela. Eu ficaria de joelhos se Ella quisesse. Eu proponho em uma sala cheia de seus amigos mais próximos, se é disso que ela precisa.

Não, meu medo é algo muito maior que isso.

A coisa que Kenji me disse hoje, que me sacudiu em meu núcleo, foi a possibilidade de que Ella pudesse dizer não. É inconcebível que nunca me ocorreu que ela poderia dizer não.

Claro que ela poderia dizer não.

Ela poderia estar desinteressada por qualquer número de razões. Ela pode não estar pronta, por exemplo. Ou ela pode não estar interessada na instituição do casamento como um todo. Ou, penso eu, ela simplesmente pode não querer se amarrar a mim de maneira tão permanente.

O pensamento envia um arrepio pelo meu corpo.

Suponho que supus que ela e eu estivéssemos na mesma página, emocionalmente. Mas minhas suposições neste departamento me colocaram em dificuldades mais vezes do que eu gostaria de admitir, e as apostas são altas demais agora para não levar as preocupações de Kenji a sério. Não estou preparado para reconhecer o dano que causaria em meu coração se ela rejeitasse minha proposta.

Eu respiro fundo e profundamente.

Kenji disse que preciso de um anel para ela. Até agora ele tem razão sobre a maioria das coisas que eu fiz de errado em nosso relacionamento, então estou inclinado a acreditar que ele pode ter um ponto. Mas eu não tenho ideia de onde eu poderia conjurar um anel em um lugar como este. Talvez se estivéssemos em casa, onde eu estivesse familiarizado com a área e seus artesãos...

Mas aqui?

É quase demais pensar agora.

Há muito o que pensar, de fato, que eu não consigo acreditar que estou considerando algo assim – em um momento como esse. Eu não tive nem um momento para reconciliar a aparente regeneração de meu pai, ou literalmente qualquer uma das outras revelações novas e ultrajantes que nossas famílias nos lançaram. Estamos no meio de uma luta pelas nossas vidas; nós estamos

lutando pelo futuro do mundo.

Eu aperto meus olhos fechados. Talvez eu seja mesmo um idiota.

Cinco minutos atrás, o fim do mundo parecia o motivo certo para propor: levar tudo o que posso neste mundo transitório – e não sofrer nada. Mas, de repente, parece que isso pode ser uma decisão impulsiva. Talvez este não seja o momento certo, afinal.

Talvez Kenji estivesse certo. Talvez eu não esteja pensando claramente. Talvez perdendo Ella e recuperando todas essas memórias…

Talvez isso tenha me deixado irracional.

Eu empurro a parede, tentando limpar a minha cabeça. Ando pelo resto do pequeno espaço, faço um balanço de tudo em nossa tenda e olho para o banheiro. Fico aliviado ao descobrir que há encanamento real. Na verdade, quanto mais eu olho em volta, mais percebo que isso não é uma tenda. Há pisos e paredes reais e um único teto abobadado nesta sala, como se cada unidade fosse na verdade um prédio pequeno e independente. As barracas parecem estar sobre toda a estrutura – e eu me pergunto se elas servem a um propósito mais prático que não é imediatamente óbvio.

Vários anos, disse Nouria.

Vários anos eles viveram aqui e fizeram disso sua casa. Eles realmente encontraram uma maneira de fazer algo do nada.

O banheiro é um bom tamanho, espaçoso o suficiente para duas pessoas para compartilhar, mas não grande o suficiente para uma banheira. Mesmo assim, quando nos aproximamos da clareira, eu nem tinha certeza se eles teriam instalações adequadas ou água corrente, então isso é mais do que eu poderia esperar. E quanto mais eu olho para o chuveiro, mais fico subitamente desesperado para enxaguar essas semanas da minha pele. Eu sempre me esforcei para permanecer limpo, mesmo na prisão, mas já faz muito tempo desde que eu tomei um banho quente com água corrente e firme, e mal posso resistir à tentação agora. E eu já tirei a maioria das minhas roupas quando ouvi Ella chamar meu nome, sua voz ainda sonolenta sendo transmitida do que serve como nosso quarto. Ou espaço na cama. Não é realmente um quarto, tanto quanto é uma área designada para uma cama.

— Sim? — Eu digo de volta.

— Onde você está? — Ela diz.

— Eu pensei que eu poderia tomar um banho — eu tentei dizer sem gritar. Acabei de sair da minha cueca e entrar no chuveiro, mas viro os

indicadores na direção errada e a água fria sai do chuveiro. Eu pulo para trás enquanto me apresso em desfazer o meu erro, e quase colido com Ella no processo.

Ella, que de repente está de pé atrás de mim.

Não sei se é um hábito, instinto ou autopreservação, mas pego uma toalha de uma prateleira próxima e a pressiono rapidamente contra o corpo exposto. Eu nem entendo porque eu estou subitamente autoconsciente. Eu nunca me sinto desconfortável na minha própria pele. Eu gosto do jeito que eu pareço nu.

Mas esse momento não era o que eu esperava e me sinto indefeso.

— Oi, amor — eu digo, respirando rapidamente. Eu lembro de sorrir. — Eu não vi você de pé aí.

Ella cruza os braços, fingindo estar com raiva, mas eu posso ver o esforço que ela está fazendo para lutar contra um sorriso.

— Aaron — diz ela severamente. — Você ia tomar um banho sem mim?

Minhas sobrancelhas voam para cima, surpreso.

Por um momento, não sei o que dizer. E então, com cuidado: — Você gostaria de se juntar a mim?

Ela se aproxima, envolve seus braços em volta da minha cintura e olha para mim com um sorriso doce e secreto. O olhar em seus olhos é o suficiente para me fazer pensar em deixar cair a toalha.

Eu sussurro o nome dela, meu coração pesado de emoção.

Ela me puxa para mais perto, tocando suavemente seus lábios no meu peito, e eu fico desconfortavelmente parado. Seus beijos crescem mais intensos, seus lábios deixando um rastro de fogo em meu peito, descendo pelo meu torso, e me sentimentos correm pelas minhas veias, me deixa em chamas. De repente eu esqueço porque eu estava segurando uma toalha.

Eu nem sei quando cai no chão.

Eu deslizo meus braços ao redor dela, a envolvo. Ela parece incrível, seu corpo se encaixa perfeitamente em mim, e eu inclino seu rosto para cima, minha mão pega em algum lugar atrás de seu pescoço e na base de sua mandíbula e eu a beijo, suave e lentamente, calor enchendo meu sangue com velocidade perigosa. Eu a puxo com mais força e ela engasga, tropeça e dá um passo acidental para trás e eu a pego, pressionando-a contra a parede atrás dela. Eu alcanço a bainha de seu vestido e, em um movimento suave, puxo para cima, minha mão deslizando sob o tecido para roçar a pele lisa de sua

cintura, para agarrar seu quadril com força. Eu separo suas pernas com minha coxa e ela faz um som suave e desesperado em sua garganta e faz algo para mim, senti-la assim, ouvi-la assim… ser agredido por ondas infinitas de seu prazer e desejo...

Isso me deixa *louco*.

Eu enterro meu rosto em seu pescoço, minhas mãos subindo, sob seu vestido para sentir sua pele, quente e macia e sensível ao meu toque. Eu senti muito a falta dela. Senti falta do corpo dela sob minhas mãos, senti falta do cheiro de sua pele e do sussurro suave de seu cabelo contra o meu corpo. Beijo seu pescoço, tentando ignorar a tensão em meus músculos ou a pressão dura e desesperada que me leva em direção a ela, em direção à loucura.

Há uma dor se expandindo dentro de mim e exigindo mais, exigindo que eu a vire e me perca nela aqui, agora, e ela sussurra: — Como... Como você sempre parece tão bem? — Ela está se agarrando a mim, com os olhos semicerrados, mas brilhantes de desejo. Seu rosto está corado. Suas palavras são pesadas quando ela diz: — Como você sempre faz isso comigo?

Eu me separo dela.

Eu dou dois passos para trás e estou respirando com dificuldade, tentando recuperar o controle de mim mesmo enquanto seus olhos se arregalam, seus braços ficando subitamente imóveis.

— Aaron — diz ela. — O que foi...

— Tire o seu vestido — eu digo baixinho.

A compreensão desperta em seus olhos.

Ela não diz nada, só olha para mim, com cuidado, enquanto assisto, aprisionado por uma forma aguda de agonia. Suas mãos estão tremendo, mas seus olhos estão dispostos, carentes e nervosos. Ela empurra o material para baixo, passando por seus ombros e deixa cair no chão. Eu a bebo quando ela sai do vestido, minha mente correndo.

Linda, eu penso. *Tão linda*.

Meu pulso é selvagem.

Quando eu peço a ela, ela solta o sutiã. Momentos depois, a calcinha dela se une o sutiã no chão e eu não consigo desviar o olhar dela, minha mente incapaz de processar a perfeição dessa felicidade. Ela é tão impressionante que mal consigo respirar. Eu mal posso imaginar que ela é minha, que ela me quer, que ela me ama. Eu não posso nem me ouvir pensar sobre a onda de sangue em meus ouvidos, meu coração batendo tão rápido e forte que parece

bater no meu crânio. A visão dela em pé na minha frente, vulnerável e corada de desejo, está fazendo coisas loucas e desesperadas em minha mente. Deus, as fantasias que eu tenho sobre ela. Os lugares que minha mente foi.

Eu dou um passo à frente e a pego e ela engasga, surpresa, agarrando-se desesperadamente ao meu pescoço enquanto coloco suas pernas ao redor da minha cintura, meus braços se acomodando sob suas coxas. Adoro sentir o peso de suas curvas suaves. Eu amo tê-la tão perto de mim. Eu amo seus braços em volta do meu pescoço e o aperto de suas pernas em volta dos meus quadris. Eu amo como ela está pronta, suas coxas já separadas, cada centímetro dela pressionada contra mim. Mas então ela passa as mãos pelas minhas costas nuas e eu tenho que resistir ao impulso de recuar. Eu não quero ser autoconsciente sobre as cicatrizes no meu corpo. Eu não quero que nenhuma parte de mim esteja fora dos limites para ela. Quero que ela me conheça exatamente como sou e, por mais difícil que seja, me permito aliviar seu contato, fechando os olhos enquanto ela arrasta as mãos para cima, sobre meus ombros, meus braços.

— Você é tão lindo — ela diz suavemente. — Estou sempre surpresa. Não importa quantas vezes eu te veja sem suas roupas, eu estou sempre surpresa. Não parece justo que alguém seja tão lindo.

Ela olha para mim, olha para mim como se esperasse uma resposta, mas eu não posso falar. Temo que possa estilhaçar se o fizer. Eu a quero com uma necessidade desesperada que eu nunca soube antes – uma necessidade desesperada e dolorosa tão avassaladora que ameaça me consumir. Eu preciso dela. Preciso disso. Agora. Eu respiro fundo, instável, e a levo para o chuveiro.

Ela grita.

A água quente nos atinge rápido e forte e eu a pressiono contra a parede do chuveiro, me perdendo nela de uma maneira que nunca fiz antes. Os beijos são mais profundos, mais desesperados. O calor, mais explosivo. Tudo entre nós parece selvagem, cru e vulnerável.

Eu perco a noção do tempo.

Não sei há quanto tempo estamos aqui. Eu não sei quanto tempo eu me perdi nela quando ela gritou, apertando meus braços com tanta força que suas unhas cravaram na minha pele, seus gritos abafados contra o meu peito. Eu me sinto fraco, instável quando ela cai em meus braços; Estou intoxicado pelo poder puro e impressionante de suas emoções: infinitas ondas de amor e

desejo, amor e bondade, amor e alegria, amor e ternura. Tanta ternura.

É quase demais.

Eu dou um passo para trás, me apoiando contra a parede enquanto ela pressiona sua bochecha contra meu peito e me segura, nossos corpos molhados e pesados com sentimento, nossos corações batendo com algo mais poderoso do que eu jamais imaginei ser possível. Eu beijo a curva do ombro dela, a nuca dela. Eu esqueço onde estamos e tudo o que resta para fazer e eu apenas me seguro, a água quente correndo pelos meus braços, meus membros ainda tremendo, aterrorizados demais para deixá-la ir.

Eu acordo com um empurrão.

Depois que saímos do banho, Aaron e eu nos secamos, subimos na cama sem dizer uma palavra e adormecemos prontamente.

Eu não tenho ideia de que horas são.

O corpo de Aaron está enrolado em volta do meu, um dos braços dele embaixo da minha cabeça, o outro em volta da minha cintura. Seus braços são pesados, e o peso dele é tão bom – me faz sentir tão segura – que, por um lado, eu nunca mais quero me mexer. Por outro lado...

Eu sei que provavelmente devemos sair da cama.

Eu suspiro, odiando acordá-lo – ele parece tão cansado – e eu me viro lentamente em seus braços.

Ele só me puxa mais apertado.

Ele se desloca de modo que seu queixo descansa na minha cabeça; meu rosto agora está pressionado suavemente contra sua garganta, e eu respiro ele, correndo minhas mãos ao longo das linhas fortes e profundas de músculos em seus braços. Tudo sobre ele parece cru. Poderoso. Há algo selvagem e aterrorizado em seu coração e, de alguma forma, saber disso só me faz amá-lo mais. Eu traço as linhas de suas omoplatas, a curva de sua espinha. Ele se mexe, mas só um pouco, e enterra o rosto no meu cabelo, me inspirando.

— Não vá — ele diz baixinho.

Eu inclino minha cabeça, gentilmente beijo a coluna de sua garganta.

— Aaron — eu sussurro. — Eu não vou a lugar nenhum.

Ele suspira. Diz: — Bom.

Eu sorrio.

— Mas nós provavelmente deveríamos sair da cama. Temos que ir jantar. Todos estarão esperando por nós.

Ele sacode a cabeça, mal. Faz um som de desaprovação em sua garganta.

— Mas...

— Não — e então, habilmente, ele me ajuda a me virar. Ele me abraça perto de novo, minhas costas pressionadas contra o peito dele. Sua voz é suave, rouca de desejo quando ele diz: — Deixe-me aproveitar você, amor. Você parece tão bem.

E eu cedi. Derramei-me de volta em seus braços.

A verdade é que eu amo mais esses momentos. O

contentamento silencioso. A paz. Eu amo o peso dele, a sensação dele, seu corpo nu em volta do meu. Eu nunca me sinto mais perto dele do que assim, quando não há nada entre nós.

Suavemente, ele beija minha têmpora. Me puxa, de alguma forma, ainda mais apertado. E seus lábios estão no meu ouvido quando ele diz: — Kenji disse que eu deveria te dar um anel.

Eu endureço, confusa. Tento me virar quando eu digo: — O que você quer dizer?

Mas Aaron alivia meu corpo de volta. Ele descansa o queixo no meu ombro. Suas mãos descem pelos meus braços, traçam a curva dos meus quadris. Ele beija meu pescoço uma vez, duas vezes, tão suavemente.

— Eu sei que estou fazendo isso errado — diz ele. — Eu sei que não sou bom nesse tipo de coisa, amor, e espero que você me perdoe por isso, mas eu não sei como fazer isso — uma pausa. — E eu estou começando a pensar que isso pode me matar se eu não fizer isso.

Meu corpo está congelado, mesmo quando meu coração bate furiosamente no meu peito.

— Aaron — eu digo, mal ousando respirar. — Do que você está falando?

Ele não diz nada.

Eu me viro de novo e, desta vez, ele não me impede. Seus olhos brilham com emoção, e eu assisto o movimento suave em sua garganta enquanto ele engole. Um músculo salta em sua mandíbula.

— Case-se comigo — ele sussurra.

Eu olho para ele, descrença e alegria colidindo. E é o olhar dele – o olhar esperançoso e aterrorizado em seus olhos – que quase me mata.

Eu estou de repente chorando.

Eu bato minhas mãos no meu rosto. Um soluço escapa da minha boca.

Suavemente, ele tira minhas mãos do meu rosto.

— Ella? — ele diz, suas palavras dificilmente um sussurro.

Eu ainda estou chorando quando eu coloco meus braços em volta do seu

pescoço, ainda chorando quando ele diz, um pouco nervosamente: — Querida, eu realmente preciso saber se isso significa sim ou não.

— Sim — eu choro, um pouco histérica. — Sim. Sim para tudo com você. Sim para sempre com você. *Sim*.

Warner

Isso é alegria?

Eu acho que isso pode me matar.

— Aaron?

— Sim amor?

Ela pega meu rosto em suas mãos e me beija, me beija com um amor tão profundo que libera meu cérebro de sua prisão. Meu coração começa a bater violentamente.

— Ella — eu digo. — Você vai ser minha esposa.

Ela me beija de novo, chorando de novo, e de repente eu não me reconheço. Eu não reconheço minhas mãos, meus ossos, meu coração. Eu me sinto novo. Diferente.

— Eu te amo — ela sussurra. — Eu te amo tanto.

— Você pode me amar em tudo parece algum tipo de milagre.

Ela sorri, mesmo quando ela balança a cabeça.

— Isso é ridículo — diz ela. — É muito fácil amar você.

E eu não sei o que dizer. Eu não sei como responder.

Ela não parece se importar.

Levo-a para perto, beijo-a novamente e perco-me no gosto e na sensação dela, na fantasia do que poderíamos ter. O que nós podemos ser. E então eu puxo-a suavemente para o meu colo e ela atravessa meu corpo, acomodando-se sobre mim até que estamos pressionados juntos, sua bochecha contra o meu peito. Eu envolvo meus braços ao redor dela, espalho minhas mãos ao longo de suas costas. Eu sinto sua respiração suave na minha pele, seus cílios fazendo cócegas no meu peito enquanto ela pisca, e eu decido que nunca, nunca vou sair desta cama.

Um silêncio feliz e maravilhoso se instala entre nós.

— Você me pediu em casamento — ela diz suavemente.

— Sim.

— Uau.

Eu sorrio, meu coração se encheu de repente com alegria inexprimível. Eu mal me reconheço. Não me lembro da última vez que sorri tanto assim. Eu não me lembro de ter sentido esse tipo de felicidade pura e aliviada.

Como se meu corpo pudesse flutuar sem mim.

Eu toco o cabelo dela gentilmente. Passo meus dedos pelos fios macios e sedosos. Quando eu finalmente me sento, ela se senta também, e ela cora quando olho para ela, hipnotizado pela visão dela. Seus olhos estão arregalados e brilhantes. Seus lábios cheios e rosas. Ela é perfeita, perfeita aqui, nua e linda em meus braços.

Eu pressiono minha testa na curva de seu ombro, meus lábios roçando sua pele.

— Eu amo você, Ella — eu sussurro. — Eu vou te amar pelo resto da minha vida. Meu coração é seu. Por favor, não me devolva.

Ela não diz nada pelo que parece uma eternidade.

Finalmente, sinto ela se mexer. Sua mão toca meu rosto.

— Aaron — ela sussurra. — Olhe para mim.

Eu sacudo minha cabeça.

— Aaron.

Eu olho para cima, lentamente, para encontrar seus olhos, e sua expressão é ao mesmo tempo triste, doce e cheia de amor. Eu sinto algo descongelar dentro de mim enquanto eu olho para ela, e quando ela está prestes a dizer algo, quando um sinal sonoro complicado ecoa pela sala.

Eu congelo.

Ella franze a testa. Olha ao redor.

— Isso soa como uma campainha — diz ela.

Eu gostaria de poder negar a possibilidade.

Eu me sento, mesmo que ela ainda esteja sentada no meu colo. Eu quero que esta interrupção termine. Eu quero voltar para a nossa conversa. Eu quero manter o meu plano original de passar o resto da noite aqui, na cama, com minha noiva perfeita e nua.

A campainha soa de novo e, desta vez, digo algo decididamente pouco cavalheiresco sob minha respiração.

Ella ri surpresa.

— Você acabou de praguejar?

— Não.

Um terceiro sinal sonoro. Desta vez, eu olho para o teto e tento limpar a minha cabeça. Tento me convencer a me mexer, a me vestir. Isso deve ser algum tipo de emergência, ou então...

De repente, uma voz: — Ouça, eu não queria vir, ok? Eu realmente não queria. Eu odeio ser esse cara. Mas o Castle me mandou vir buscar vocês porque vocês perderam o jantar. Está ficando super tarde e todo mundo está um pouco preocupado, e agora vocês nem estão atendendo a porta, e... Jesus Cristo, abra a porra da porta...

Eu não posso acreditar. Eu não posso acreditar que ele está aqui. Ele está sempre aqui, arruinando minha vida.

Eu vou *matá-lo.*

Eu quase tropeço tentando puxar minhas calças e chegar à porta ao mesmo tempo, mas quando o faço, eu puxo a porta aberta, praticamente arrancando-a de suas dobradiças.

— A menos que alguém esteja morto, morrendo ou nós estejamos sob ataque, eu quero que você tenha ido embora antes mesmo de eu terminar esta frase.

Kenji estreita os olhos para mim e depois passa por mim para o quarto. E eu estou tão atordoado por sua coragem que me leva um momento para perceber que vou ter que matá-lo.

— J? — Ele diz, olhando em volta enquanto entra. — Você está aqui?

Ella está segurando o lençol até o pescoço.

— Uh, oi — diz ela. Ela sorri nervosamente. — O que você está fazendo aqui?

— Ei, tudo bem se eu ainda te chamar de J? — ele diz. — Eu sei que seu nome é Ella e tudo mais, mas eu me acostumei a chamá-la de J, que parece certo, sabe?

— Você ainda pode me chamar de J — diz ela. E então ela franze a testa. — Kenji, o que há de errado?

Eu gemo.

— Saia — eu digo para ele. — Eu não sei porque você está aqui, e eu não me importo. Nós não queremos ser incomodados. *Para sempre*.

Ella me lança um olhar penetrante. Ela me ignora quando diz a Kenji: — Tudo bem. Eu me importo. Me diga o que está errado.

— Nada está errado — diz Kenji. — Mas eu sei que seu namorado não vai me ouvir, então eu queria que você soubesse que é quase meia-noite e nós

realmente precisamos que vocês vão para a tenda de jantar o mais rápido possível, ok? — Ele lança um olhar carregado para Ella, e seus olhos se arregalam. Ela acena com a cabeça. Eu sinto uma onda súbita de excitação passar por ela, e isso me deixa confuso.

— O que está acontecendo? — Eu digo.

Mas Kenji já está se afastando.

— Irmão, você realmente precisa, tipo, comer uma pizza ou algo assim — diz ele, batendo no meu ombro enquanto sai. — Você tem muitos músculos.

— O quê? — Minhas sobrancelhas se juntam. — Isso não é...

— Estou *brincando* — Kenji diz, parando na porta pouco antes de sair. — Brincando — ele diz novamente. — Foi uma piada. Jesus.

E então ele bate a porta atrás dele. Eu me viro.

— O que está acontecendo? — Eu digo novamente.

Mas ela apenas sorri.

— Devemos nos vestir.

— Ella...

— Eu prometo que vou explicar assim que chegarmos lá.

Eu sacudo minha cabeça.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só estou muito animada para ver todos do Ponto Ômega novamente, e todos eles estão esperando por nós na tenda de jantar. — Ela sai da cama ainda segurando o lençol em seu corpo, e eu tenho que apertar meus punhos para não puxá-lo para longe dela. De prendê-la contra a parede.

E antes que eu tenha a chance de responder, ela desaparece no banheiro, o lençol arrastando no chão enquanto ela vai.

Eu a sigo.

Ela está procurando por suas roupas, alheia à minha presença, mas seu vestido está no chão em um canto que ela ainda não vislumbrou, e eu duvido que ela queira colocar o vestido ensanguentado de qualquer maneira. Devo dizer a ela que encontrei uma gaveta cheia de roupas simples e normais que provavelmente podemos pedir emprestado.

Talvez mais tarde.

Por enquanto, eu passo atrás dela, deslizo minhas mãos ao redor de sua cintura. Ela se assusta e o lençol cai no chão.

— Ella — eu digo baixinho, puxando seu corpo contra o meu. — Querida, você tem que me dizer o que está acontecendo.

Eu a viro devagar. Ela olha para baixo, surpresa – sempre surpresa – pela visão de seu corpo nu.

— Eu não tenho roupas — ela sussurra.

— Eu sei — eu digo, sorrindo enquanto corro minhas mãos pelas suas costas, apreciando sua suavidade, suas curvas perfeitas. Eu gostaria de poder guardar esses momentos. Eu gostaria de poder revisitá-los. Revivê-los. Ela estremece em meus braços e eu a puxo para mais perto.

— Não é justo — diz ela, envolvendo os braços em volta de mim. — Não é justo que você possa sentir as emoções. É impossível manter segredos de você.

— O que não é justo — eu digo. — É que você está prestes a colocar suas roupas e me forçar a deixar este quarto e eu não sei por quê.

Ela olha para mim, com os olhos arregalados e nervosos enquanto sorri. Eu posso sentir que ela está dilacerada, seu coração em dois lugares ao mesmo tempo.

— Aaron — ela diz baixinho. — Você não gosta de surpresas?

— Eu odeio surpresas.

Ela ri. Sacode a cabeça.

— Eu acho que deveria saber disso.

Eu olho para ela, minhas sobrancelhas levantadas, ainda esperando por uma explicação.

— Eles vão me matar por dizer a você — diz ela. E então, ao olhar nos meus olhos... — Não… quero dizer, não literalmente. Mas apenas… — Finalmente, ela suspira. E ela não olha para mim quando ela diz...

— Estamos te dando uma festa de aniversário.

Estou certo de que a ouvi errado.

Juliette Ella

Deu mais trabalho do que eu imaginava para fazê-lo acreditar em mim. Ele queria saber como alguém sabia que amanhã era seu aniversário e como poderíamos ter planejado uma festa quando não tínhamos ideia de que íamos bater o avião aqui e por que alguém iria dar uma festa para ele e ele nem tinha certeza se gostava de festas e assim por diante.

E não foi até que literalmente atravessamos as portas da tenda de jantar e todos gritaram feliz aniversário para ele que ele finalmente acreditou em mim. Não foi muito, claro. Nós realmente não tínhamos tempo para nos preparar. Eu sabia que o aniversário dele estava chegando porque eu estava acompanhando isso desde o dia em que ele me contou o que seu pai costumava fazer com ele, todos os anos, em seu aniversário. Eu jurei a mim mesma que faria o que pudesse para substituir aquelas memórias por outras melhores. Que para sempre e sempre eu tentaria abafar a escuridão que havia inalado toda a sua jovem vida.

Eu disse a Kenji, quando ele me encontrou, que amanhã era o aniversário de Aaron, e eu o fiz prometer que, não importa o que acontecesse, quando o encontrássemos, encontraríamos um jeito de comemorar, de alguma forma.

Mas isso...

Isso era mais do que eu poderia esperar. Eu pensei que talvez, dadas as nossas limitações de tempo, nós só teríamos um grupo para cantar *Parabéns Pra Você* para ele, ou talvez comer sobremesa em sua homenagem, mas isso...

Há um bolo de verdade.

Um bolo com velas nele, esperando para serem acendidas.

Todos do Ponto Ômega estão aqui – todo o grupo de rostos familiares: Brendan e Winston, Sonya e Sara, Alia e Lily, e Ian e Castle. Só Adam e James estão desaparecidos, mas também temos novos amigos...

Haider está aqui. E Stephan. Nazeera.

E então há a nova resistência. Os membros do Santuário que ainda não conhecemos se apresentam, reunidos em torno de um único e modesto bolo. Lê-se:

FELIZ ANIVERSÁRIO WARNER

em glacê vermelho.

A glaçagem é um pouco desleixada. A cobertura é imperfeita. Mas quando alguém escurece as lâmpadas e acende as velas, Aaron fica de repente parado ao meu lado. Eu aperto a mão dele enquanto ele olha para mim, seus olhos em volta de uma nova emoção.

Há tragédia e beleza em seus olhos: algo estóico que se recusa a ser movido e algo infantil que não pode deixar de sentir alegria. Ele parece, em suma, como se ele estivesse com dor.

— Aaron — eu sussurro. — Está tudo bem?

Ele leva alguns segundos para responder, mas quando ele finalmente faz, ele balança a cabeça. Apenas uma vez, mas é o suficiente.

— Sim — ele diz suavemente. — Está tudo bem.

E eu me sinto relaxar.

Amanhã, haverá dor e devastação para enfrentar. Amanhã vamos mergulhar em um novo capítulo de dificuldades. Há uma guerra mundial. Uma batalha pelas nossas vidas – pelo mundo inteiro. Neste momento, pouco é certo. Mas esta noite, estou escolhendo celebrar. Vamos celebrar as pequenas e grandes alegrias. Aniversários e noivados. Nós vamos encontrar tempo para a felicidade. Porque como podemos nos opor à tirania se nós mesmos estamos cheios de ódio? Ou pior...

Nada?

Eu quero lembrar de comemorar mais. Eu quero lembrar de experimentar mais alegria. Eu quero me permitir ser feliz com mais frequência. Eu quero lembrar, para sempre, desse olhar no rosto de Aaron, enquanto ele está intimidado a soprar suas velas de aniversário pela primeira vez.

Isso é, afinal de contas, pelo que estamos lutando, não é?

Uma segunda chance de alegria.

Sobre a Autora



Photo by Tana Gandhi

TAHEREH MAFI é autora *best-seller* do *New York Times* e *do USA Today*

por *Uma Extensão Muito Grande de Mar*, a série *Estilhaça-me*, *Além da Magia* e *A Magia do Inverno*. Ela geralmente pode ser encontrada sob altas doses de café e presa em um livro.

Você pode encontrá-la online em qualquer lugar com @TaherehMafi ou em www.taherehbooks.com.

Discover great authors, exclusive offers, and more at hc.com.

Livros Por Tahereh Mafi

Estilhaça-me
Liberta-me
Incendeia-me

Destrua-me
Fragmenta-me

Estilhaça-me Coleção Completa

Restaura-me
Desafie-me

Sombra-me

Uma Extensão Muito Grande de Mar

Furthermore
Whichwood

Back Ad



DISCOVER
your next favorite read

MEET
new authors to love

WIN
free books

SHARE
infographics, playlists, quizzes, and more

WATCH
the latest videos

www.epicreads.com

Copyright

DEFY ME. Copyright © 2019 by Tahereh Mafi. All rights reserved under International and Pan-American Copyright Conventions. By payment of the required fees, you have been granted the nonexclusive, nontransferable right to access and read the text of this e-book on-screen. No part of this text may be reproduced, transmitted, downloaded, decompiled, reverse-engineered, or stored in or introduced into any information storage and retrieval system, in any form or by any means, whether electronic or mechanical, now known or hereafter invented, without the express written permission of HarperCollins e-books.
www.epicreads.com

Cover art © 2019 by Colin Anderson, inspired by a photograph by Sharee Davenport (eyelashes by Christine Blackburne Photography)

Library of Congress Control Number: 2019931360
Digital Edition APRIL 2019 ISBN: 978-0-06-267641-2
Print ISBN: 978-0-06-267639-9
ISBN 978-0-06-288642-2 (special edition) ISBN 978-0-06-290696-0 (special edition) ISBN 978-0-06-289550-9 (special edition) ISBN 978-0-06-289084-9 (intl edition)

---

19 20 21 22 23 PC/LSCH 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

❖

FIRST EDITION

About the Publisher

Australia HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.
Level 13, 201 Elizabeth Street Sydney, NSW 2000, Australia
www.harpercollins.com.au
Canada HarperCollins Publishers Ltd Bay Adelaide Centre, East Tower 22
Adelaide Street West, 41st Floor Toronto, Ontario, Canada M5H 4E3
www.harpercollins.ca

India HarperCollins India A 75, Sector 57
Noida Uttar Pradesh 201 301
www.harpercollins.co.in

New Zealand HarperCollins Publishers New Zealand Unit D1, 63 Apollo Drive Rosedale 0632
Auckland, New Zealand www.harpercollins.co.nz
United Kingdom HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street London SE1 9GF, UK
www.harpercollins.co.uk

United States HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway New York, NY 10007
www.harpercollins.com